

CÉLESTIN FREINET

pedagogia do
bom senso

martinsfontes

Célestin Freinet

PEDAGOGIA DO BOM SENSO

Tradução: J BAPTISTA

Martins Fontes

São Paulo 2004

Título original.. LES DITS DE MATHIEU.
Copyright Delachaux et Niestlé, S.A. Neuchâtel; /967; 1973.
Copyright © 1985, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição: fevereiro de 1985

7ª edição: novembro de 2004

Tradução: J. BAPTISTA

Revisão e texto final: Monica Stahel

Produção gráfica: Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freinet, Célestin, 1896-1966.

Pedagogia do bom senso / Célestin Freinet ; tradução J. Baptista.
7. ed. — São Paulo : Martins Fontes, 2004. — (Psicologia e pedagogia.)

Título original: Les dits de Mathieu. ISBN 85-336-2014-4

1. Crianças — Desenvolvimento
2. Educação — Métodos experimentais
3. Educação — Filosofia I. Título. II. Série.

04-4243 CDD-370. 1

Índices para catálogo sistemático:

I. Educação : Filosofia 370.1

Todos os direitos desta edição para o Brasil reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3105 .6867

[e-mail: info@martinsfontes.com.br](mailto:info@martinsfontes.com.br)

<http://www.martinsfontes.com.br>

Sumário

Prólogo	9
1. Uma pedagogia de bom senso	11
Uma pedagogia de bom senso	11
Os caminhos da verdade	11
O perigo dos fazedores de nós	12
O bom agricultor, ou o ciclo da educação	13
O mestre e o aprendiz	14
As águias não sobem pela escada	14
2. Fazer brilhar o sol	16
Os aventureiros do Kon-Tiki	16
A história do cavalo que não está com sede	17
O cavalo não está com sede: então troquem a água do tanque!	18
Fazer a criança sentir sede	19
Em primeiro lugar fazer jorrar a fonte	19
Voltar ao seu ritmo	21
Um nada que é tudo	21
Esqueceram a maçã	22
A vida prepara-se pela vida	23
Nosso laboratório é a criança	23
Sejam humanos	24
3. O trabalho que ilumina	26
A bandeira azul, branca e vermelha	26
Antes — depois	26
Quero colhê-las!	27
O trabalho que ilumina	28
Por que trabalhar?	28
O trabalho em série	29

O trabalho em migalhas	29
Não faça trabalho inútil de soldado	30
No coração do homem	32
O tempo das farândolas	32
Engrenar na vida.....	33
Vá ao encontro da vida	34
O nosso trabalho nos unirá	34
4. A pedagogia de casaca	36
A pedagogia de casaca	36
Aqueles que não podem ser domesticados	36
Jogaram pedras nos lagos	37
O peso da servidão.....	38
Tratadores e educadores	39
Criação moderna ou campo de concentração	39
A escola do pioupiou.....	40
Cárceres de juventude cativa.....	40
Cuidado com o laminador!.....	42
Os falsos moedeiros do espírito.....	43
Madeira maciça ou aglomerado	43
Cuidado com o canto haxixe!.....	44
No desfiladeiro estéril	44
"Finja-se de morto!"	45
Liberados do rito!	45
Todos nós somos delinqüentes.....	46
5. Nunca largue as mãos	48
Nunca largue as mãos... antes de apoiar os pés!.....	48
Veja o Adriano	48
Tomar a frente do pelotão	49
Abra pistas.....	50
O olho mágico	50

Se o conhecimento.....	51
Fulgurantes!... ..	52
Escrito em pergaminho	52
A interrogação.....	53
Uma direção sensível	54
Educar ou domesticar	54
Que droga de ancinho!.....	55
A caneta escolar	56
Os "tagarelas"	56
Em forma!... com a vida e o trabalho.....	57
A observação por iluminação.....	58
O 3 não vem necessariamente depois do 2	59
Proibido para pedagogos.	59
2 mais 2 nem sempre são 4.....	60
Destrua as calhas!	60
A noção de velocidade	61
6. Os que andam sobre as mãos	62
Os que andam sobre as mãos	62
Devo permanecer apoiado nas mãos ou nos pés?.....	62
Inquietos e vacilantes.....	63
De pé e de quatro.....	63
Jogadores de pedrinhas	64
Deixai aqui toda a esperança	65
Será a escola templo ou canteiro de obras?	65
Será a escola canteiro de obras?.....	66
Será a escola caserna ou canteiro de obras?	67
Estufa quente ou ar livre?	67
Jardineiros e criadores	68
É forjando que nos tornamos ferreiros.....	69
Contar grão-de-bico	70

Desconfie da saliva!.....	71
Elimine a cátedra e arregace as mangas!.....	71
O "escolastismo"	72
Tire o chapéu para o passado, tire o casaco para o futuro!.....	73
Cachorro vira-lata e cães de raça	74
Há nascimentos que são eclosões.....	75
Calçado novo e sapatos usados.....	75
As minhas idéias atropelam-se na entrada.....	76
Aqueles que ainda fazem experiências.....	76
Uma mentalidade de construtores	77
7. Uma profissão que é fórmula de vida	79
Uma profissão que é fórmula de vida.....	79
Semeamos o grão das colheitas abundantes.....	79
A embriaguez dos triunfos	80
Pão e rosas	81
Ir às profundezas	81
O trabalhador homem.....	82
As preocupações do sargento	82
A volta das orelhas de burro	83
Evite a prova de força.....	84
Há várias moradas.....	85
Autocracia ou liberdade	85
Somos aprendizes	86
A profissão nos marca	86
8. E a luz se fez	88
No ano de 1959	88
O carreteiro atrasado	89
Uma pedagogia que já não ousa dizer seu nome	89
A verdadeira ciência psicológica	90
O frêmito da paz.....	91

Se eles mandam!	92
E a luz se fez!.....	92
A noite virá sempre cedo demais.....	93
Colocamos a nossa pedra.....	94
A vingança dos "realistas"	94

Prólogo

Durante cinco anos, publiquei na revista *L'Éducateur*, órgão pedagógico do nosso Instituto Cooperativo da Escola Moderna, uma página-guia que intitulei "Dits de Mathieu", em lembrança à rica personalidade do camponês-poeta-filósofo, herói do meu livro *L'éducation du travail*.

A inspiração desses *Dits* encontra-se aqui resumida, no título do capítulo 1: "Uma pedagogia de bom senso".

Minha longa experiência dos homens simples, das crianças e dos animais persuadiu-me de que as leis da vida são gerais, naturais e válidas para todos os seres. Foi a escolástica que complicou perigosamente o conhecimento dessas leis, fazendo-nos crer que o comportamento dos indivíduos não obedece senão a dados misteriosos, cuja paternidade é reivindicada por uma ciência pretensiosa, numa espécie de reduto a que a gente do povo, inclusive os professores primários, não tem acesso.

Para confirmar a nossa experiência, temos o exultante exemplo das pessoas sensatas de todos os tempos e de todas as raças que vão sempre muito mais longe na compreensão dinâmica dos homens do que os mais sábios autores de sistemas e de manuais contemporâneos. Sentimos que caminham com segurança por onde a falsa ciência só nos mostra dédalos e atalhos. Dir-se-ia que são guiadas por uma luz ideal, a qual ilumina em profundidade os aspectos móveis da vida. Descubrem e mobilizam forças que o engenho dos homens deveria explorar; e é por isso que a convivência com elas, através dos séculos, é sempre um enriquecimento apaziguador para os investigadores da verdade.

Foram alguns desses caminhos e dessas forças, foram algumas dessas evidências essenciais, que tentei detectar. Na complexidade dos temperamentos, no imbróglio de um meio em que se cruzam e se sobrepõem as pistas mais caprichosas, tentei reencontrar algumas das regras simples e eternas da vida.

Ao fazê-lo, e sem menosprezar a contribuição possível e desejável de uma verdadeira ciência da educação, procurei menos explicar do que orientar e me orientar. Coloquei, tateando, os meus sinais vermelhos e verdes. Experimentei-os para ter a certeza de que funcionavam bem. Verifiquei-lhes as virtudes enveredando prudente e experimentalmente pelas pistas recém-sinalizadas.

Alguns dos nossos letreiros já se tornaram familiares aos educadores: não se obriga a beber um cavalo que não está com sede — é na forja que nos tornamos ferreiros — fazer brilhar o sol — assumir a chefia do pelotão — estabelecer tiragem — deixar de fazer trabalho de soldado — não largar as mãos antes de firmar os pés, e tantos outros que você irá encontrar como títulos, ao longo das páginas desta modesta antologia.

Ao excesso de palavras de uma ciência que nos ultrapassa ou que nós ultrapassamos — às fórmulas que, para nós, eram apenas cabeçalhos obcecantes a serem memorizados —, substituímos a simplicidade elementar de uma trajetória que, por ser a vida, tende sempre a ultrapassar a si própria até um infinito, sendo a consciência que temos desse infinito ao mesmo tempo o nosso drama e a nossa grandeza. Voltamos a dar à pedagogia aquele aspecto familiar, misto de hesitações e de audácias, de receios e relâmpagos, de arco-íris, de risos e de lágrimas também. Voltamos a colocar a educação no próprio seio do devenir do homem.

O nosso mérito, aliás, não é tanto ter repetido, depois de tantos outros, estas verdades de sempre, como ter impregnado e vivificado com elas a prática das nossas aulas. Desejamos que, ao lê-las, nasça em você a dúvida, que você hesite como nós nas encruzilhadas e que, junto com milhares de pais e de

educadores que já transpuseram os sinais verdes, você se empenhe intrepidamente na reconsideração progressiva dos próprios fundamentos da nossa educação.

C. FREINET

1. Uma pedagogia de bom senso

Uma pedagogia de bom senso

Você vai procurar bem longe os elementos de base da sua pedagogia. Para isso são necessárias considerações intelectuais e vocábulos herméticos, cujo segredo só os universitários possuem. É tradição referir-se a Rabelais, Montaigne e J. J. Rousseau, para só falar dos pensadores cuja reputação é, há muito, inatacável.

Mas você tem certeza de que a maior parte dessas idéias que os intelectuais julgam ter descoberto não correm desde sempre entre o povo, e de que não foi o erro escolástico que lhes minimizou e deformou a essência, para monopolizá-la e subjugar-la?

Veja então como, entre o povo, são tratados e educados os pequenos animais: você encontrará aí a origem dos grandes princípios educativos aos quais estamos voltando lentamente, quase que de má vontade...

Nada de aprendizagem prematura, dirá o caçador. O cão novo demais se cansa e se desencoraja. As suas reações e o seu faro correm o risco de ficar perturbados para sempre.

Está certo que o cão tem que caçar para se formar, mas não demais ao sabor do seu capricho. A caça é uma coisa séria, para a qual o cão novo será treinado em companhia de cães excelentes, tendo apenas que seguir o exemplo deles.

Apetite e motivação: se você enche o seu cão de petiscos que não lhe são específicos, se fica gordo e cevado, por que você quer que ele cace?

E quando a lebre for apanhada não bastará pô-la logo na bolsa de caça. Há toda uma arte do caçador para satisfazer o cão, deixando-o morder o animal morto, mas limitando sua satisfação para fazê-lo compreender que não deve ser o único a aproveitar da pechincha.

Nunca se deve bater nos animais novos. Deixe-os ou faça com que sejam castigados por outra pessoa, se necessário; mas nunca será pelo medo que você alcançará seus fins.

E os apicultores lhe dirão: nada de gestos bruscos que despertam as reações de defesa dos animais com que você lida — confiança, bondade, ajuda e decisão.

E eu lhe digo que, se fôssemos procurar assim, na tradição popular, as práticas milenares do comportamento dos homens na educação dos animais, estaríamos em condições de escrever o mais simples e o mais seguro de todos os tratados de pedagogia.

Os caminhos da verdade

Como eram deliciosos os fins de março da nossa infância, quando os amentilhos floriam nos ramos vermelhos dos vimeiros e as primaveras e violetas nasciam na terra úmida que a neve mal havia abandonado!

E o barulho que fazíamos, nós, as nossas ovelhas e os nossos cachorros, quando levávamos, para

saltar pelos prados novos, nossos animais embriagados de sol e de liberdade!

Um bom pastor, pensávamos nós, avalia-se pela nitidez dos seus gritos, pelos latidos dos cães e pela decisão com que impõe uma ordem e uma disciplina de que ele é o grande ordenador. É verdade que sentíamos um prazer malicioso em fazer sentir essa autoridade, era uma espécie de inveja inconsciente que nos levava a contrariar o apetite natural dos nossos cordeiros... Ah! então você queria comer brotos macios... toma uma chibatada, para você aprender a se emancipar!

No entanto, eu fazia uma exceção para a minha querida Negrinha, com os seus dois cabritinhos de brincos, de que eu gostava tanto e que me pagavam na mesma moeda. A eles, eu não tinha de comandar; seguiam-me ou dançavam a sua alegria de viver, numa farândola deliciosa. E, se o cachorro tocasse neles, com que emoção eu os defenderia! Com que atenção baixava para eles os talos frágeis que eles mordiscavam, e colhia, nas moitas, os brotos macios que eles vinham comer da minha mão!

Ficava orgulhoso quando eles se saciavam e me gabava de nunca ter levantado a voz, pois ficavam sempre atentos aos meus gestos e aos meus cuidados.

Duas atitudes! Duas pedagogias!

Mas a Escola ri-se da humilde experiência dos pastores! Ela tem os seus imponentes e seculares caminhos, que escritores, sábios, administradores eminentes disseram ser caminhos da verdade: Nada de fraqueza afetiva! Manter a lei! Habituar os alunos a obedecer, mesmo, e sobretudo, quando a ordem dada contrariar suas tendências e desejos. É assim que se formam — se for preciso com as chibatadas e os cães — as personalidades fortes e as almas bem temperadas.

E se fossem caminhos de ilusão e de erro? Se qualquer velho pastor nos provasse, com a sua experiência decisiva, que nos estamos esgotando em vão numa luta desigual contra a natureza e a vida; se nos persuadíssemos, algum dia, da vaidade orgulhosa desta autoridade formal — material, intelectual e moral —, que o manejo hábil e impiedoso do chicote nos dá! Se reaprendêssemos a acariciar, amar e servir as crianças de caracóis loiros, a segurá-las pela mão nas passagens difíceis, a baixar para elas os galhos que não conseguem alcançar; a nos alegrar ao vê-las satisfeitas, ao fim do dia, com um alimento livremente colhido nas fontes generosas que teríamos feito brotar; se soubéssemos responder aos inquietos apelos dos alunos em dificuldade e nos acalmar com o espetáculo dos saltos de satisfação de seres que sobem até os cumes da cultura, por caminhos que não são forçosamente calvários, mas que são sempre caminhos de vida!

Se soubéssemos *ajudar* as nossas crianças a tornar-se homens!

O perigo dos fazedores de nós

O senhor está me perguntando — disse o velho pastor — se é um trabalho difícil conduzir o rebanho, de Saint-Jean até Saint-Michel, sem perdas nem danos, e garantir gordura boa e pêlo bonito aos animais?

Não é mais difícil do que manobrar a foice num campo de capim fino, ou carregar sacos de alfazema na albarda dos burros mansos. Só que os velhos pastores guardam os verdadeiros segredos dos seus êxitos e das suas conquistas, e nos orientam para caminhos acessórios, persuadindo-nos de que é necessário conhecer orações e magias, quando apenas o bom senso lhes bastou. Quanto aos carregadores de burros, acrescentam maliciosamente nós supérfluos às cordas da albarda, para nos fazerem crer que há uma ciência dos nós de que são eles os grandes mestres.

É certo que em qualquer ofício há uma técnica a ser dominada. E é dominada não com truques ou sortilégios, mas segundo leis simples e de bom senso, pois nunca há contradição entre ciência e técnica, por um lado, e bom senso e simplicidade, por outro. O investigador de gênio é sempre aquele que caminha

na direção da simplicidade e da vida.

E essas leis, todo o mundo as compreenderia se, apesar dos traçadores de pistas falsas e dos fazedores de nós, conseguisse redescobri-las e colocá-las, como sinais luminosos, nos cruzamentos dos grandes caminhos do conhecimento.

O que nos atrapalha e nos atrasa nesta investigação científica da verdade não é a dificuldade dos problemas a serem tratados, mas sim a obstinação diabólica com que, desde tenra idade, somos desviados do bom senso, alimentados de *Ersatz*¹, com que nos estragam o espírito com definições ou invocações, nos deformam o entendimento e a inteligência, levando-nos por falsos caminhos e ensinando-nos a fazer ou a desfazer nós!...

A verdade é que os nossos mestres e os seus servidores nunca têm interesse em que nós descubramos as leis claras da vida.

Vivem da obscuridade e do erro... e é sempre apesar deles e contra eles que realizamos a nossa cultura.

Não cabe a mim dizer-lhe como você poderá descobrir e ensinar essas leis naturais e universais que lhe abrirão depressa, e definitivamente, as leis do Conhecimento e da Humanidade. O que eu sei é que elas existem e que aqueles que as possuem têm todos o mesmo ar de sabedoria e de segurança, de calma e de simplicidade, e de generosidade também, que lemos no rosto dos velhos pastores, nas mãos intuitivas dos curandeiros, nos olhos profundos do sábio, nas decisões e na ação dos militantes devotados, nas palavras dos sensatos... e na espantosa confiança das crianças na aurora da vida.

O bom agricultor, ou o ciclo da educação

A educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida.

Há agricultores ditos modernos ou científicos que se gabam de obter uma boa colheita, quaisquer que sejam as condições do solo, do clima, da luz ou do esterco. Mas que abundância de enxofre e arseniatos, de inseticidas e caldas! Se isso não é suficiente, escondem-se os cachos de uvas em saquinhos protetores e colhe-se a pêra ainda verde, para guardá-la sobre uma camada de algodão onde amadurecerá à vontade.

O fruto está salvo, e tem bom valor de mercado. Mas está tão impregnado de tóxicos, que se torna veneno para quem o consome. E a árvore que o deu, esgotada e ferida antes do tempo, seca antes mesmo de ter ousado lançar para o céu os seus braços audaciosos.

É já na semente, ou no broto, que o jardineiro prudente cuida e prepara o fruto que virá. Se esse fruto é doente, é porque a própria árvore que o gerou estava enferma e degenerada. Não é do fruto que se deve tratar, mas da vida que o produziu. O fruto será o que fizerem dele o solo, a raiz, o ar e a folha. Deles é que deveremos cuidar, se quisermos enriquecer e garantir a colheita.

Se um dia os homens souberem raciocinar sobre a formação dos seus filhos como o bom agricultor raciocina sobre a riqueza do seu pomar, deixarão de seguir os eruditos que, nos seus antros, produzem frutos envenenados que matam ao mesmo tempo quem os produziu e quem os come. Restabelecerão valorosamente o verdadeiro ciclo da educação: escolha da semente, cuidado especial do meio em que o indivíduo mergulhará para sempre as suas raízes poderosas, assimilação, pelo arbusto, da riqueza desse meio.

A cultura humana será, então, a flor esplêndida, promessa segura do fruto generoso que

¹ Palavra alemã que significa sucedâneo de qualidade inferior. (N. do T.)

amadurecerá amanhã.

O mestre e o aprendiz

Durante todo o verão, o rebanho de ovelhas ficara na montanha, confiado à guarda do pastor, que de modo algum parecia sobrecarregado com a responsabilidade dos seus mil animais. Por Saint-Michel, voltavam para a aldeia. Cada um de nós "apartava" o seu pequeno rebanho, e trinta jovens pastores partiam, em seguida, através dos campos de restolho, ainda ricos em erva verdejante, para passarem pela aprendizagem de condutores de carneiros.

Tinham-nos ensinado as leis e as regras que aplicávamos ao pé da letra, como o guarda executa as ordens na estrada.

— Cuidado para as ovelhas não escaparem e estragarem os feijões!

Não deixem os cordeiros afastarem-se do rebanho, senão vocês poderão perdê-los!

— Cuidado com as moitas cheias de cobras e com a luzerna que incha os animais!

Não levem os animais para o lado das rochas, pois eles poderiam ficar entalados!

Outras tantas preocupações obsessivas que não nos deixavam em paz, e nem aos nossos animais: por aqui!... por ali!... Um pouco mais e teríamos cercado ovelhas e carneiros para não os perder de vista, preferindo trazer-lhes capim e galhos... se eles aceitassem.

Trabalho de aprendiz que ainda não compreendeu nada do caráter e do comportamento dos seus animais.

Quanto ao pastor, partia calmamente atrás do seu rebanho. Uma palavra, um grito, lançados oportunamente, e os animais seguiam na direção que o pastor sabia de antemão aonde ia dar. Vão passar lá embaixo!... Daqui a pouco vamos encontrá-los acima das barreiras. Esta noite descerão pelas encostas!...

O pastor dormia, o cão dormia; os animais comiam até se fartar, livremente. Trabalho de mestre que conduz o seu rebanho com uma ciência e uma filosofia cujas linhas eficientes deveríamos procurar, para darmos à nossa pedagogia a quietude e a humanidade próprias das obras conscientes.

As águias não sobem pela escada

O pedagogo preparara minuciosamente os seus métodos e, segundo dizia, estabelecera cientificamente a escada que permite o acesso aos diversos andares do conhecimento; medira experimentalmente a altura dos degraus, para adaptá-la às possibilidades normais das pernas das crianças; arranjara, aqui e ali, um patamar cômodo para se retomar o fôlego, e um corrimão benévolo amparava os principiantes.

E o pedagogo zangava-se, não com a escada, que, evidentemente, fora concebida e construída com ciência, mas com as crianças que pareciam insensíveis à solicitude dele.

Zangava-se porque tudo acontecia normalmente quando ele estava presente, vigiando a subida metódica da escada, degrau por degrau, tomando fôlego nos patamares e segurando no corrimão. Mas, se ele se ausentava uns momentos, que desastre e que desordem! Apenas continuavam a subir metodicamente, degrau por degrau, segurando no corrimão e tomando fôlego nos patamares, os indivíduos que a escola marcara suficientemente com a sua autoridade, como os cães de pastor que a vida

treinou para seguir passivamente o dono e que se resignaram a não mais obedecer ao seu ritmo de cães transpondo matas e atalhos.

O bando de crianças retomava os seus instintos e as suas necessidades: uma subia a escada de quatro, engenhosamente; outra tomava impulso e subia os degraus de dois em dois, saltando os patamares; havia mesmo as que tentavam subir de costas, adquirindo até algum desembaraço. Mas sobretudo — incrível paradoxo — havia aquelas, e eram maioria, para quem a escada se mostrava desprovida de atração e aventuras, e que, contornando a casa, segurando-se nas calhas, saltando as balaustradas, chegavam em cima num tempo mínimo, muito melhor e mais depressa do que pela escada pseudometódica; uma vez lá em cima, escorregavam pelo corrimão... para recomeçarem a ascensão apaixonante.

O pedagogo persegue os indivíduos obstinados em não subir pelos caminhos que considera normais. Mas terá ele perguntado a si mesmo, por acaso, se essa ciência da escada não seria uma falsa ciência e se não haveria caminhos mais rápidos e mais salutareos, em que se avançasse por saltos e largas passadas? Se não haveria, segundo a imagem de Victor Hugo, uma pedagogia das águias que não sobem pela escada?

2. Fazer brilhar o sol

Os aventureiros do Kon-Tiki

O tempo passa; a vida dá a você os seus ensinamentos e você fica imóvel e paralisado, como se a sua sorte estivesse fora dos destinos que você pretende preparar.

Você parece, hoje, o camponês que teima em reconstruir o muro dos seus olivais abandonados, sob pretexto de que antigamente o alinhamento das pedras era sinal de opulência; ou o outro que continua a carregar o burro, todas as manhãs, para ir à fazenda distante que há muito tempo está improdutiva. É como as almas penadas desamparadas, que vagueiam em redor dos domínios familiares cheias de nostalgia por um passado que não voltará mais.

Você continua com suas aulas, ensina as suas mecânicas, contemporâneas do arado e do carro de mão, e são o *scooter*, o rádio, o telégrafo e o telefone que seu aluno terá de usar, porque ele sabe, por experiência, onde o chama a vida.

Os seus alunos decoram a tabuada num mundo que será, amanhã, o da máquina de calcular. Eles se enervam com as aulas de caligrafia e amanhã a máquina de escrever proporcionará, até ao mais desajeitado, um êxito exemplar.

Você lhes diz sabiamente: "Aprendam as lições e façam os deveres; assim se tornarão homens."

Porém, eles têm o exemplo obsessivo do pugilista que ganha 5 milhões numa noite triunfal, da vedete contratada por 15 milhões por semana, e do cantor da moda cujos ganhos sobem a 500 milhões. E não foi a escola que os formou, e nem foi ela que preparou o êxito do comerciante que não aprendeu as lições — e ele se gaba disso —, mas que triunfou devido a outras virtudes que a escola não soube descobrir nem cultivar. Talvez seja desajeitado para escrever e redigir, mas pode pagar um secretário; não conhece os segredos da contabilidade, mas tem ao seu serviço máquinas e contadores.

Então!

Não se contente em desculpar a escola, argumentando que esses fatos, reais, são apenas um aspecto de um desequilíbrio social que não é particular à nossa época. Nem por isso deixa de ser verdade que você não soube reconhecer nem explorar as aptidões e os talentos do homem de negócios, do pugilista, do ciclista e do cantor. Você até correu o risco de os "desencaminhar", o que é grave. E isso, sem dúvida, porque, ligado com fidelidade excessiva à tradição, você também perdeu muito tempo reerguendo muros que se tornaram inúteis, pois você se obstina em seguir por caminhos que a nada conduzem e não sabe exaltar as novas forças que, para além das máquinas e das mecânicas, dão uma medida suprema do homem.

Essa terá sido, talvez, uma das conquistas reconfortantes da nossa época, o ter sabido revalorizar os elementos sensíveis e os dons que uma falsa ciência desejava que julgássemos ultrapassados: o sentido profundo do trabalho, a espontaneidade e a arte, a tenacidade, a coragem, a audácia por vezes temerária, reflorescem e se impõem.

Os aventureiros do Kon-Tiki, que, na era dos pesados barcos mecânicos, com suas próprias mãos de operários, aparelharam a sua caravela e se lançaram sozinhos no Pacífico misterioso, para refazer uma experiência, verificar uma hipótese e provar ao mundo que o homem não degenerou, são como que um

símbolo dessa conversão.

A Escola também tem os seus aventureiros do Kon-Tiki.

A vida sempre sobe!

Começava o dia; as ovelhas haviam deixado o campo onde passaram a noite, e eu saía, com o alforje ao ombro, atrás do pastor plácido e sereno.

Caminhava por trilhas cujo segredo só ele conhecia. Nenhum animal à nossa volta — apenas um longínquo sussurro e o tilintar dos chocalhos localizando o rebanho em movimento, entre as estradas e os pinheiros.

Estava inquieto por não ver os meus animais: iríamos encontrá-los antes de transpormos as barreiras, ou teríamos de voltar atrás, para procurá-los durante todo um dia?

Foi o velho pastor que me explicou a razão da sua serenidade:

Garoto, de manhã, os animais sempre sobem. Vão para os cumes. Não é que o pasto lá seja sempre mais abundante ou mais fácil; mas é um instinto do ser lançar os braços para o azul do céu e partir ao assalto dos cumes. O capim, conquistado à força de músculos e tenacidade, tem um valor exaltante, talvez só por ter sido muito desejado...

Pode ficar tranqüilo: vamos encontrá-los todos lá em cima!

E acrescentou: — Só me preocupa o pequeno bando de Léon, domesticado demais, habituado demais a comer nos pastos e na manjedoura, e que tem como que a nostalgia das barreiras e do estábulo. Parece que já não têm força para subir; o ideal deles já não é lá em cima, mas embaixo... Preferem a rédea ao azul do céu... Já não são ovelhas dignas e orgulhosas: são cães!

Ouçá os chocalhos, lá em cima, diante de nós! Só à noitinha, quando o sol se extinguir por trás do Rocheroux, os nossos animais também vão descer para a calma e a segurança do vale, para amanhã voltarem a subir mais alto ainda.

E as crianças — diria o pastor — são como as ovelhas: querem subir sempre. Você só terá paz e certeza se souber ajudá-las, às vezes precedê-las na subida aos cumes, ou segui-las... Infelizes dos seres domesticados cedo demais, que perderam o sentido da subida e que, como velhos em fim de corrida, preferem, ao ar do espaço e ao azul do céu, a coleira da sujeição e a ração da renúncia!

São bons todos os caminhos que levam para as alturas.

A história do cavalo que não está com sede

O jovem da cidade queria prestar um serviço à fazenda onde o hospedavam, e então pensou:

Antes de levar o cavalo para o campo, vou dar-lhe de beber. Ganho tempo e ficaremos sossegados o dia todo.

Mas o que é isso? Agora é o cavalo quem manda? Recusa-se a ir para o bebedouro e só tem olhos e desejos para o campo de luzerna! Desde quando são os animais que mandam?

Venha beber, estou dizendo!...

E o camponês novato puxa a rédea e depois vai por trás e bate no cavalo com força. Finalmente!... O animal avança... Está à beira do bebedouro...

— Talvez esteja com medo... E se eu o acariciasse?... Olhe, a água é limpa! Olha! Molhe as ventas... Como! Não?... Veja só!...

E o homem mergulha bruscamente as ventas do cavalo na água do bebedouro.

— Agora você vai beber!

O animal funga e sopra, mas não bebe.

O camponês aparece, irônico:

Ah! Você acha que é assim que se lida com um cavalo? Ele é menos estúpido que os homens, sabe? Ele não está com sede...

— Pode matá-lo, mas ele não beberá. Talvez ele finja que está bebendo, mas vai cuspir em você a água que está sorvendo... Trabalho perdido, meu velho!...

— Então, como se faz?

— Bem se vê que você não é camponês! Você não compreende que a esta hora da manhã o cavalo não tem sede; ele precisa é de uma luzerna fresca. Deixe-o comer até ele se fartar. Depois ele vai ter sede e você vai vê-lo galopar para o bebedouro. Nem vai esperar você dar licença. Aconselho mesmo que você não se intrometa... E quando ele beber você poderá puxar a rédea!

É assim que sempre nos enganamos, quando pretendemos mudar a ordem das coisas e obrigar a beber quem não tem sede...

Educadores, vocês estão numa encruzilhada. Não teiem numa "pedagogia do cavalo que não tem sede". Caminhem com empenho e sabedoria para a "pedagogia do cavalo que galopa para a luzerna e para o bebedouro".

O cavalo não está com sede: então troquem a água do tanque!

Nós nos esquecemos de um capítulo na história do cavalo que não está com sede.

No momento preciso em que o rapaz mergulhava na água do tanque o focinho do cavalo-que-não-está-com-sede, e que, puf!, o sopro obstinado do animal espirrava a água em cascata em volta da fonte, surgiu um homem que declarou sentenciosamente:

— Mas... então, troquem a água do tanque!

Isso é feito imediatamente, pois — ordem das autoridades — era preciso obrigar aquele cavalo-que-não-está-com-sede a beber.

Trabalho perdido. O cavalo não estava com sede nem de água turva, nem de água limpa. Ele.. não estava... com... sede! E deixou isso bem claro quando arrancou a rédea das mãos do jovem tratador e partiu trotando para o campo de luzerna.

E, assim, o problema essencial da nossa educação não é de modo algum — como pretendem hoje nos fazer crer — o "conteúdo" do ensino, mas a preocupação essencial que devemos ter de fazer a criança sentir sede.

Então a qualidade do conteúdo seria indiferente? Só é indiferente para os alunos que, na escola antiga, foram treinados a beber, sem sede, qualquer bebida. Habitamos os nossos a considerar primeiro toda bebida como suspeita, a experimentá-la e a verificá-la, a elaborar eles mesmos o seu próprio juízo e a

exigir, em todo lugar, uma verdade que não está nas palavras, mas na consciência de relações justas entre os fatos, os indivíduos e os elementos.

Não preparamos homens que aceitarão passivamente um conteúdo — ortodoxo ou não —, mas cidadãos que, amanhã, saberão enfrentar a vida com eficiência e heroísmo e poderão exigir que corra para dentro do tanque a água clara e pura da verdade.

Fazer a criança sentir sede

Vocês já viram mães-galinhas obrigarem o filho a comer? Elas esperam, de colher na mão, que o paciente entreabra a boca ainda cheia, para lhe enfiarem a ração de sopa... Mais uma para o papai!... E outra para o gatinho!...

Por fim, aquilo transborda. A criança cospe a papa, ou acaba tendo uma indigestão.

Coloquem essa criança num meio vivo, se possível comunitário, com possibilidade de se entregar às atividades que fazem parte da sua natureza. Então, às refeições ou antes delas, estará esfomeada. O problema da alimentação mudará de sentido e de espírito. Já não será preciso você empurrar à força uma sopa recusada de antemão, mas sim fornecer somente os materiais suficientes e válidos. Os processos de deglutição e de digestão já não são problema seu.

Não se obriga o cavalo que não está com sede a beber!

Mas, quando ele tiver comido até se fartar, ou puxado penosamente o arado, voltará por si mesmo ao bebedouro conhecido e, então, não adiantará puxar a rédea, gritar ou bater... O cavalo vai beber até acabar a sede e depois partirá mais calmo.

Pode acontecer que a obrigação que você lhe impôs de beber naquela fonte e as suas pancadas tenham criado uma espécie de aversão fisiológica pela fonte, e o cavalo se recuse a beber a sua água e prefira procurar em outro lugar, livremente, o charco que lhe matará a sede.

Se o aluno não tem sede de conhecimentos, nem qualquer apetite pelo trabalho que você lhe apresenta, também será trabalho perdido "enfiar-lhe" nos ouvidos as demonstrações mais eloqüentes. Seria como falar com um surdo. Você pode elogiar, acariciar, prometer ou bater... o cavalo não está com sede! E cuidado: com essa insistência ou essa autoridade bruta, você corre o risco de suscitar nos alunos uma espécie de aversão fisiológica pelo alimento intelectual, e de bloquear, talvez para sempre, os caminhos reais que levam às profundidades fecundas do ser.

Provocar a sede, mesmo que por meios indiretos. Restabelecer os circuitos. Suscitar um apelo interior para o alimento desejado. Então, os olhos se animam, as bocas se abrem, os músculos se agitam. Há aspiração e não atonia ou repulsão. As aquisições fazem-se agora sem intervenção anormal da sua parte, num ritmo incomparável às normas clássicas da Escola.

É lamentável qualquer método que pretenda fazer beber o cavalo que não está com sede. É bom qualquer método que abra o apetite de saber e estimule a poderosa necessidade de trabalho.

Em primeiro lugar fazer jorrar a fonte

Os pedagogos são como aquelas crianças que se divertem construindo um poço no lugar que lhes parece mais fácil, por não haver rochas nem raízes emaranhadas e tenazes, podendo assim, mesmo com utensílios primitivos, cavar e remover a terra cúmplice.

Só depois, quando o poço já está construído, é que pensam em enchê-lo. Talvez encontrem tão pouca água, que ela chegará com muita dificuldade, com uma queda tão fraca e filetes tão lentos, que o menor capinzinho os desviará do caminho incerto.

Entretanto, o poço, lento para encher, seca, fende, perde a água que tão parcamente lhe trouxeram. Por mais que se tape e calafete, nunca encherá, a não ser com uma água estagnada e suja impossível de utilizar.

Você terá então de abri-lo e decantar os depósitos, a não ser que, com água trazida da fonte próxima, encha-o artificialmente... o que será apenas ilusão momentânea, pois a água se manterá pura e clara somente enquanto você a estiver trazendo nos baldes.

Os camponeses das nossas montanhas sabem começar pelo princípio. Localizam a nascente. Não somente o veio de água que ressuma no fundo do desfiladeiro, mas a própria origem onde, em profundidade, a água sai aos borbotões, fresca e clara entre as pedras.

Depois de encontrada a nascente, quando a água brota intrépida e poderosa, é fácil acompanhá-la até a concha rústica que transbordará, lançando as impurezas agitadas e rejeitadas pela corrente.

Deixemos, portanto, de nos hipnotizar por esses poços caprichosos da observação, da memória, das teorias formais, estabelecidos no pântano desolado da velha escolástica. Também não nos cansemos vedando-lhes os buracos suspeitos, carregando baldes de água, agitando essa massa informe, morta, estagnada. Localizemos as nossas correntes, procuremos profundamente a corrente que brota entre as pedras, acompanhando-a e deixando que corra generosamente sobre as conchas rústicas.

Construiremos então os nossos poços metódicos, para tornar sensatas e domesticar as riquezas com que a vida nos tiver generosamente fertilizado.

É preciso dar tiragem

Mathieu esperava-me na estação. Lá estava o lampião, apagado.

É só um instante para começar a funcionar!

Pegou um pedaço de jornal, acendeu-o com o isqueiro e aproximou-o de um orifício minúsculo.

Essa coisa deve ser muito difícil de acender!

— É tudo uma questão de tiragem. Se ela for forte, uma chama bem pequena já será suficiente. E com qualquer material.

É como numa chaminé. O melhor papel, até a melhor madeira, apagam-se quando a tiragem não lança sobre eles a corrente vivificante.

Pergunte a uma velha dona de casa. Ela dirá:

Se seu fogão não tem uma boa tiragem, é inútil insistir. Você se encherá de fumaça, ficará sem fôlego e não conseguirá que a panela ferva... Limpe a chaminé, desentupa a grelha, abra os tirantes e você verá...

O mesmo acontece com as crianças.

Pouco importa a excelência dos materiais colocados no limiar do seu entendimento, sua sábia habilidade para dispor gravetos e carvões, a obstinação em sacudir a apatia de uma alma inerte, os esforços para fazer progredir uma chama que teima em se extinguir.

Dê tiragem! Descubra e utilize o apelo soberano das necessidades vitais, individuais e sociais...

Então bastará apresentar uma chama muito pequena, que a vida alimentará e ampliará, até inflamar o indivíduo inteiro. E essa chama devorará todos os materiais que se apresentarem, seja qual for a sua textura ou a ordem da sua aparição.

É preciso dar tiragem!

Voltar ao seu ritmo

Os pedagogos manejam a noção e a palavra "esforço" como os burriqueiros manejam o chicote para conduzir os animais para onde eles não querem ir, e para barrar a entrada dos caminhos que levam à luzerna reconfortante.

Em toda vida normal e ativa há, certamente, o jogo ágil dos músculos, que é como o batimento regular do motor de volta ao seu ritmo; a concentração de espírito, que é como o jato sutil de combustível passando pelos injetores; e sobretudo esse impulso de vida, essa necessidade de crescer e de subir, que são como a centelha sem a qual o combustível mais rico e o pistão mais macio deixariam de ter vida.

Se você matar a centelha, se cortar a corrente, o único recurso que lhe restará será encostar o carro na descida, por onde ele deslizará pelo próprio peso — mas será que você poderá detê-lo? —, ou então empurrá-lo penosamente num lugar plano, e logo você ficará extenuado por esse esforço contra a natureza e, aliás, sem esperança.

Fazer esforço!

Com toda a sua ciência separada da vida, você parece o aprendiz que entra no automóvel, olha o fim a ser atingido — o alto da subida —, pisa no acelerador agarrando-se ao volante, como que para ajudar a máquina a subir melhor a ladeira. Mas ele não escuta o motor que perde o ritmo e se estafa como o corredor esbaforido que tem de deter-se por alguns instantes para tomar ar... O motor aquece... O pistão emperra... Uma biela vai entortar... Mais um esforço, máquina minha!

Desgraçado!, grita o mecânico. Assim você não vai longe. Mude de velocidade, deixe o motor retomar o ritmo, aproveite esse pequeno plano para que ele recupere leveza e potência, e depois ataque as últimas dificuldades.

Com um bom motor, que trabalhe bem e seja conduzido sensatamente, você poderia ir, sem esforço, até o fim do mundo... Quantas pobres crianças, quantos adolescentes têm sido maltratados por uma falsa pedagogia do esforço que lhes fez perder o regime, que aqueceu e desconcertou os mecanismos, engripou os pistões e torceu as bielas, e andam a reboque, incapazes de subir a ladeira por si mesmos, porque já não brota a centelha salvadora!

As avarias na corrente, diz o mecânico, são sempre as mais delicadas de reparar.

Um nada que é tudo

Descascar batatas é, no regimento, o protótipo e o símbolo do trabalho do soldado.

Eles são uma dúzia, agrupados em torno do saco entreaberto no chão da cozinha, como combatentes desiludidos vigiando o inimigo derrotado.

Começam ao sinal, quando todo o mundo está pronto. E, segundo a técnica do trabalho de soldado, batata nas mãos, vigiam o sargento. Quando ele olha, surge uma fatia de cascas. Depois descansam, até o olhar seguinte.

Fala-se de rendimento no trabalho. Aqui é como um contra-rendimento. Quem produz demais, e depressa demais, compromete a sorte do grupo condenado a uma nova corvéia. É a lei do meio, de um meio que não é feito para o trabalho.

Mas o jovem militar que, durante toda uma manhã, descascou assim uma porção de batatas, ao ritmo dos soldados, à tarde, em casa, ouve a mulher dizer gentilmente: "Tenho que fazer a sopa..."

— Deixe... batatas é comigo.

Nem espera o sinal. E as batatas dançam e giram nas mãos diligentes, e a ponta da faca extrai delicadamente os olhos negros. E em que ritmo!

Já não é trabalho de soldado. É simplesmente trabalho, uma atividade a que nos dedicamos com entusiasmo, por ser a condição da nossa vida, e à qual, como a toda obra de vida, damo-nos completamente.

Foi preciso muito pouco para transformar em trabalho eficiente a estéril corvéia do soldado: um sorriso amável, uma palavra insinuante, um pouco de calor no coração, uma perspectiva humana, e a liberdade, ou antes o direito, que o indivíduo tem de escolher ele mesmo o caminho por onde seguirá, sem trela, nem corrente, nem barreira.

Foi preciso tão pouco, mas esse pouco é tudo.

Se você conseguir transformar assim o clima da sua aula, se você deixar desabrochar a atividade livre, se souber dar um pouco de calor no coração, como um raio de sol que desperta a confiança e a esperança, você ultrapassará a corvéia de soldado e o seu trabalho renderá cem por cento.

Esse raio de sol é todo o segredo da Escola moderna.

Esqueceram a maçã

Eram cinco crianças que subiam para o "Albergue", com uma bela maçã na mão para terminar o lanche. E você bem sabe como as crianças gostam da merenda e de maçãs.

Mas eis que, na beira do caminho, um lindo musgo, brilhando como verniz prateado, atapetava a pedra úmida. As crianças ajoelham-se como diante do presépio de Natal e, delicadamente, cada uma arranca um pedaço daquele tesouro, que carregam nas mãos frágeis.

Vamos guardá-lo no lenço...

Vou colocá-lo na janela, perto da minha boneca, com borboletas em cima...

Eu vou colocá-lo na minha mesa de cabeceira e depois vão nascer flores...

E elas esqueceram a maçã. Sobem pelo caminho pedregoso, extasiadas, arrebatadas, transportadas pela beleza, acima das vãs preocupações do dia, felizes como deuses, porque levam um tesouro: o reflexo delicado e frágil do musgo prateado, como um pássaro azul que tivessem agarrado por um instante...

Você já notou o lugar importante que ocupam as cores, os sons e os sonhos na linguagem e nos escritos das crianças? Tudo é luminoso, aéreo, livre e fresco como a água que corre. E quanto a nós apressamo-nos a erguer uma barreira, a apagar a luz, a ofuscar o esplendor das paisagens, a baixar obstinadamente para as pedras e a lama os olhos que teimavam em contemplar o espaço e o azul. E é para a matéria, para o objeto a ser examinado ou manejado, para o papel a ser preenchido, o lápis a ser empunhado, a construção a ser montada, é para o prosaico —prático talvez— que orientamos as nossas

crianças, ocultando-lhes para sempre o ideal e a beleza.

É provável que nos digam que não temos de formar sonhadores, mas homens práticos, capazes desde cedo de cavar a terra ou fixar uma cavilha; mas sabemos também que temos mais necessidade ainda de homens que saibam esquecer, à beira do caminho da vida, a maçã que tinham na mão, para partirem como pesquisadores desinteressados em busca do ideal.

Tenha cuidado para não desperdiçar, na criança, os bens inestimáveis cujo esplendor nunca mais conhecerá.

A vida prepara-se pela vida

O velho pastor fazia um sermão: Você não deve manter tanto tempo no estábulo os seus dois cabritos, habituados somente a dormir no calor do cercado, comer na manjedoura e a seguir a mãe, balindo quando se sentem perdidos no meio de uma moita...

Quando você os juntar ao rebanho, verá que nem sequer serão capazes de acompanhar os outros: serão mordidos pelos cães, quebrarão a pata num monte de pedras ou se perderão nas barreiras...

A vida prepara-se pela vida.

Se você tem medo que seu filho quebre a cabeça, rasgue a roupa, suje as mãos, corra o risco de cair ou de se afogar, tranque-o na sua confortável sala de jantar ou leve-o pela coleira quando você sair, para que ele não se junte aos bandos de crianças que — na rua, nos jardins, nos pomares e no mato — buscam intrepidamente as suas experiências elementares. Cerque sua atividade particular com uma série de barreiras que, como o cercado do estábulo, impedirão o seu homenzinho de desenvolver os músculos e os sentidos. Escolha atentamente os discursos que lhe fizer e os livros que lhe darão a imagem sempre falsa, pois é só imagem, da vida que o chama imperiosamente. E permaneça insensível aos olhares de desejo que ele lança para as atividades proibidas, como os cabritos que, com a cabeça entre as barras do cercado, lançam o olhar e os sentidos para a natureza que os atrai.

Escolha para ele uma escola bem conformista, onde não manejará martelos nem provetas, onde não comporá caracteres tipográficos, onde não se sujará com o rolo de tinta, onde não se machucará com a goiva que escorrega desastradamente do linóleo, onde não sujará os sapatos na lama dos caminhos ou na terra do jardim. Lições e deveres... Deveres e lições... É o espírito que se encherá de crostas de lodo...

E depois você se espantará se o seu filho for manualmente desajeitado, hesitante nas brincadeiras ou nos trabalhos, inquieto e tímido diante das exigências do esforço, desequilibrado num mundo onde já não basta saber ler e escrever, mas em que é preciso apreender com decisão e heroísmo.

A vida prepara-se pela vida.

Nosso laboratório é a criança

Será que Mathieu ainda ousará falar do velho pastor filosofando ao longo dos dias, nas montanhas tranqüilas, ou do lavrador que se detém no fim do sulco para deixar o animal respirar? Dizem-me que escolho muito mal os meus modelos, que o lavrador já não tem disposição para assobiar porque o motor do arado mecânico ronca, e que o bom senso e a filosofia deixaram de animar o camponês ávido de ganhos e reticente diante das exigências do progresso.

Segundo me escrevem, a insistência dos meus exemplos da vida simples da fazenda ou da aldeia parece uma fuga diante da realidade dos grandes acontecimentos contemporâneos.

Essa amplidão assustadora das nossas sociedades mecanizadas, às quais se encontra sempre misturada a nossa vida de lutas e de reivindicações, nós não a depreciamos mais do que o faz o homem de ciência no laboratório onde sonda os elementos em sua origem, aparentemente afastado de todas as preocupações sociais.

E o nosso laboratório é a criança.

Sou camponês e pastor. Quando me perscruto profundamente e raspo a crosta com que a civilização se esforçou por me cobrir, é sempre a água que corre na selha do velho moinho, o riacho que se estira lentamente entre os vimes, o cheiro dos bois levados ao trabalho e o balir nostálgico e sonoro das ovelhas na montanha, que encontro e me comovem, pois são a trama inicial de uma vida que não mais encontrou a pura simplicidade da aldeia da minha infância.

E o meu único talento de pedagogo é talvez ter conservado uma impressão tão total da juventude, que sinto e compreendo, como criança, as crianças que educo. Os problemas que estas colocam e que são enigma tão grave para os adultos, coloco-os ainda a mim mesmo com as nítidas recordações dos meus oito anos, e é como adulto-criança que descubro, através dos sistemas e métodos que tanto me fizeram sofrer, os erros de uma ciência que esqueceu e desconhece as suas origens.

Porque os verdadeiros problemas da infância são e permanecem os mesmos: o capim que se agita, o inseto que zumba, a cobra cujo silvo gela o sangue, o trovão assustador, a sineta que toca as horas mortas da escola, os mapas mudos e os quadros fantásticos. E é a vida, através das exigências do meio, que se agita sempre, intrépida e inextinguível, essa vida que basta encontrar e ajudar para que desabroche, apesar dos nossos destinos acorrentados, a comovedora história da infância audaz.

Sejam humanos

Vocês, educadores, agem todos um pouco como alguns pais que, quanto mais terríveis foram quando crianças, mais ferozmente severos são com os filhos; ou como o adulto que caminha apressado, sem reparar na criança a seu lado que tem de dar três passos enquanto ele dá um.

Vocês reagem com a sua natureza de homens, as suas possibilidades e conhecimentos de adultos, como se as crianças que lhes foram confiadas também fossem adultas com iguais possibilidades.

Ponha-se no lugar dessa criança que você acaba de humilhar com uma nota baixa ou uma má classificação. Lembre-se do seu próprio orgulho quando você era dos primeiros, e de todos os maus sentimentos que o agitavam quando outros passavam na frente... Então você compreenderá e a classificação será suprimida.

Uma criança roubou cerejas ao vir para a escola, ou quebrou um tinteiro na aula, ou mentiu para tentar salvar uma situação delicada. Você nunca roubou cerejas quando era novo? Você não era o primeiro a sentir pena, quando quebrava um tinteiro? Você não se lembra do drama que era para você mentir por necessidade, quando, entre os caminhos que se ofereciam para sair da situação delicada, a mentira, tímida, desajeitada, no início lhe parecia a única tábua de salvação?

"Se você não voltar a ser como uma criança..." não entrará no reino encantado da pedagogia... Em vez de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com os alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea. Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fosse mais favorável, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso.

Para isso, nenhuma técnica conseguirá prepará-lo melhor do que aquela que incita as crianças a se exprimirem pela palavra, pela escrita, pelo desenho e pela gravura. O jornal escolar contribuirá para a harmonização do meio, que permanece um fator decisivo da educação. O trabalho desejado, a que nos entregamos totalmente e que proporciona as alegrias mais exaltantes, fará o resto.

E o sol brilhará...

3. O trabalho que ilumina

A bandeira azul, branca e vermelha

A vida caminha e nós nos estafamos para segui-la, em vez de brandirmos corajosamente as bandeiras que a orientam e sublimam.

Somos uma geração de copistas-copiadores, de repetidores condenados a registrar e a explicar o que dizem ou fazem homens que nos afirmam ser superiores e que, muitas vezes, só têm sobre nós o privilégio da antiguidade nessa arte de copiadores e de repetidores.

Somos uma geração para a qual a obra criadora, esse primeiro escalão da obra de arte, foi reduzida à clandestinidade. Estude! Copie! Repita!...Você nunca tirará nada de esplêndido das suas mãos desajeitadas e do seu cérebro fútil.

Quando guardávamos as cabras, às vezes desenhávamos, na lama dos caminhos, sinais cabalísticos que a chuva apagava, traçávamos nas pedras lisas inscrições rudimentares que em nada mudavam o destino da pedra rochosa, gravávamos na casca das árvores, com as nossas facas, figurinhas de que nos orgulhávamos, mas que não sobreviviam à nossa fantasia de um dia.

Os adultos combatiam essas tentativas, para as quais não tínhamos, como hoje, o exemplo exaltante das imagens que cobrem as paredes da classe, animam as páginas dos livros e dos jornais, dançam magicamente nas telas dos cinemas.

Não tínhamos lápis nem papel. A arte, para nós, era o Cristo na cruz da igreja ou os figurinos de moda nos catálogos da Samaritaine². Senti minha primeira emoção de arte no dia em que, depois de comprar por dois tostões, de um vendedor ambulante, um maravilhoso lápis vermelho e azul, desenhei na capa do meu caderno, nas venezianas e nas paredes, a bandeira azul, branca e vermelha da França.

A vida caminha...

Num século em que a imagem é rainha, em que papel, guaches e aquarelas guarnecem as prateleiras dos bazares, ajude seus alunos a ultrapassarem o estágio da bandeira azul, branca e vermelha; abra-lhes as portas encantadas de um mundo que nos foi proibido e que eles vêm com os seus olhos inocentes de poetas, de artistas, de construtores, a caminho do seu destino de homens.

Antes — depois

No dia 25 de novembro, Joãozinho desenhou o vaso de flores que se vê ao lado.

Este vaso é, com o moinho de café e a caixa de fósforos, o símbolo de uma forma de ensino que já não deveríamos ter de condenar: vaso barrigudo, hipertrofiado para receber a falsa ciência, inchado e disforme, cujo único resultado são esses seis raminhos esqueléticos, como flores



² Grande loja de Paris. (N. do T.)

abortadas que não puderam desabrochar e que murcham por falta de seiva e também por falta de sol e de azul...

Foi o que explicamos ao Joãozinho, que tem apenas dez anos e que, comparando o seu vaso de flores esclerosado com os desenhos audaciosos e livres dos companheiros, sentiu a pobreza da própria obra.



No dia 12 de dezembro, num arranque, Joãozinho fez o desenho apresentado abaixo, que é o símbolo da partida para o trabalho, para a aventura e para a vida.

A publicidade contemporânea ressuscitou e desenvolveu os anúncios que os artífices penduravam à porta das lojas e que falavam uma linguagem compreensível para todos.

Seguindo-lhes o exemplo, poderíamos colocar, na fachada das nossas escolas modernizadas, estes dois símbolos e, como nas feiras, escrever somente:

Antes — Depois

Quero colhê-las!

Maria está debaixo da cerejeira. Tem, diante dela, o cesto transbordante de cerejas brilhantes e vermelhas. Bastaria mergulhar nele a mãozinha para comer até se fartar; mas não está satisfeita!

— Quero colhê-las!

Teima em chegar aos poucos ramos simpáticos que parecem ter crescido de propósito ao alcance da cobiça da criança. E esta não é exigente! O menor fruto verde é para ela uma delícia. Foi ela quem o colheu!

Eu lhe digo, com pena:

Olha, Maria, aqui tem uma bonita!

Ela protesta mais uma vez, com paradoxal heroísmo, estendendo os braços para a folhagem:

Quero colhê-las!

Duplo erro dos pedagogos:

Instalamos nossos alunos mais ou menos confortavelmente, à sombra da árvore, e pomos ao seu alcance os frutos que escolhemos e colhemos, bem classificados em livros que são obras-primas de ciência e de técnica. E admiramo-nos quando nossas Marias se afastam desses cestos apetitosos para estender as mãos e levantar os olhos para a árvore onde querem colher, vivos mesmo, os frutos preciosos de um conhecimento que só será alimento sutil enquanto não for prévia e arbitrariamente separado da árvore.

E, como não compreendemos aquela insistência da criança em complicar as coisas que nós mesmos havíamos preparado e facilitado, escondemos a árvore, para que a criança veja apenas os frutos do cesto e se satisfaça com eles. Efetivamente, à falta de melhor, a criança come então os frutos do cesto, mas tão vorazmente, que não consegue digeri-los; fica tão enjoada, que já não se sabe quem acusar, se a criança já sem fome nem sede, ou o método que, por si só, não pôde renovar o milagre da árvore cobiçada.

Infelizes as crianças que sempre só comeram cerejas dos cestos e não conheceram a alegria

vivificante de quem se agarra aos ramos e colhe conforme sua necessidade!

Infeliz a criança, infeliz o homem farto de conhecimentos, longe da árvore da vida, e que já nem tem energia para protestar: — Quero colhê-las!

O trabalho que ilumina

Claro! Certamente existem enxadas, arados e instrumentos mecânicos tão aperfeiçoados, que cavam o solo e semeiam o grão sem que você tenha que enfrentar a aridez da terra. Mas, quanto a mim, ao preparar uma sementeira, gosto de peneirar a terra com as mãos e apertar as pedras amorosamente, como se alisa o berço macio de um bebê.

É isso; um mesmo trabalho pode ser obrigação ou liberação. Não é uma questão de novidade, mas de iluminação e de fecundidade.

Você conhece a história de "descascar batatas", no regimento? Há uma arte — de que a Escola fez uma tradição — para funcionar o mais lentamente possível, sem no entanto se deixar de trabalhar. É stakanovismo ao contrário. E, quando se trata de pegar a vassoura para varrer as cascas das batatas, é pior ainda: todos os homens são manetas. Às vezes é o próprio cabo que tem de se encarregar da tarefa.

O soldado sai de licença e vai ver a mulher. Fazer a sopa, descascar as batatas, até varrer, tudo isso se transforma em prazer de que ele reclama o privilégio.

A tarefa da manhã transformou-se numa recompensa!

Acontece o mesmo na escola, onde certos trabalhos gastos pela tradição serão, amanhã, procurados como atividades novas que você julgará exclusivas. Não procure a novidade; a própria mecânica mais aperfeiçoada chega a cansar, se não atender às necessidades profundas do indivíduo. No número cada vez maior de atividades que lhe são oferecidas, escolha primeiro as que iluminam sua vida, as que dão sede de desenvolvimento e de conhecimentos, as que fazem brilhar o sol. Edite um jornal para praticar a correspondência, recolha e classifique documentos, organize a experiência tateante que será a primeira fase da cultura científica. Deixe desabrochar os botões de flores, mesmo que às vezes o orvalho os molhe.

Tudo o mais lhe será dado por acréscimo.

Por que trabalhar?

Por que trabalhar? — poderia dizer candidamente a criança de hoje...

Abro um jornal ou o meu *Mickey*: por toda parte, aventuras, esporte, competições, discussões ditas filosóficas; mas, então, quem trabalha neste mundo, a não ser os desgraçados condenados a isso?

Vou à cidade: por toda parte, as vitrines falam de luxo, de frivolidades e de brinquedos. Os instrumentos de trabalho escondem-se pudicamente nas ruas excêntricas, como se quisessem ser perdoados pela sua presença de pobres, numa sociedade de novos-ricos que se envergonham da sua origem.

E a escola só conhece deveres e lições que, para nós, são o que a máquina é para os nossos pais: uma sujeição de que nos libertamos assim que temos possibilidade. Apenas os jogos nos entusiasmam e nos fazem esquecer as exigências desumanas do trabalho.

O essencial do que o mundo nos oferece ou nos impõe são a bola, os soldados de chumbo, as

coleções de figurinhas e nossas revistinhas... sem contar o cinema, sempre que podemos entrar. Trabalhar! Se algum dia pego clandestinamente a pá do pedreiro, a enxada ou o carrinho do jardineiro, o martelo ou o alicate do meu pai, sou perseguido como se tivesse cometido um crime. Escavar grutas, construir castelos, preparar uma sementeira, levantar barragens, esquadrihar os riachos, montar e desmontar máquinas seriam para mim as mais apaixonantes ocupações, a tal ponto que esqueceria o Mickey ou o cinema; mas, infelizmente, são fruto proibido: parece que sujamos a roupa, esfolamos dedos e pernas; perdemos a ferramenta... E então mandam-nos para aquilo que depois chamam de futilidades.

O trabalho, para nós, concluiria esta criança, é a maldição, a ferramenta que suja as mãos, a fábrica que estraga nossa vida, a escravidão que nos desonra.

Só o divertimento nos faz desabrochar e nos libera. Veja as suas vedetes.

E, com efeito, poderíamos fazer o nosso *mea culpa* reconhecendo que há erros nos princípios da nossa educação e que é, em primeiro lugar, pelo trabalho que se prepara para o trabalho, numa escola e numa sociedade do trabalho.

O trabalho em série

O trabalho em série, eu o conheço bem. Não foram, como se poderia acreditar, os fabricantes de automóveis que o inventaram, mas vocês, pedagogos, e nós, pastores.

Eu sou também um grande empreendedor de séries. Os pequenos cordeiros que nasceram no Natal e que são tão originais e tão caprichosos, cada um com o seu caráter e a sua personalidade, eu os agarro na Páscoa e os enfito no molde da série que é o rebanho. Observe-os quando estão pastando: já não têm fantasias, já não têm necessidades, a não ser as do rebanho. Engordam normalmente e, quanto a mim, tenho menos trabalho. Acho que é melhor assim, pois estão destinados ao matadouro onde os querem grandes e gordos.

Se quiséssemos torná-los animais inteligentes como os que nos espantam nos circos, teríamos naturalmente de proceder de outra forma.

Você também recebe as crianças curiosas e saltitantes, cândidas e audaciosas diante do mundo; você as enfito nos moldes das suas séries, encerra-as em cercados, racionaliza seus gestos e atitudes e, às vezes, parece surpreendido por elas saírem desses moldes como peças intercambiáveis, mecanismos bem regulados para entrarem, amanhã, na corrente, cabeça baixa atrás do número que as precede, prontas a obedecerem ao pastor que se impôs pelo chicote e pelos cães.

Se você quiser crianças inteligentes, capazes de erguer a cabeça e escolher os trilhos, também você terá que proceder de outra forma, saber conservar nos seus cabritos aquele soberano apetite de brotos tenros, aquele delicado instinto que os faz morder prudentemente as ervas suspeitas e aquela exuberância de vida que parece alimentar-se de primavera e de beleza.

Só que você não mais terá esse tranqüilo pisar do rebanho que desfila sempre pelos mesmos caminhos. Terá personalidades que se formam e se defrontam, cabeças que se detêm a olhar para o céu, vozes que se chamam através da montanha. Mas você sentirá também o invencível frêmito da vida.

O trabalho em migalhas

"O trabalho em migalhas", diz um autor...

Só há migalhas na nossa vida de educadores. Nem sequer conseguimos reuni-las, o que aliás seria

inútil, pois migalhas de pão espremidas e enroladas nunca dão mais do que bolinhas, boas apenas para servir de projéteis nos refeitórios.

Migalhas de leitura, caídas de uma obra que ignoramos e que têm gosto de pão que ficou ressecando nas gavetas e nos sacos.

Migalhas de história, umas bolorentas, outras mal cozidas, e cuja amálgama é um problema insolúvel.

Migalhas de matemática e migalhas de ciências, como peças de máquinas, sinais e números que uma explosão tivesse dispersado e que nos esforçamos por montar, como um quebra-cabeça.

Migalhas de moral, como gavetas que mudamos de lugar, no complexo de uma vida de infinitas combinações.

Migalhas de arte...

Migalhas de aula, migalhas de horas de trabalho, migalhas de pátio de recreio...

Migalhas de homens!

Perigos de uma Escola que alinha, compara, agrupa e reagrupa, ausculta e avalia essas migalhas.

Urgência de uma educação que evita a explosão irreparável e faz circular um sangue novo na função viva e construtiva da pedagogia do trabalho.

Não faça trabalho inútil de soldado

Você conhece a história, que não é piada, da tarefa de cinco homens e um cabo, que tinham por missão transportar, para a outra extremidade do pátio, um monte de cascalho incômodo.

Certamente, é preciso entrar em ação, e nunca depressa demais, pois a tarefa não é urgente. Um quarto de hora depois, a equipe estava pronta para a obra, se é que no caso se pode falar de equipe e de obra: um soldado empunha os varais do carrinho de mão onde se sentará quando estiver cansado; outro cuida da roda e se sentará em cima dela para manter o equilíbrio. E os homens munidos de pá? Vigiam o sargento e, quando ele olha, opa! uma pazada de cascalho...

"Saíam daí", atreve-se a dizer um recruta espertinho. "Eu sozinho faço mais que cinco equipes juntas..."

"Nada disso" — respondem os homens experientes. "Não estamos na vida civil e você não é pago por peça. Vai incomodar todo o mundo: os colegas que não estão com vontade de trabalhar, o cabo que tem de nos vigiar aqui até a sopa, e o sargento que dirá, muito sério, quando você acabar: 'Faça de novo... Ponha de volta o monte de cascalho onde ele estava!' Quando você estiver em casa, poderá trabalhar o dobro; aqui é trabalho de soldado. Não tem finalidade nem razão de ser. É feito para aborrecer os militares e fazer acreditar aos contribuintes que na caserna é necessária uma mão-de-obra abundante e especializada."

Por que é preciso, que lástima!, que a técnica escolar se pareça tantas vezes com esse trabalho de soldado? Teremos deslocado inutilmente aqueles montes de cascalho de que os manuais estão cheios? Teremos feito aqueles exercícios que não têm outra função além de escurecer cadernos e preencher, com disciplina, as horas desesperantes que nada anima nem alimenta? Ouvimos a fórmula fatídica: Faça de novo!

Os soldados e os canceiros riem para valer do transporte do cascalho, do descascar batatas, do nó

da gravata ou da posição do boné. É verdade que os chefes pensam, talvez seriamente, que se trata de elementos determinantes da preparação do soldado para a sua função de combatente.

Ainda não se teve a idéia de fazer canções satíricas a respeito dos exercícios desesperantes da escola, dos traços vermelhos nos cadernos e daquele ritmo uniforme e lento que faz a classe marchar a passo — física e intelectualmente — com ordem e disciplina. Para manter essa ordem e essa disciplina, a escola deve lutar contra as crianças rápidas demais ou conscienciosas demais, contra aquelas que acabam tão depressa os deveres que, decentemente, não se pode obrigá-las a repeti-los. Há uma lei do meio escolar. Quem tenta violá-la, faz desmoronar todo o edifício.

Você deve correr esse risco. Examine lealmente cada uma das atividades que você prevê para a sua classe. Impeça os trabalhos de soldado e, se for obrigado a eles provisoriamente, tenha presente que são apenas trabalhos de soldado, sem finalidade nem resultado.

Galope, galope! Entusiasme seus alunos para irem cada vez mais depressa e cada vez mais longe. Basta você prever atividades suficientes — felizmente, há muitas —, para alimentar a necessidade de criar e de realizar.

Trabalho de soldado, eis o inimigo! *Valorizar*

Trabalhar "seriamente"... "Fazer coisas bonitas"... "Para servir"... São estas as grandes preocupações da criança em contato com a vida.

Termina o seu castelo de areia coroando-o com um ramo de flores. Nos seus dedos de mágico, agita ao sol um prisma que dá ao mundo as cores maravilhosas do arco-íris.

A própria folha de papel que a criança acaba de animar com seus desenhos, aguarda a paleta caprichosa do pintor para adquirir vida e esplendor, como se a criança precisasse sempre revestir a sua obra com o toque decisivo que faz as coisas mais belas do que são.

Mas você se contenta em bater o compasso para nada, mandar copiar textos que você marca sem escrúpulos e que você risca autoritariamente de vermelho cor de raiva. E você acha absolutamente natural a hecatombe final, para recuperar a argila plástica das obras-primas modeladas com tanta seriedade e tanto amor.

Será que o pedreiro trabalharia com ardor e com gosto se lhe destruíssemos sistematicamente a casa que acabou de fazer e sobre a qual colocou, com legítimo orgulho de construtor, a bandeira simbólica? Será que o camponês retomaria o arado, se lhe ceifassem o trigo ainda verde, não acidental mas metodicamente, e se abatessem as árvores que plantou?

Neste começo de ano, tente esquecer os ensinamentos desumanos da escolástica, escute as exigências normais da vida, valorize a obra mais humilde do mais humilde dos seus alunos! Que cada trabalhador — e a criança tem as preocupações e a dignidade do trabalhador — tenha consciência, a cada momento, de ter posto uma pedra no seu edifício e ter acrescentado ao seu patrimônio um pouco de eficiência e um pouco de beleza. Valorize o texto informe, dando-lhe a perenidade do majestoso impresso; valorize, pelas cores e pela apresentação, os desenhos que forem dignos de uma coleção ou de uma exposição; esmalte e coza as louças que, na sua forma definitiva, poderão desafiar os séculos.

Então você sentirá o orgulho da obra bem-feita animar e apaixonar os seus jovens operários, e fará nascer e se impor essa grande dignidade do TRABALHO, que nós também desejaríamos escrever, em letras definitivas, na fachada das nossas modernas escolas do povo.

No coração do homem

O trabalho é como o coração social do homem.

No dia em que se cansar, produzindo uma dor física ou moral que se vai aprofundando pouco a pouco, é porque um erro ou um acidente atrapalharam a função normal do mecanismo.

Acontece, é claro, que para compensar os desgastes do esforço físico ou reagir a um perigo súbito o coração bate mais forte, como um motor acelerado em começo de subida; mas logo retoma o seu ritmo numa espécie de bem-estar na calma readquirida.

O trabalho também precisa, muitas vezes, de uma poderosa tensão para superar o obstáculo a ser vencido e atingir o objetivo. Depois vêm o repouso e o sono, como fase benéfica da ação.

Se após o esforço o coração não retoma o seu ritmo, se o sangue como água lamacenta se demora nos vasos, o médico dirá: sobrecarga... Temos de reduzir o esforço que lhe pedimos, repousar, ou até tentar uma sangria — soluções provisórias que não poderiam corrigir a evidente perturbação do mecanismo.

Se lhe afirmam hoje: "A criança está sobrecarregada... é preciso reduzir os programas", não é porque você exigiu trabalho demais, mas porque você perturbou uma função natural, porque você apresentou como trabalho exigências que se incorporaram mal às nossas necessidades vitais, porque você fez o motor girar em vão, com risco de entupi-lo, ou porque você o alimentou com um combustível impuro e oxidante.

Então, deixa de haver repouso porque já não há cansaço mas ferida, pois surgem rachaduras que você já não pode vedar e que podem tornar penosos e obsessivos qualquer ação e qualquer esforço.

É preciso um verdadeiro acúmulo de falsas manobras para cansar um coração que trabalha tão suavemente que quase nem o sentimos bater. É necessário também um perigoso acúmulo de erros, para suscitar na criança o receio e depois a aversão por uma função tão natural e nobre como o trabalho.

Reponha esse trabalho no circuito da vida. Dê-lhe uma finalidade e um sentido. Que ele alimente e impulse o comportamento natural, que se situe no núcleo do seu destino individual e social.

Será preciso, talvez, ordenar os programas na nova empresa, equipada de espaço, de instrumentos, de arte e de luz, sem contar a alma e o ideal que são o sol de tudo isso.

Mas precisamos mais do que discursos para devolver ao trabalho a sua permanência e a sua dignidade.

O tempo das farândolas

Quando será, então, que os adultos deixarão as crianças caminharem a passo de criança? Quando será que verão com olhos de crianças as crianças viverem?

Nós somos os rios domados na planície; as crianças são as torrentes ainda impetuosas que não correm nem segundo os mesmos ritmos, nem com o mesmo impulso. Nós somos os animais cansados para quem o próximo instante já está inscrito no presente e que, no seu passo uniforme e ordenado, encaminham-se para o curral ou para o bebedouro; as crianças são os cabritos cabriolando pelos caminhos, e os potros impacientes por avaliar a agilidade das pernas delicadas, e para os quais a sabedoria é saltitar, cabriolar e pular.

Nós ficamos, por um tempo longo demais, em conversas intermináveis, remoendo os problemas do

passado, que nem sempre são os do dia seguinte; as crianças vão com a vida que caminha, e nós somos tentados a retê-las, incessantemente, pois a corrida delas nos exaure e o seu dinamismo nos atordoa e cansa.

Aquelas que nos escapam para empunhar a vida avidamente e dominá-la são as mesmas que, ultrapassando as nossas esperanças e os nossos ensinamentos, se obstinam em farandolar, em vez de seguir comportadamente os patamares metódicos que pretensiosamente arranjamos na grande aventura da vida. São os jovens ases do pedal, do ringue ou do estádio que, num momento, atingem uma celebridade que nos irrita por ser fruto daquela ultrapassagem; são os artistas e os poetas, aqueles potros escapados da cocheira que, apesar dos nossos apelos, partem, cabelos ao vento, à conquista de horizontes desconhecidos.

São eles que a juventude admira, deifica e segue, e não esses cabritos e esses potros desafortunados que, em nossas escolas, transformamos em animais domésticos, prematuramente dóceis e sensatos e que fazem jus ao pastor.

Você dirá que é preciso domá-los. A vida encarrega-se disso. Pelo contrário, aproveite o tempo das farândolas para fazer com eles algumas caminhadas e, nesse contato, armazenar entusiasmo e animação.

Engrenar na vida

É claro que a sua máquina escolar gira bem, melhor mesmo do que a nossa, pois você previu tudo, já não digo alguns dias antes, mas vários meses ou vários anos.

A distribuição mensal das disciplinas de acordo com os programas é afixada, segundo o regulamento, à direita do quadro; à esquerda, a utilização do tempo, à qual você obedecerá rigorosamente.

A única coisa que você tem a fazer é instalar a mecânica e virar as páginas. De passagem, o inspetor poderá pedir-lhe o diário de classe, minuta exterior dessa mecânica; então, ele ficará tranqüilo, pois tudo estará acontecendo, de fato, segundo as normas.

Essa mecânica, porém, tem um inconveniente: o professor, o inspetor e o Estado — digamos antes: o Estado, o inspetor e o professor —, com efeito, previram tudo, exceto que essa mecânica não engrena na complexa mecânica humana. O motor gira bem. Dá o seu rendimento máximo de tantas voltas por minuto — no caso, de tantas lições por manhã —, mas só muito por acaso se consegue engrenar. Então a máquina gira em vão. Ronca ou ronrona segundo o ritmo, ou se acelera e aquece. Mas a mecânica humana não treinada só raramente se atém à minuciosa organização escolar. A maioria das vezes mantém-se imóvel e aguarda... a saída. Às vezes — e mesmo freqüentemente — gira em sentido contrário, sob o impulso da vida; o mesmo efeito se produz quando, depois que o carro adquire uma certa velocidade, desastrosamente engatamos marcha à ré, em vez de engatarmos a terceira, que serviria para suavizar e harmonizar o rolamento: rangidos, grimpamentos, gritos, dentes quebrados e avarias.

Você terá de levar em conta, certamente, imperativos que por tradição, por exigências de organização e, às vezes, também por burocratismo animam uma mecânica que, de fora, nos impõe normas e um ritmo; mas você nada fará de válido, nunca ultrapassará os emperramentos e os erros da escolástica, se não conseguir a engrenagem indispensável com o elemento humano que você tem de formar, se não atingir uma harmonia de combinações, uma técnica de trabalho e de vida que lhe permita preparar não monstros, mas homens.

Vá ao encontro da vida

Nunca procure instalar-se no passado. Vá ao encontro da vida.

Não há maior alegria do que construir a própria casa, arranjá-la, enriquecê-la, embelezá-la, para fazê-la sua. Todos nós guardamos a nostalgia das cabanas de pedra ou de galhos que construíamos quando vigiávamos os nossos animais na orla dos bosques, dos castelos de areia na margem do rio, ou dos mundos criados outrora com a argila dos barrancos. E não tenhamos ilusões: é por sentirem essa mesma nostalgia que os adultos se orgulham de armar barracas em seus passeios, mesmo e sobretudo se o colchão for duro, se ameaçar chover, se o saco for pesado.

O que você precisa, neste início de outubro, não é de classes burguesamente instaladas, como esses apartamentos anônimos que nos impõem a banalidade dos seus arranjos padronizados, mas de amplos horizontes técnicos, sociais e pedagógicos, acessíveis ao trabalho, ao sonho e à vida.

Uma prefeitura generosa talvez tenha julgado que estava procedendo bem preparando para você uma classe onde tudo foi previsto: as carteiras enceradas e alinhadas, não podendo ser mudadas de lugar, quadros nas paredes ou talvez, o cúmulo da riqueza, frisos pintados por algum grande artista. Os tinteiros estarão cheios de tinta e os livros novos, cheirando ainda à impressão, estarão empilhados na sua mesa.

Tudo está no lugar, pronto para a partida; mas falta o convite para a viagem.

Peça, antes, que deixem com você a responsabilidade pelas bagagens, que lhe forneçam o material e os recursos para você arranjar a classe, no decorrer do ano, para que ela seja bem sua, como a casa que você construiu pedra por pedra, e onde cada recanto tem a sua história. Esvazie impiedosamente gavetas e estantes de tudo o que não for instrumento de trabalho; reserve as paredes para ornamentá-las, durante o ano, segundo a própria inspiração: pastas, desenhos, cadernos são apenas uma promessa, o cesto à espera de uma colheita, essa colheita que lhe será possibilitada pelos impressos, pelas trocas interescolares, pela própria vida, essa respiga que as mãozinhas lhe trarão todos os dias ao estenderem os seus feixes para você.

O que nos encanta e nos entusiasma nunca é o passado, por mais rico que seja, mas o futuro que encerra em si mesmo a criação, a aventura e a vida.

A escola nunca é uma parada. É a estrada aberta para os horizontes que se devem conquistar.

Vá ao encontro da manhã.

O nosso trabalho nos unirá

O que eu acho dessa divisão que mais uma vez vai esgotar nossas forças, aguçando os mal-entendidos e desencorajando as veleidades de ação dos fracos e dos indecisos?

Quando os rios avançam, serpenteando penosamente através da planície, demoram para se juntar porque, para eles, o menor braço de terra é obstáculo intransponível; quando, porém, correm impetuosos da montanha, arrastando, nos seus remoinhos espumosos, troncos de árvores ou pedras que se chocam violentamente, então nada os detém na corrida para outros rios. Ao se juntarem, aumentam a própria força. Se tentamos desviar-lhes o curso, refluem por um instante e depois voltam à carga, arrastando a ridícula barragem.

São necessários apenas o declive e o impulso, sem os quais a corrente será um inútil charco estagnado.

A nossa corrente comum é o TRABALHO.

Os educadores têm a vantagem insigne de poderem dedicar-se a uma tarefa que a técnica humana ainda não despojou dos seus atributos naturais. A torrente está lá, diante deles, ribombando e se agitando. E é por lhe opormos diques cedo demais que se imobiliza na planície. Depende apenas de nós vê-la novamente descer os declives e descer com ela, marretando obstáculos a serem derrubados, agarrando-nos por vezes às raízes da escarpa a fim de moderarmos impetuosidades, habituando-nos ao ribombar e ao ritmo das águas que correm, invencíveis, para a fertilidade e a vida.

Se nos soubermos recolocar nessa corrente, nem sequer teremos tempo de ver, nas margens, os eternos pessimistas de braços erguidos ao céu, prodigalizando advertências desesperadas diante do espetáculo do nosso esforço comum e harmônico.

Não se retire para a ribanceira, onde o musgo e o limo lentamente o cobrirão. Siga audaciosamente a torrente da vida.

4. A pedagogia de casaca

A pedagogia de casaca

É preciso escolher.

Se você insiste realmente na pedagogia autoritária; se você quer que a criança escute de boca aberta, sem crítica nem objeção, o que você lhe explica durante o dia todo, que lhe obedeça sem recriminar, não esqueça de vestir-se adequadamente.

E a forma é o colarinho engomado que o obriga a uma atividade altiva, mesmo que o impeça de respirar; é o chapéu coco ou a cartola que dão ao funcionário um ar mais importante, e a casaca que os homens do povo, no começo do século, chamavam tão irrespeitosamente de asas de barata.

Não dê risada: um deputado ou um ministro com traje de cerimônia, punhos engomados, sapatos de verniz e cartola é mais imponente que os atuais parlamentares de camisa *Lacoste* ou mesmo de bermuda. Diante dos primeiros, tiramos o chapéu naturalmente, tal como diante dos militares fazemos continência; com os segundos temos vontade de dizer: camaradas! A disciplina do exército se modificará profundamente no dia em que abolirem os uniformes, atenuarem a etiqueta, os dourados e prateados forem substituídos por galões incolores. E uma classe tradicional, dirigida por um professor estilo 1900, não poderia irradiar a mesma atmosfera que uma escola moderna, onde as crianças, de calção, trabalham ao lado de um professor sem camisa.

A religião bem sabe de tudo isso, ela que conserva anacronicamente os dourados, luzes e costumes de uma era passada, pois sempre se respeita o homem pelo hábito, embora este não faça o monge. Mas o padre operário despe a sotaina para descer à mina, não porque o hábito desusado o incomodaria, mas por saber que só se confraternizará verdadeiramente com o povo se trabalhar com ele, sem camisa.

Então, você escolherá.

Se realmente você prefere a disciplina da pedagogia de 1900, retome prudentemente as insígnias da sua função: o colarinho engomado — mesmo que seja de celulóide —, a casaca e o chapéu coco. As crianças o respeitarão de acordo — pelo menos aparentemente —, o que não as impedirá de, clandestinamente, bombardearem com bolinhas de papel o chapéu prudentemente pendurado no cabide mais alto.

Ou então você dá aula de bermuda ou de camisa *Lacoste*, tendo nesse caso de evoluir para a pedagogia da bermuda e da camisa *Lacoste*, que pressupõe uma reconsideração do problema das relações professor-aluno, uma reconsideração do respeito e do trabalho, um novo ajustamento da atmosfera da sala de aula.

O colarinho engomado e o chapéu coco lhe parecem ridículos. Então, não pratique, na era das camisas *Lacoste*, a pedagogia de casaca.

Aqueles que não podem ser domesticados

Você já se perguntou por que é que a raposa capturada viva definha e morre na prisão, sejam quais

forem os cuidados e a ciência aplicados para oferecer-lhe o alimento específico? Por que razão o pardal também não suporta o cativeiro, e que instinto mais forte do que a necessidade de viver impele algumas espécies a deixar-se morrer de fome em vez de se acomodar em cercados e grades?

Você conclui filosoficamente: "Eles não vivem em jaulas... não podem ser domesticados!"

E você pensou que o mesmo sucedia com as crianças, pelo menos com aquelas — e a proporção é maior do que se julga — em que o adestramento ou o atavismo não conseguiram resignar à obediência e à passividade: ouvem sempre distraidamente as palavras que você pronuncia e, com o olhar vago, fitam para além das grades... da janela, o mundo livre de que conservam para sempre a nostalgia. Você diz: "Estão no mundo da lua..." Estão na realidade, na realidade da sua vida, e é você que passa de lado, com o seu vacilante toco de vela.

Não fazem propriamente greve de fome, e teríamos ainda de nos certificar de que certas perturbações ou certas epidemias não são conseqüência de uma perda de vitalidade de um organismo que já não está no seu elemento. Porém, a greve de fome intelectual, espiritual e moral é patente, embora inconsciente. Essas crianças sentiam, fora da gaiola, uma curiosidade insaciável; dentro, já não têm fome. Você acusa, em vão, a falta de vontade, a inteligência reduzida, uma distração congênita de que os psicólogos e psiquiatras estudam as causas e os remédios.

Elas definham simplesmente como os animais capturados. Se nem sempre morrem — fisiológica e intelectualmente —, decerto não é por falta de medidas de vigilância e de coerção por parte dos carcereiros, mas porque a escola, até esse dia, não pôde trancar-lhes os domínios e porque os pardais, encerrados por alguns instantes, distraem-se de novo, logo que a sineta toca, na riqueza viva da grande experiência humana.

Claro, há o êxito dos que se "domesticaram". Será, porém, mais espetacular do que o êxito dos homens e mulheres que recusaram a prisão, mesmo dourada, e que na vida se revelaram lutadores em face dos elementos?

Então devemos deixá-los na selva da ignorância e renunciar a essa cultura nascida da Escola e que se recusaram a aceitar?

O dilema está mal colocado: entre o estado selvagem e o adestramento existe, como intermediário, a criação de um clima, de uma atmosfera, normas de vida e de trabalho em comum, uma educação que exclui a mentira e o artifício e esse medo instintivo, essa insuportável obsessão dos animais selvagens e das crianças por verem fechar-se, por trás deles, as portas da luz e da liberdade.

Jogaram pedras nos lagos

Que geração!, protestam transeuntes e proprietários. É mais forte do que eles... Têm que jogar pedras nos lagos!

Com efeito, é mais forte do que eles. Têm necessidade de ver a água salpicar em cascata tanto mais majestosa quanto maior é a pedra, essa pedra que seguem, encantados, no seu mergulho em vôo planado até o fundo esverdeado, embaixo, no reino dos peixes e das cobras. Como têm necessidade de andar e de correr, de chapinhar nas poças de água, de brincar com o fogo e com a faca, de puxar o rabo do gato ou fazer latir os cães, por trás dos muros!

"Inútil desperdício de energia", observam sentenciosamente os pedagogos, e dizem: "Então? Iremos obrigar cada homem a redescobrir o carrinho de mão, a máquina a vapor ou a virtude das sulfamidas? Homens com prática de crianças coletaram material para elas, classificaram-nas, agruparam-nas. Para que

deixar a criança tatear, perder-se em inúteis labirintos! Existem manuais escolares!"³ Isso mesmo... e que evitam às crianças o trabalho de atirarem pedras nos lagos, e explicam-lhes, com

Hoje, todo o mundo sabe andar de bicicleta. Como é possível que almas generosas não tenham imaginado ainda, para uso das crianças, um manual para ensinar a arte de andar de bicicleta sem quedas e machucados? Os próprios pedagogos verificaram que esse manual em nada diminuiria as tentativas e também não evitaria quedas e arranhões.

Ninguém pode comer por nós; ninguém pode substituir-nos na necessária experiência que termina pelo andar a pé ou de bicicleta. Infeliz educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziria apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes, pois, quando crianças, não jogaram sua parte de pedras nos lagos.

O peso da servidão

Dizem que as nossas ovelhas são estúpidas. Nós é que as tornamos estúpidas, ao encerrá-las em estábulos acanhados, sem ar e sem luz, onde não têm outro recurso senão baterem com as patas no chão, balindo sempre até aparecer o pastor ou o açougueiro.

E nós as tornamos estúpidas também quando, em plena montanha e sob a ameaça do chicote e dos cães, as obrigamos a seguir passivamente, pelo atalho tortuoso, os passos da ovelha dianteira, que por sua vez segue o carneiro de longos chifres que também não sabe para onde leva o rebanho, mas que se orgulha de ser carneiro.

Nós as tornamos estúpidas porque reprimimos brutalmente todas as tentativas de emancipação, todas as veleidades dos jovens carneiros de fazer as suas experiências fora dos caminhos batidos, perdendo-se nas matas, demorando-se entre as rochas, mesmo se conseguirem colher apenas arranhões e ranger de dentes.

Mas nós temos desculpa. O nosso fim não é educar nossas ovelhas nem torná-las inteligentes, mas somente treiná-las para suportar, aceitar e até desejar a lei do rebanho e da servidão — aquela que dá boa carne e grandes benefícios.

Infelizmente, porém, ainda ouço crianças balbuciando em cantochão — ia dizer balindo —, por trás das portas fechadas das suas escolas-estábulo, mesmo que sejam escolas-estábulo luxuosas; vejo-as bater os pés como as nossas ovelhas, à entrada e à saída, e nada falta, nem os carneiros, nem os pastores autoritários, nem os regulamentos tão severos quanto os nossos chicotes e os nossos cães. Vejo-as virar, todas ao mesmo tempo, as mesmas páginas, repetir as mesmas palavras, fazer os mesmos sinais...

E mais tarde você se admirará ao vê-las oferecer miseravelmente os braços à exploração e o corpo ao sofrimento e à guerra, como as ovelhas se oferecem ao matadouro!

É a servidão que nos torna fracos, é a experiência vivida, mesmo perigosamente, que forma os homens capazes de trabalhar e de viver como homens.

Não aceite a volta à servidão escolar. Faça por merecer a liberdade!

³ Marie Dazy: "Discipline naturelle", *Journal des Instituteurs*, número de 24 de janeiro de 1948. fotografias e desenhos elucidativos, o que ocorre quando uma pedra cai na água.

Tratadores e educadores

Lamento os criadores — que chamamos hoje de tratadores — e os seus animais encerrados em estábulos de onde só saem para o matadouro.

Porém, não sofrem! Sua manjedoura está sempre abundantemente abastecida de uma imponente massa de capim e de feno, porque é preciso quantidade para encher bem a pança, não é mesmo?

Se alguns animais, ainda não suficientemente domesticados, recusam-se a engolir a respectiva porção, são empanturra dos com sal ou massa de sementes... Têm de comer o que lhes é dado! Não cabe a eles escolher, ora bolas!

Se a digestão for difícil, a ciência indicará um produto maravilhoso que, diluído em água, evitará todos os problemas. Com efeito, os animais dão muito leite, mas, ao fim de três anos, definham e morrem esgotados.

Não tenho nenhuma dessas preocupações. Levo os meus animais para as pastagens mais ricas. Têm fome, o que é natural; e escolhem, o que também é natural. Adquirem um pêlo brilhante e boa carne, o que é igualmente normal. Basta-me garantir-lhes pasto e segurança.

Lamento os educadores que são apenas tratadores e pretendem tratar metódica e cientificamente os alunos, encerrados em salas onde, felizmente, permanecem apenas algumas horas por dia.

A sua grande preocupação é fazer engolir a massa de conhecimentos que irá encher cabeças ingurgitadas até a indigestão e a náusea. A arte deles é a de empanturramento e condicionamento, e também da medicação suscetível de tornar assimiláveis as noções ingeridas.

Conserve nos seus alunos o apetite natural. Deixe-os escolher os alimentos no meio rico e propício que você lhes prepara. Então, você será um educador.

Criação moderna ou campo de concentração

A proprietária de uma granja moderna explicava-nos:

— Vejam, aqui tudo está previsto, tudo é metódico e científico. A nossa criação — no fundo assemelha-se a uma escola — é dividida em classes: estes pintinhos arrepiados, que acabam de sair dos ovos da incubadora, encontram-se nesta primeira sala aquecida ou superaquecida. À medida que crescem, dividimos as gaiolas e os mudamos de sala. Cuidamos especialmente da alimentação, adaptada a cada idade e ci-en-ti-fi-ca-men-te estudada, com vitaminas caríssimas! Em tempo mínimo, os frangos crescem e engordam. Daqui vocês podem ouvi-los, nas últimas salas, brigando e piando, como crianças num recreio pequeno demais para as suas folias.

— E se fugissem? — pergunta uma criança, horrorizada com essa atmosfera de campo de concentração para galinhas.

— Não tem perigo: se por acaso saíssem da gaiola, não poderiam andar nem encontrar alimento. São preparados para ficar onde estão, bicando a papa e à espera da faca do sangrador... Lá longe, em volta das fazendas, frangos e galos em liberdade cacarejam tranquilamente, passeando debaixo das oliveiras. Mais adiante, na orla do pinheiral, uma perdiz chama pelos filhotes para abrigá-los antes do crepúsculo.

Não tirarei conclusões, mas penso que, infelizmente, ainda existem escolas preparadas e ordenadas cientificamente segundo os princípios da criação moderna de galinhas, e que as crianças que as freqüentam correm também o risco de não saberem andar na vida, nem procurar e conquistar o alimento. Também elas

aguardarão a papa e a faca dos sangradores...

A escola do pioupiou⁴

Conhecemos, no começo do século, a era do *pioupiou*, do tempo em que as guerras ainda não haviam desbotado os capotes e os botões, em que os cançonetistas troçavam do amigo Lucas, enquanto os soldados contavam, às jovens embaçacadas, as aventuras de caserna, como exploradores narrando proezas nos países dos pigmeus e dos canibais.

Repetiam a "teoria" do cabo, explicando aos seus soldados, imóveis e mudos, todas as peças da espingarda Gras ou Lebel. O cabo aprendera a lista de cor; mas, às vezes, enganava-se nas peças, mostrando o ponto de mira quando falava da alça. A "teoria", porém, estava correta, o que era essencial. A finalidade da "teoria" não era ensinar a conhecer ou manejar a espingarda, mas sim aprender a "teoria".

O manejo da espingarda é uma coisa muito diferente!...Era a época da continência e do dedo mindinho na costura das calças...

— Você, aí atrás, quer dizer alguma coisa? Cale a boca se não quiser ir para trás das grades!...

Antes de falar com um superior corrija a posição!...

Silêncio nas fileiras!...

Esta disciplina, para revistas de *music-hall*, desapareceu do exército e da caserna. A guerra matou-a...

Refugiou-se na escola, que, insensível às guerras ou aos bombardeios, continua a manter-se na era do *pioupiou*, da "teoria" e do sabre desembainhado.

Para tirar as mãos das costas e sacudir as fileiras, seria necessário, como para o exército, um maremoto, a fim de dispersar a escola com atiradores, substituir a forma das palavras, a rigidez dos gestos e o prestígio da autoridade pela iniciativa e pelo engenho, lançar professores e alunos numa aventura comum em que, para nos salvarmos, temos de nos sentir bem juntos e chamar uns aos outros de você...

É necessária a aventura da vida...

Cárceres de juventude cativa

O cabrito bale, passando desesperadamente a cabeça delicada pelas barras do cercado. O potro escapa como um doido logo que se entreabre a porta. E se as crianças escutassem você deveriam ficar passiva e ajuizadamente na prisão das carteiras, calmas e silenciosas nos pátios nus que tanto se parecem com os galinheiros de tela, onde as galinhas se cansam de tanto se esfregar e ficar dando voltas, fitando com inveja o capim verdejante no setor livre!

Você não queria que falassem de prisão; a frase de Montaigne, "cárceres de juventude cativa", o irrita. Ah, se as crianças pudessem falar!

E falam. Porque nós lhe demos a palavra, porque lhes ensinamos a dignidade dos seus próprios pensamentos e o eminente alcance de toda a sensibilidade que se expande e transborda.

Este poema, "Pensionato", que nos foi enviado por Annie Long (14 anos), da escola de Peynier, talvez eu pudesse tê-lo escrito há quarenta anos, mas ninguém teria registrado as minhas queixas; teriam rido da

⁴ Nome popular, dado antigamente aos soldados. (N. do T.)

minha audácia e do meu desespero.

Disseram-nos que Annie não conseguiu o C.E.P. (Certificado de Ensino Primário) por ser aluna fraca em francês, e que foi para castigá-la que a exilaram para o pensionato de Marselha.

Os bardos da Idade Média também não teriam conseguido o certificado; mas sabiam comover e cantar.

Pensionato

Grande massa

a fixar no mundo que passa

o seu olhar penetrante,

serpente

esperando com impaciência

a presa

que acaba de fascinar,

esfinge

cujo olhar cavernoso nada deixa ver

de tudo o que nela acontece!

Largas janelas se abrem

para a pobre vida que se leva

e fecham-se à noite,

plenas de mistério e de vergonha, sobre salas imensas, frias,

odiosas.

Um pátio seqüestrado onde não se pode brincar

faz pensar num túmulo recentemente aberto.

O Sol esforça-se por lá entrar;

duas árvores que suspiram

deixam escapar as lágrimas,

folhas de Outono dançando

sua última ronda,

depois morrendo num canto, sozinhas, abandonadas.

Oh! por que deixam neste túmulo

almas fracas

a viver como animais encurralados, sentando-se à mesa com fome, levantando-se na mesma?

Pensionato!

Buraco escuro e negro

onde toda alma que vive

não vê o futuro.

Sinais de tristeza

espalhados, lúgubres e monótonos;

desgostos

incrustados

no pensamento

do Tempo que passa

e não mais voltará;

crianças

que se fecham aguardam a libertação.

Cuidado com o laminador!

— Atenção, menino... O disco excêntrico tem de realizar a sua revolução. Ele não vai ver se é o seu dedo que detém o volante por um momento. A máquina não seria máquina, se a mão de uma criança pudesse travar a sua potência.

A escola é aquele mecanismo implacável que deve girar sem respeito pelas naturezas que ela fere e esmaga. Hoje, você nem sequer tem tempo para faltar à escola. A única coisa que você pode fazer é esquivar-se à guia implacável que o engole ou usar de manha com a engrenagem, como os galhos muito duros que a serra ataca de través e que saltam com ruído brutal.

Como técnicos perfeitos, os pedagogos escolásticos dirão que aprenderam com os seus professores a arte de manejar o laminador, que apertam progressivamente, a fim de obter a maleabilidade necessária sem choques nem acidentes. E, se as cabeças fortes, como metal duro demais, não quiserem acomodar-se ao laminador, serão esmagadas à força, por meios adequados. Você não ia querer que fosse o laminador quem cedesse, não é?

Assim, para protestar contra essa laminagem, existem apenas os homens que escaparam ao laminador, ou tão mal laminados, que encerram em si mesmos a nostalgia da sua forma primitiva que o mecanismo modificou desastrosamente. E, como é óbvio, têm contra eles o exército imenso dos laminados e dos laminadores.

Nós, porém, que mantemos no coração pelo menos a lembrança dessa humanidade ameaçada, vemos caminhar ao nosso encontro esse garotão de treze anos que as tristes fábricas tentaram laminar e que nos fita com olhos desconfiados e inquietos, como que perguntando:

— E você, também vai apertar o laminador?

Só ficaremos satisfeitos no dia em que voltarmos a ver brilhar nos olhos dele o sol da confiança criadora, e se exprimirem, nos gestos seguros, as grandes preocupações do homem que se eleva.

Os falsos moedeiros do espírito

Sou da época, no começo do século, em que ainda se fazia tilintar no balcão as moedas duvidosas, de ouro ou de prata. Na feira, as donas de casa experimentavam as panelas, certificando-se de que eram de bom metal. E, com legítimo receio, líamos a fórmula sacramental, inscrita nas notas de banco: "Os falsificadores serão punidos com trabalhos forçados por toda a vida."

Já não se fala, hoje, de moeda falsa, mas as notas de banco todos os dias mudam de valor, o plástico imita o couro, e o poliéster, a seda natural. Fabrica-se vinho sem uvas, as safras são envelhecidas artificialmente, o mel e a manteiga são falsificados.

Os pensamentos também são falsificados, e ninguém mais sabe que chumbo vil se esconde sob a imponência exterior das edições, ou sob o desregramento das imagens e dos sons, para cujo controle já não há tempo nem audácia.

A moeda falsa aparece por toda parte, e, quanto mais suspeita, mais se paramenta de títulos e recomendações, de capas flamejantes e de ruidoso reclamo.

A verdade passa a ser simples demais e humilde demais para ser devidamente considerada. E coitado do homem honesto e justo que se lembrasse de ainda fazer tilintar as moedas, experimentar o couro ou provar a manteiga! Coitado do temerário que põe em dúvida as virtudes dos unguentos de charlatães ou a ciência dos manejadores de seringas!

O moedeiro falso exhibe hoje os seus diplomas, e sela os seus produtos "com a garantia do governo". Ele é rei, e a Escola tornou-se sua servidora, fazendo tilintar falsamente moral e história, ciência e cálculo, arte e literatura. Por toda parte, o ouropel toma o lugar do verdadeiro metal. A forma mata o espírito, e a mecânica, a vida. Então, mostram-se como perigosos iconoclastas os homens de bom senso que desejariam voltar a dar livre curso ao pensamento profundo, alimentado pela boa seiva ancestral, e ensinar as crianças a rasparem o verniz para desmascarar os falsos moedeiros do espírito.

Num mundo que impõe as suas práticas do *Ersatz* e da contrafação, saberemos nós ser suficiente e logicamente humanos para voltar a dar primazia a esses atos funcionais que a escolástica complicou e desvalorizou e que se chamam: sentir, criar, compreender, socializar-se, viver e amar?

Madeira maciça ou aglomerado

No meu tempo, me diz o velho pastor, não passávamos a vida correndo, como hoje. Se construíamos a nossa cabana rústica, procurávamos alicerçá-la, edificá-la e cobri-la como se tivesse de durar séculos. Quando o marceneiro talhava, em pleno cerne da noqueira, as belas tábuas dos móveis, que ele trabalhava com capricho, também tinha consciência de estar criando para a eternidade.

Era como uma lei do trabalho que impregnava a nossa maneira de compreender, de fundamentar e de construir a vida.

Dir-se-ia que a humanidade está hoje recaindo na infância. Precisamos de jóias brilhantes, mesmo que oxidem antes de usadas. Decidimos construir uma casa e queremos logo morar nela, como a criança que entra engatinhando na cabana inacabada. Cavar fundações, construir paredes de pedra... dá muito trabalho! Com tijolos sistemáticos, o edifício subirá como castelo de cartas.

Não tem boa aparência? Não tem importância: o revestimento das paredes mascara a fragilidade da construção, e os móveis de bétula, colados apressadamente, são recobertos com folha de nogueira ou de acaju do mais belo efeito aristocrático. Na estante habilmente envernizada, alinham-se dicionários e álbuns falsos, com lombadas patinadas e títulos dourados, dignos de destino mais útil.

Respondem-me que essas lamentáveis deformações são os inconvenientes de um progresso que estende à massa dos homens um *Ersatz* do luxo e do conforto, apanágio anteriormente dos privilegiados. São a tara de uma sociedade mercantil que sacrifica as esperanças generosas dos homens ao lucro egoísta.

Temos outras ambições para a cultura do povo, e não queremos que, à força de usar jóias falsas, construir e morar em castelos de cartas e usar móveis de aglomerado, você fique parecendo essas bibliotecas de estantes pretensiosamente guarnecidas de capas com belos títulos, mas dentro das quais não há nem vento.

Cuidado com o canto haxixe!

Cada século tem a sua especialidade de haxixe, conforme as necessidades dos especuladores interessados em adormecer o povo.

Na minha juventude, recorria-se à oração.

Ah, as longas horas passadas na igreja, olhando as velas vacilarem enquanto o padre, o sacristão e as beatas salmodiavam incompreensíveis litânias! E as intermináveis noites de via-sacra em que tínhamos que esperar, em cada estação, que se desfiasse a porção regular de resmungos!

Depois fui soldado. Aí, quanto mais dura é a caminhada, quanto mais os coturnos pesam na mochila, quanto maior é o perigo, mais os chefes recomendam que os soldados em marcha cantem. Assim, ninguém pensa no seu destino. A cantoria domina os suspiros dos desanimados ou as reflexões amargas dos filósofos. E, quanto mais tola é a canção, melhor desempenha sua função.

Em breve, se não tomarmos cuidado, aplicarão o mesmo regime do "canto haxixe" às escolas, às casas de crianças, às colônias de férias, aos movimentos de juventude. Ninguém mais se empenhará em sondar a psicologia da criança, nem em aplicar uma pedagogia sã que lhe permita satisfazer as principais necessidades de expressão e de trabalho. Passará a ser inútil, com risco de discutir as ordens recebidas, tentar compreender para escolher e agir de uma maneira autônoma e original. Cantaremos. E, quanto mais dura for a caminhada, quanto mais incertos forem o presente e o futuro, mais se cantará. Quanto mais vulgar o canto, melhor se atinge a finalidade desse novo haxixe: estupidificar.

A minha prevenção não é a crítica; é a defesa da verdadeira oração — a que é a humilde comunhão espiritual preconizada pelos Evangelhos —, da música e do canto que são a comunhão superior pela qual escritores, poetas, músicos e artistas nos oferecem asas esplêndidas para subirmos aos cumes.

No desfiladeiro estéril

Nós, professores primários, estamos na situação pouco invejável de um pastor condenado a guardar o rebanho no mesmo desfiladeiro estéril onde, há cem anos, pastam gerações de ovelhas: é proibido deixar os animais aventurar-se até a montanha, para a reserva florestal, vigiada pelos guardas. À esquerda, um campo de centeio em que as ovelhas não podem pisar. À direita, a charneca nua onde só passaram para se perder na floresta próxima.

É aí que o pastor tem de ter olho vivo e bons cães. Ouvem-se as ovelhas balir sem cessar, inquietas. Os chocalhos agitam-se... "Vá por aqui!" "Vá por ali!"... Não é uma profissão nobre, mas um encargo

desumano.

E o pastor pensa, com nostalgia, no rebanho que conduz no verão, para o capim selecionado, no alto da montanha. Nem um ruído, nem um apelo, os próprios chocalhos são mudos. Segurança e paz!

Você pretende confinar as crianças numa sala de aula estéril, onde não encontram nada que outras gerações de crianças não tenham pervertido e banalizado, nada que lhes mate a fome de conhecimentos e a sede de amor.

Então, os indivíduos desajustados agitam-se sem descanso; deslocam-se e lutam, ou expiram as promessas de vida e de liberdade. E o professor esgota-se para manter, por todos os meios, o silêncio e a disciplina; por todos os meios, pela palavra ou pelo chicote, esperando que a ciência adapte às nossas escolas esses sistemas de arame eletrificado de tão bons resultados nas pastagens.

"Finja-se de morto!"

Todos os seres se defendem, segundo os mesmos princípios, contra a autoridade que os refreia ou os perigos que os ameaçam.

O escaravelho, a quem você impede a passagem fazendo menção de lhe tirar a bolota, imobiliza-se e se finge de morto, para tornar a partir intrepidamente logo que sente que o perigo passou.

O cão que você repreende baixa as orelhas e, com ar resignado, deita a cabeça entre as patas. Ele se finge de morto, mas assim que você vira as costas ele acorda cautelosamente, abre um olho inquieto e parte à toda pela pista proibida.

Finja-se de morto! É o conselho que o veterano, conhecedor das regras militares, dá ao seu recruta. Assim que o sargento for embora, a nós a liberdade!

Finja-se de morto!, repete o aluno veterano ao vizinho, ainda cheio de zelo e com vontade de fazer perguntas, arriscando-se a prolongar a lição e complicar os deveres. Finja-se de morto! Aceite, aparente e passivamente, uma lei do meio contra o qual é perigoso chocar-se de frente... Não diga nada, não é da sua conta!... Deixe o professor se virar!...

Finja-se de morto!, aconselham os educadores empenhados no laminador da rotina... Você não vai continuar a nos aborrecer com as suas perguntas, inovações ou experiências...

Mas quando o escaravelho rolar a bolota, quando o cão partir, intrépido, perseguindo a caça; quando o soldado desfrutar, longe do sargento e da caserna, de uma trégua avaramente calculada; quando o aluno, fugindo à regra escolar, realizar pelos campos, pelos caminhos e pelos bosques, pelo menos uma parte dos seus sonhos; quando o professor encontrar as forças vivas provindas de uma nova compreensão do dinamismo da sua função educacional, então você verá o que pode suscitar de atividade e de audácia uma vida cuja grande lei é — apesar de tudo — triunfar!

Finja-se de morto! É a expressão tão sugestiva — infelizmente! — daquela passividade de que você se queixa e que é a reação natural contra os obstáculos colocados pela escola ao desabrochamento das personalidades e à realização do seu destino.

Liberados do rito!

Você vai acabar com a garganta, gritando desse jeito com os bois... Veja Rossignol, guiando o arado. Ele assobia, e as coisas não correm pior, pelo contrário... Os animais acostumam-se aos gritos como às

pancadas e deixam de nos ouvir...

— Está bem... Mas são tão "maus" e tão desobedientes!... É para controlá-los!...

É só achar o jeito. Eu tenho sempre no bolso uma fatia de pão ou um pedaço de maçã para recompensar os meus animais. Assim eles me ouvem melhor e, se eu me zango uma vez, são mais sensíveis...

Seja o bom lavrador ou a mãe atenta e deixe de ser, na sua aula, o domador receoso de perder prestígio e autoridade se não falar grosso e fizer cantar o chicote.

Eu estava vendo você partir para o campo, no meio do seu bando chilreante e radioso. Você fala como um pai fala com os filhos, ou um irmão mais velho com os mais novos, com uma voz natural e humana, mesmo quando você tem que chamar a atenção de alguém teimoso e atrevido. Por que, então, ao transpor o limiar da sala de aula, você retoma a voz, com os seus gritos, ameaças e censuras, pautados pelas pancadas raivosas da régua simbólica?

É a escola!, você diz.

Não atiro pedras nos professores e não vou, também eu, infligir-lhes uma teoria inútil. A atmosfera de uma classe depende, sobretudo, do gênero e da qualidade do trabalho que se faz nela. Quando as beatas arrumam os bancos e põem flores nos altares da igreja para a grande festa do domingo, o recinto austero ecoa os gritos e os risos de uma juventude liberada do rito. Se, de livro na mão, você manda recitar lições monótonas e mortas, como encontrará a vida nas entoações e nas atitudes comuns? E, se você mesmo não faz mais do que pontificar, interrogar, vigiar e castigar, como poderá libertar-se de hábitos de que, no entanto, você sente a anacrônica anomalia?

Portanto, modernize a atmosfera da sua sala de aula pelas virtudes do trabalho. O mundo de 1959 já não tem necessidade do mestre-escola de 1900, como o exército moderno já não precisa de sargentos gotosos.

Vá ao encontro da vida!

Todos nós somos delinqüentes

Que tempo feliz o nosso, em que, no início do século, os moralistas não haviam inventado ainda as palavras nem as funções de "psicólogo" nem de "psiquiatria", e em que não se sabia o que era um delinqüente.

Talvez os policiais de ronda já usassem esse qualificativo, mas inocentemente, apenas para mostrar que não falavam a linguagem de todo o mundo. O "delinqüente" era o culpado que se havia deixado prender em flagrante delito, isto é, cometendo uma falta venial sem graves conseqüências.

Feliz o tempo em que os transeuntes tinham direitos consuetudinários sobre a macieira que estendia os frutos por cima da sebe, sobre os cachos de uvas pendentes ao longo do muro e sobre as nozes que, no outono, se espalhavam pelos caminhos! E em que podíamos estender um pouco o nosso domínio, sem grande dano e sem remorsos, para colhermos alguns cachos na parreira ou para roubarmos algumas groselhas.

Que tempo feliz! "Depois da festa de Todos os Santos, tudo o que fica nos campos é para as crianças", diziam os velhos. Cientes desse direito, invadíamos os prados desertos, fazendo cair, às pedradas, as últimas maçãs obstinadamente agarradas às árvores despidas. Saboreávamos então o prazer de comer os frutos proibidos que a sabedoria popular nos deixava o gosto de conquistar.

Ah! se no nosso tempo houvesse policiais tão ciosos das suas prerrogativas como os de hoje; se os jardins e os campos fossem fechados e corrêssemos o risco de sermos presos ao escalarmos as grades; se fosse proibido, por lei, estender a mão para o cacho de uva que se oferecia ou para o pêsego tão apetitoso que tentaria até um santo; se tivéssemos vivido, com a nossa sede de experiência e de liberdade, num mundo em que as crianças tivessem apenas o direito de seguir pelas passagens muradas; se nos tivessem "prendido" ao enchermos os bolsos de nozes ou ao fazermos, nas parreiras, a nossa provisão de cachos de uva; se o proprietário ofendido nos tivesse "conduzido" então ao agente responsável pela "ordem" que nos interrogaria e acusaria; se tivéssemos que ajustar contas com a justiça e se, impiedosamente, nos arrastassem perante um tribunal de menores, traríamos todos, inscrita por toda a vida na nossa ficha, a menção infamante de "delinqüente".

Certos atos são repreensíveis somente em função do egoísmo e da desumanidade dos que detêm propriedade e autoridade. Os delinqüentes!

Aqueles que nunca pecaram que lhes atirem a primeira pedra!

5. Nunca largue as mãos

Nunca largue as mãos... antes de apoiar os pés!

É uma grande lei psicológica da hesitação experimental. É permanente e universal como a necessidade superior de conservar e defender a vida. Ninguém terá a idéia de jogar-se do alto de um muro, só para ver como é cair lá embaixo, na terra dura. E mesmo os audaciosos às vezes só parecem temerários por não medirem com exatidão a altura do precipício. Esperam poder segurar-se com as mãos o tempo suficiente para caírem em pé. Quando se enganam, é uma catástrofe.

Essa mesma lei é válida em pedagogia. Você não deve abandonar um método de trabalho antes de encontrar outro melhor para adotar. Você fará como o excursionista que decerto quer avançar e subir, pois o destino do homem é sempre partir à conquista de um pedaço tentador de céu azul surgindo para além da linha das montanhas. Enquanto for possível, seguirá pelos caminhos batidos que o levem na direção desejada; para dormir e se reabastecer, você parará nos abrigos acolhedores instalados há cem anos pelos audaciosos, como você, que abriram o caminho. Partirá depois, bem equipado e com um guia, disposto a enfrentar a montanha invicta.

Então, você prosseguirá lenta e metodicamente, só arriscando um passo quando o lugar para o pé já estiver talhado na rocha; se quiser saltar por cima de uma geleira, faça-o só quando os demais membros do grupo estiverem em segurança no outro lado, prontos para segurá-lo se você, imprudentemente, pisar em falso.

Os audaciosos que só são audaciosos são vencidos sempre pela montanha. Para vencê-la, é preciso saber enfrentá-la segundo as leis da conquista e da vida.

Em pedagogia, você procederá do mesmo modo. Avançará prudentemente, utilizando, até o mais longe possível, os velhos caminhos seguros, recompondo-se nas paradas que marcam, como calvários, o rude caminho que leva aos cumes. Você atacará as dificuldades sem largar as mãos, firmemente agarradas à corda que, se necessário, o levará, não sem alguma brutalidade, para o chão firme, de onde você poderá partir novamente para a inevitável conquista.

Veja o Adriano

Na aldeia onde passei minha infância, Adriano era o homem de dedos mágicos que, sem ter aprendido nada, dominava as técnicas.

Se era preciso afiar facas e matar um porco, chamava-se o Adriano. Se faltavam cestas para roupa lavada, procurava-se Adriano... Para construir e aquecer um forno de cal, trabalhava-se junto com o Adriano. Se, para a festa do patrono, faltasse música para dançar, Adriano e o seu tambor apareciam para acompanhar o píforo.

Ele não precisava nem de manual, nem de instruções, nem de estágio de aprendizagem. Parecia atingir a mestria imediatamente, não se sabe por meio de que aptidão para perceber as coisas e os homens. Todos nós tínhamos a impressão de que para ele tudo era fácil e possível.

Quando, porém, tentávamos imitá-lo, nós nos cortávamos com as facas, nossos embriões de cestas

ficavam informes, o forno desabava antes de a pedra cozer, e o tambor desafinava. Então, pedíamos a ele que nos explicasse o seu êxito, o que ele fazia de bom grado, mas um pouco admirado por não compreendermos logo o que ninguém lhe ensinara.

Em educação também há Adrianos. São raros. Apresentam-se ao mesmo tempo como um exemplo e um perigo. Um exemplo, porque nos impelem sempre para a frente, empunhando os nossos fochos; um perigo, pela tendência a dizer: "É tão fácil... faça como eu." E nem sempre com a benevolência de Adriano, mas às vezes numa espécie de preocupação por manter ciosamente essa superioridade e de nos deixar tatear nas trevas, penosamente.

Nós, porém, somos a massa dos pesquisadores de dedos comuns que precisam da experiência dos que tropeçam nas mesmas dificuldades que nós, tendo de aprender a construir um forno ou a tocar tambor, talvez com a esperança de que as crianças educadas por nós adquiram o espírito fértil e os dedos mágicos dos Adrianos de amanhã.

Tomar a frente do pelotão

Às vezes, ao atravessar a floresta, talvez você se pergunte por que razão o solo está tão nu entre os troncos das árvores, e por que é que uma geração de pequenos pinheiros não cresce no húmus generoso, suficientemente úmido e ao abrigo dos ventos. É que, para crescer, para viver e durar, a árvore precisa atingir a luz e o sol, mesmo que, para isso, tenha de inclinar-se e escapar por entre os troncos altos. Se não o consegue, estiola e morre.

Observe os corredores do *Tour de France*. Ou tomam, em qualquer momento, a frente do pelotão e conseguem uma boa classificação, ou abandonam a corrida, pois, para eles, esta não tem nem sentido nem vantagem se não lhes permite, nem que apenas por instantes, aquecer-se ao sol do êxito e da glória.

Você nunca pensou na amargura de todos esses arbustos que, na floresta da sua classe, nunca tiveram a vantagem de ver o sol e de tomar a frente do pelotão, que estiolam, endurecem e abandonam tudo?...

A não ser que, antes de fazê-lo, tornem a se levantar e fujam para tomar, mesmo que só uma vez, a frente do pelotão, mesmo que esse pelotão seja pouco recomendável. Você elogia o bom aluno, inteligente e aplicado. Há, porém, outros pelotões que correm pela descida e às vezes empurram você: o aluno que não é bem-sucedido, segundo as normas de que você fez a regra escolar, será talvez o mais hábil para jogar bilhar, caçar com a funda, acender uma fogueira na montanha... ou, mais simplesmente, para ridicularizá-lo enquanto você escreve no quadro... E aquele que detém o recorde dos alunos de enfiar moscas no tinteiro alcançou, à sua maneira e durante alguns instantes, a frente do pelotão.

Não desencoraje os corredores. Há o alpinista que toma a frente do pelotão na subida da montanha, o veloz que voa nas estradas planas, o que desaparece à partida e o que ganha o *sprint*. Que cada um dos seus alunos possa, em algum momento, tomar também a frente do pelotão e ser o melhor numa das múltiplas tarefas que a Escola Moderna oferece aos seus discípulos: assim você terá o escritor, o poeta, o desenhista, o contista, o contador, o trágico, o cômico, o impressor, o gravador, o marceneiro, o montador, o arquivista, o amante da ordem, o músico, o cantor, o jardineiro, o vendedor, o fogueira... Será fácil você encontrar trinta funções eminentes para os seus trinta alunos.

Você verá, então, crescer os troncos, e a folhagem tornar-se espessa.

Abra pistas

Alguma vez você já caminhou por essas picadas na montanha, traçadas e rasgadas pela multidão ancestral dos pés de homens e de animais, e que são como a marca ainda viva de uma humanidade que ultrapassa a história?

Através dos prados ou nos flancos das encostas, nunca há uma solução única, um caminho exclusivo, mas atalhos caprichosos mais ou menos paralelos, com um leque de outros caminhos que se abrem, a cada curva, para outros horizontes.

Se, em dado momento, o leque se aperta, é porque a passagem é difícil, porque o atalho vai dar num desfiladeiro ou terminar na única ponte de troncos que atravessa a corredeira; mas, passado o obstáculo, como uma flor que se abre, de novo se espalham os atalhos aventureiros que partem ao alcance da montanha a ser conquistada.

Também a vida oferece assim a sua plenitude aos que querem enfrentá-la. Não reduza, de antemão e arbitrariamente, a infinidade das pesquisas e a multiplicidade das soluções para os complexos problemas que ela nos impõe. Não agrave a monotonia de uma vida cotidiana, em que o leque dos caminhos se fechou sobre a perspectiva acinzentada da rua que conduz à fábrica. Não desespere os seus alunos, transformando a escola num desfiladeiro de sentido único, cuidadosamente ladeado por barreiras, blocos oscilantes e precipícios, sem que haja esperança de ver, finalmente, na curva seguinte, abrir-se o leque generoso dos atalhos que sobem para a plenitude da vida.

A partir de agora, e todas as manhãs, abra pistas, mesmo que nem sempre você tenha a certeza de que levarão à passagem, mas que sirvam para todos os temperamentos e todos os gostos: para a ovelha bem comportada que seguirá pela via central já há muito traçada; para o carneiro orgulhoso que necessita mostrar os chifres infatigáveis e para o qual subir e escalar parece freqüentemente uma finalidade funcional.

Esta é a minha velha experiência de pastor: o rebanho não é mais difícil de conduzir quando se espalha pelos atalhos, calmo e satisfeito, em marcha para o mesmo horizonte, do que quando se junta nos locais difíceis, cabeça colada à cauda, numa massa passiva que uma sombra surgida de repente pode lançar no precipício, ou espera somente a saída do desfiladeiro para seguir às cegas pelo primeiro caminho que lhe surgir.

O olho mágico

"Precisamos ter os olhos em toda parte e vigiar tudo ao mesmo tempo", lamentam-se os pastores-aprendizes que, ocupados em defender um campo de trigo, não vêem o rebanho escapar por uma brecha, como água a fugir, e invadir um campo de luzerna.

O talento de mestre-pastor é, de fato, estar atento aos pormenores sem descuidar do conjunto, lançar o cão contra as ovelhas aventureiras que se dispõem a transpor a cerca, e ao mesmo tempo ser sensível aos chocalhos longínquos dos animais afastados ou aos balidos desesperados de um cordeiro perdido.

"Também o motorista-aprendiz" mantém os olhos fixos na estrada, como se esta o obcecasse. Só mais tarde, quando dominar o volante, é que poderá simultaneamente dirigir o veículo sem incidentes, descobrir as possíveis avarias, olhar à esquerda, à direita, para trás pelo retrovisor... e, ainda, discutir!

Essa aptidão tão preciosa de fixar os olhos em toda parte e fazer várias coisas ao mesmo tempo é, decerto, função dessa forma eminente de inteligência, que inscreve no automatismo as exigências

complexas da vida. A criança, ainda dominada pelos imperativos de equilíbrio, tem apenas uma preocupação: chegar à cadeira que lhe estende os braços ao fundo do corredor; o pastor aflito por causa do trigo esquece-se da luzerna; o estudante que ainda não domina a mecânica das operações tem dificuldade em ver o conjunto dos problemas.

Infelizmente, muitos adultos permaneceram crianças tateantes, pastores principiantes e calculadores inexperientes. A escola e a fábrica formaram-nos ao ritmo de máquinas que ainda há pouco faziam apenas uma coisa de cada vez, não viam pelo retrovisor e tinham de ser servidas pontualmente, com os gestos limitados e uniformes exigidos pelo seu funcionamento. Os deveres e os livros, os resumos de manuais e os exercícios eram o prolongamento escolar de uma especialização mecânica preparatória para o trabalho em cadeia e o pensamento servil.

Atualmente, a ciência produz máquinas cujo "olho mágico" vê tudo ao mesmo tempo e toma, no devido tempo, as decisões complexas que se impõem. Nós também cultivaremos o "olho mágico" que, para além dos botões e das engrenagens, prepara a profunda formação politécnica capaz de salvaguardar a dignidade e o destino do homem.

Se o conhecimento...

Se psicológica ou pedagogicamente não conseguimos bons resultados, é porque fazemos manobras erradas, como quem aprende a guiar e vira para a direita em vez de virar para a esquerda, sobe na calçada proibida, ou à noite lança o farol alto sobre o automóvel da frente, quando queria acender o farol baixo.

São essas manobras erradas que procuramos descobrir, mesmo se não encontramos logo as soluções salutares. Enxergar bem, aplanar os caminhos, evitar as ravinas e os becos sem saída, já é uma pequena ou uma grande vitória quando nos aventuramos nas regiões tão mal exploradas da orientação de crianças e de homens.

Manobra errada sobre o *conhecimento*. Ensina-nos que é como juntar um grão de areia após o outro, virar uma página depois da outra, colocar uma pedra em cima da outra.

E se o conhecimento não fosse, talvez, mais que uma vibração imponderável, como a eletricidade, transmitida instantaneamente e nem por isso menos suscetível de modificar a consistência e as reações da matéria que atravessa?

Você diz: Temos de explicar racionalmente, juntando um com um para dar dois, um degrau após o outro subindo para chegar mais em cima. Infelizmente, por esse processo nunca se vai depressa nem para cima, mesmo que ele seja considerado "científico".

Na prática, brilha uma luz, é provocado um sinal; um abalo ou um choque suscita, em todo o corpo, reações que nos agitam e, no mesmo instante, sem sabermos como nem por quê, acende-se uma luz de alarme.

Enquanto a lâmpada não acende, você pode empenhar-se em subir degrau por degrau, pôr pedra sobre pedra. Você estará tateando nas trevas e apenas amontoando construções mesquinhas, sem horizontes nem saídas.

A infância não é um saco que temos de encher, mas uma pilha generosamente carregada, cujos fios, cuidadosamente montados, não correm o risco de deixar perder a corrente, uma rede delicada e potente, amplamente distribuída e que penetra nos recantos mais secretos do organismo para dar-lhe vitalidade e harmonia.

Então, ao se conjugarem estas condições ideais, basta uma ligeira pressão para estabelecer o

contato. Antes de você começar a explicar, a criança já compreendeu; se não compreendeu, pelo menos é supérfluo repor pedra por pedra, subir degrau por degrau. Sem dúvida, é melhor voltar a carregar a pilha, verificar, reforçar e ampliar as conexões.

A luz, então, brilhará soberana.

Fulgurantes!...

Sim, todos os nossos conhecimentos nascem, ardem e se apagam, infelizmente!, como o fogo alimentado lentamente, para concentrar em si suficiente força explosiva e rebentar em chamas devoradoras que se elevam e crepitam, e que às vezes nada pode deter. Você bate... e elas se ativam. Você joga água: elas parecem alimentar-se dessa água, invencíveis.

Mas, quando o fogo atinge a orla da floresta ou se acaba o cepo resinoso que o mantinha, a chama morre, pelo centro, como se já lhe faltasse aquela potência essencial que a fazia misteriosa e temível.

Todas as conquistas pré-escolares das crianças são assim fulgurantes, alimentadas do interior e projetando sobre o mundo em expectativa as chamas invasoras da sua temeridade. E ficamos surpresos, como diante do incêndio: aonde teriam ido buscar tais idéias? Quem suscita tal audácia? Por que meio indireto compreenderam, como num clarão, o inexprimível? E qual é o seu segredo para se servirem dos instrumentos que nós mesmos somos impotentes para manobrar, uma vez que deixamos morrer a chama?

É que essa chama, nós a extinguimos, cientemente ou não, no início da escola. Em quatro anos de vida, as crianças, sem esforço aparente, sem deveres e sem lágrimas, atingem limites que nos espantam. São extraordinariamente ricas de pensamento, de linguagem e de experiências pessoais e originais; são ricas também de ingenuidade e dessa sede devoradora que as impele a ir sempre mais longe, até os limites dos bosques, onde a escola — a miserável — as espera com os seus contrafogos e as suas trincheiras.

Quando a chama se extingui, quando tivermos dominado metódica e cientificamente o perigo que nos ameaça, tentaremos em vão remexer as brasas, soprar sobre as cinzas ainda quentes, lançar-lhes caridosamente um punhado de capim seco, tentando reanimar os fogos desaparecidos; mas, diante de nós, só há o deserto dos contrafogos e a barreira das trincheiras definitivas.

Felizmente, sem o sabermos a chama ainda corre às vezes para a orla das matas, onde novamente crepitam focos tenazes que chamamos de "prodígios", pois perdemos seus vestígios e progressos. São eles que se tornam as chamas do mundo que avança.

Escrito em pergaminho

Após treze anos de ausência, revi a pequena aldeia da Provença, hoje mais deserta, onde passei a minha infância.

Para reconhecer tudo intimamente, não precisei consultar o guia, como quando vou tratar de alguns assuntos na cidade, nem consultar manuais precisos sobre as observações que a escola, outrora, pudesse ter-me imposto.

O reconhecimento, o renascimento em mim das recordações é menos uma questão de memória do que de atmosfera, de sentimento, de afetividade e de vida. Quando revejo as velhas casas enroscadas junto do rochedo, quando percebo — todos os sentidos misturados — o eterno murmúrio da nascente caindo em cascata entre os matos, o ruído do moinho onde a água gira, agora em vão, entre o entulho; quando se aproximam de mim homens e mulheres que treze anos de acontecimentos trágicos marcaram e envelheceram, as minhas recordações reaparecem — todos os elementos misturados — com fidelidade

total, como se diante do meu pensamento desfilasse um filme mágico do passado ressuscitado. Nada foi esquecido — nem a ranhura na pedra do parapeito, nem a altura dos degraus diante da porta de minha casa, nem aquele anel na parede onde prendíamos simbolicamente os nossos prisioneiros, nem os gestos rituais da forneira tirando as fogaças quentes, de que tirávamos gulosamente os primeiros pedaços.

Os psicólogos dirão que a memória, para se enriquecer, necessita de elementos duráveis, de observações precisas e metódicas. Desde a escola, não fui privado de nada disso. O processo não deu resultado. Os vestígios desses elementos esfumaram-se até se tornarem imperceptíveis, como alguns escritos modernos cuja tinta empalidece e depois se apaga, ao passo que a vida tudo me firmou na memória com uma precisão e indestrutibilidade de pergaminho.

Serei uma exceção? Ou então, se o fato é geral, poderíamos concluir que os psicólogos e os pedagogos se lançaram por uma pista falsa, que escreveram com uma tinta que empalidece e depois se apaga, e que basta encontrarmos o segredo da escrita indelével que inscreve em nós, para sempre, o que a vida marcou uma vez, um minuto, um instante, com o seu sinal de soberana humanidade.

A interrogação

Se você quiser que a escola seja a imagem da vida, será preciso banir dela a interrogação como método de trabalho, pois na vida só se interroga quando se deseja conhecer.

Ninguém gosta de ser interrogado, nem os adultos nem as crianças, porque o interrogado imediatamente se coloca em situação de inferioridade em face do interrogador, e porque o ser humano não suporta a sensação de inferioridade. É sempre preferível, humana e pedagogicamente, ceder a melhor posição ao indivíduo, colocando-nos em inferioridade diante dele, concedendo-lhe logo a vantagem da superioridade e do poder.

Estou pensando na minha pequena Nicole, de três anos, que franze a testa e fica amuada quando não consegue o que quer ou procura realizar, e que me acompanha com um ar de vitória e de segurança, dizendo-me:

— Vou com você ao lago porque você tem medo do lobo!...

A interrogação é um vestígio da filosofia religiosa que considerava a criança, ao nascer, marcada pelo pecado original, e acreditava na necessidade de mortificá-la e humilhá-la sem cessar, para habituá-la à humildade e ao desprezo de si mesma. É um método que pode dar bons resultados com almas nobres e bem temperadas, mas que para a massa das pessoas resulta apenas no medo dos grandes e respeito pela autoridade estabelecida.

Suprima a interrogação, substituindo-a pelo êxito de um belo trabalho. O aprendiz de lavrador ficará humilhado e sem ação se você lhe fizer uma pergunta, sobre o arado ou a utilidade da lavoura, sabendo de antemão que ele não conseguirá responder... senão você não a teria feito! E, quando pegar no cabo do arado, estará hesitante e inteiramente dominado pelo medo do fracasso. Desvantagem temível para quem inicia uma tarefa difícil.

Pelo contrário, dê conselhos úteis, ponha o arado no sulco e diga:

— Agora, isto anda sozinho. Ande e assobie.

E o vaqueiro triunfante, chegando ao fim do sulco, põe-se a admirar o belo trabalho realizado.

Vamos ajudar a criança, manter nela o desejo e a necessidade do trabalho, deixar que seja ela a interrogar e a pedir conselhos, e arranжемos as coisas de maneira que ela faça bem o sulco e, triunfante, possa admirar o resultado do próprio esforço.

Com um quase nada de êxito, uma grande confiança e um meio favorável ao trabalho, a criança iria até o fim do mundo.

Uma direção sensível

Você já tentou girar o volante do seu carro quando está parado e começa a andar lentamente, ou quando, em velocidade reduzida, tem dificuldade em fazer uma curva fechada? Apesar dos seus esforços, você não consegue dominar a direção obstinadamente rebelde e que só chiando responde às suas solicitações.

Ganhe velocidade primeiro; a direção se tornará cada vez mais obediente e manejável, nervosa e viva; quando você estiver a uma boa velocidade, o volante estará tão sensível, que bastará uma leve pressão para girá-lo. Trata-se, neste caso, de uma daquelas leis de bom senso que, como tais, são comuns à mecânica, à sociologia e à pedagogia.

Não tente orientar a criança se antes não a tiver colocado em marcha, ou se você lhe tiver detido artificialmente o impulso nas curvas difíceis da vida. Não acredite nos pedagogos estáticos que lhe querem dizer como se ensina a arte de girar o volante de um carro parado. Você se cansaria em vão e estragaria a máquina.

Portanto, deslanche! Sacuda e exalte a vida! Acelere bastante para evitar as perdas de velocidade; você pode até partir a toda velocidade pelos caminhos sem perigo. Uma palavra, um gesto apenas esboçado terão então mais alcance do que cem discursos sobre o sentido e o destino da conquista comum. Horizontes novos se abrirão; graças exclusivamente ao seu dinamismo, surgirão pensamentos que você procuraria em vão nas lições e nos livros.

Quando, na primavera, eu levava para pastar o meu rebanho de cabritos saltitantes e indisciplinados, tentava empurrá-los à minha frente, tocando-os com o chicote, gritando alto e gesticulando, para impedi-los de escapar bruscamente, por um desvio, para um campo de trigo novo. Expulsava-os dali, e lá estavam eles nas moitas saborosas do pomar... pois os cabritos não sabem andar direito, ajuizadamente, como deve ser.

Então, eu passava à frente, saltando como eles, e tão depressa, que já nem tinham tempo de escutar o apelo tentador do trigo ou da fruta à beira do caminho; e assim, sem aborrecimentos, levava-os até a margem do rio onde cresciam os amentilhos.

Não perca velocidade. Abandone o verbo morto e estéril. Então você forjará a verdadeira pedagogia do trabalho.

Educar ou domesticar

A natureza é assim: ninguém gosta de obedecer passivamente.

Quando, ainda criança, saía com o meu burro, às vezes eu queria fazê-lo passar por onde, não sei por quê, ele não queria ir. Eu o puxava... puxava... e, quanto mais eu o puxava, mais ele puxava em sentido contrário. Eu largava a rédea, passava para trás dele e, zás! dava-lhe umas pauladas!... O burro começava a andar, dava alguns passos para me convencer de que se

rendera às minhas razões e depois, bruscamente, partia a galope na direção que o atraía.

E dizem que o burro é teimoso... O mais teimoso ainda é muito dócil!

Tente empurrar um cabrito para um atalho ou para uma cerca. O animal sente um perigo, como se estivesse à beira de um precipício. Quanto mais você empurra, mais ele reage para opor-se aos seus esforços. Isso faz parte do instinto de conservação e de defesa dos seres animados.

O homem não é exceção. Existe, decerto, o indivíduo habituado ao rebanho, dobrado pela obediência, domesticado a ponto de ter perdido essa reação vital que é a dignidade.

A criança, porém, ainda é nova. Reage como o cabrito. Basta sentir que você quer orientá-la por um determinado caminho, que o seu movimento natural é escapar em sentido oposto.

Se os seus esforços forem visíveis, obstinados, se você a puxar ou a empurrar, ela se oporá até a violência.

Se você conseguir constrangê-la, pela força ou pela manha, ela fará como o burro: voltará na primeira oportunidade.

Quando alguém o empurra, o seu primeiro movimento não é resistir à pressão e tentar vencê-la?

O velho pedagogo, o filósofo obstinado talvez saibam tudo isto, mas objetam: na vida, nunca se faz o que se quer... que eles aprendam primeiro a obedecer!

Não percebem que, procedendo assim, são tão ilógicos quanto o marceneiro que teima em trabalhar a madeira em sentido contrário ao da fibra, pois é a madeira que se deve vergar à vontade do artífice; ou como o pastor que se sentia orgulhoso por ter acostumado os cabritos a entrarem passivamente no cercado sombrio onde o magarefe iria escolhê-los.

Que droga de ancinho!

Conheço essa história na sua versão provençal, e conheço exatamente a mesma história na versão dos Vosges. Isto prova a universalidade do bom senso, que deveríamos utilizar.

Ernesto está de volta à aldeia natal. Tendo vivido na cidade próxima, usa sapatos finos, gravata cuidada, vinco nas calças e barriga saliente, e já não sabe falar bem o saboroso dialeto da aldeia.

Era tempo da ceifa do feno, e todo o mundo trabalhava, de mangas arregaçadas, debaixo do sol forte. Nicolau, de pernas afastadas, manjava a foice reluzente. Endireitou-se para respirar e então, parado junto das moitas à beira do caminho, viu Ernesto, que lhe gritou num francês propositadamente "apurado":

Nicolau, o que são estes arbustos?...

Nicolau, muito surpreso, respondeu no seu dialeto:

— Mas então você não está reconhecendo nossa espinheira?

Ernesto desceu então, delicadamente, para o lugar da ceifa, esfumaçante de orvalho. Tinha um ar de quem estava enjoado pelos odores quentes que subiam do prado ceifado. Ao chegar junto de Nicolau, distraidamente, pisou nos dentes de um ancinho esquecido ali pelas ceifeiras.

Oh! Nicolau, que instrumento é este?

Nicolau nem teve tempo de responder. Ernesto apoiara-se imprudentemente no ancinho, cujo cabo saltou de repente, dando-lhe uma pancada magistral.

Droga de ancinho!

— Ah! Ah! — riu Nicolau. — O nosso ancinho está dizendo bom-dia...

E agora, para nós, a lição desta aventura:

Cave bem fundo, vincule a educação à vida, dê às palavras o esplendor original, integre o saber nas alegrias e nas preocupações do trabalho.

Mesmo que as julgue extintas, enterradas para sempre num passado morto, você as verá surgir como sem querer, vivas e dinâmicas, pois você as alimentou com sensibilidade e experiência e construiu sobre rocha.

A caneta escolar

Como é possível! Lavrar com um arado puxado a burro, no século do trator e do avião!

E você: escrever ainda com a mesma pena do tempo do meu bisavô, com uma pena que se retorçe e range, que suja tudo ou não escreve, com uma tinta que se decompõe tão depressa, transborda dos tinteiros, ou seca lamentavelmente num fundo de moscas afogadas!

Você está vendo o meu burro de pêlo seco, que se arrasta penosamente até o fim do sulco. Certamente é a decadência do arado a burro assim como da sua pena flexível! Foi-se o tempo em que o camponês se esmerava em atrelar os cavalos com arreios enfeitados e encerados e cadeias de guizos de cobre brilhante, e cantava ao trote dos animais. Foi-se o tempo em que o escritor traçava, com destreza artística, os majestosos sinais da sua escrita. A sua caneta barata hoje não vale mais do que o meu burro de pêlo seco.

Vem a criança e diz:

Papai, por que me ensinar a conduzir um burro se, quando eu for grande, vou ter uma bicicleta, uma motocicleta ou talvez um automóvel?...

E por que me ensinar a escrever com esta caneta do vovô se, quando eu sair da escola, vou ter uma caneta-tinteiro ou, talvez, uma máquina de escrever? Dê-me logo uma caneta-tinteiro — não teria mais de me castigar por entornar a tinta, entortar a pena e trincar o cabo.

Não, não tenho orgulho nenhum do meu burro de pêlo seco, e vou trocá-lo, qualquer dia, por um pequeno trator manso e rápido. E quanto a você, não se orgulhe dos instrumentos centenários e peça, portanto, aos inventores e aos técnicos que desistam dos projetos da bomba atômica e construam, para as crianças de todo o mundo, a caneta escolar do ano 1959.

Os "tagarelas"

Há, nas nossas aldeias, os "tagarelas" e os trabalhadores.

O trabalhador primeiro trabalha. É no seu trabalho, através e pelo seu trabalho, que reflete, aprende, julga, sente e ama.

O "tagarela" primeiro fala. A superioridade que o trabalhador exige do seu próprio engenho e tenacidade, o tagarela pretende extrair da sua habilidade em manipular as palavras e em ajustar os sistemas numa confusão de regras e de teorias de que ele é o sumo sacerdote. É o que ele chama pretensiosamente de "lógica" e "filosofia".

Você aprende a andar de bicicleta como todo o mundo aprende a andar de bicicleta. Os "tagarelas"

lhe explicarão que isso está errado: você tem de conhecer, antes, as leis do equilíbrio e as exigências da mecânica.

Eles, porém, não sabem andar de bicicleta!

Se tivessem coragem, provariam que está errado deixar seus bebês falarem de maneira tão pouco científica e lhe ensinariam, um dia inteiro, as leis inelutáveis da verdadeira linguagem.

As crianças, no entanto, seriam mudas!

Foram esses mesmos tagarelas que nos convenceram da necessidade de iniciarmos a expressão escrita pelo estudo metódico da gramática, e de passarmos gradualmente da palavra à frase, da frase ao parágrafo, depois ao texto completo.

Conhecem a gramática, mas perderam o dom do estilo vivo e sugestivo.

Dizem-nos, do mesmo modo, num impudor só comparável à nossa credulidade, as virtudes do trabalho e os encantos bucólicos do labor do campo, pois o papel deles não é lavrar, mas falar. E é numa sala calma que explicam, com ciência e lógica, como se lava e o que nos dizem os sulcos recém-lavrados, ou as fileiras de choupos chorando, no outono, as lágrimas douradas das folhas agitadas.

Eles, porém, não sabem lavrar!

Nada tenho a dizer ao meu lavrador aprendiz, além das palavras densas que no momento devido trazem conselhos práticos ou os gestos esperados, e os sentimentos íntimos que se traduzem por um movimento, um olhar ou um silêncio.

O nosso homem, no entanto, se elevará àquela filosofia dos sábios que é o resultado da ciência, da lógica e do trabalho.

E ele sabe lavrar!

Em forma!... com a vida e o trabalho

Dotrens, o excelente pedagogo suíço, afirmou: "O ensino dos retardados mentais permitiu aperfeiçoar alguns métodos pedagógicos e, muitas vezes, transformá-los completamente."

Não estaremos lembrados de que, em todo o tratado de Educação Nova, Itard e Seguin basearam as suas observações nos retardados; que Maria Montessori e Decroly ocuparam-se, a princípio, da educação dos anormais, e que as suas descobertas e o seu material, que incontestavelmente marcaram a pedagogia internacional, destinavam-se em primeiro lugar a esse grau especial de ensino?

Será que devemos aprovar, sem reservas, essa origem e essa tendência de uma importante parte da nova educação contemporânea?

Certamente, ganhamos o ensino à medida de cada um, a necessidade do interesse funcional sem o qual nenhuma fibra do ser amorfo poderá vibrar, a individualização do ensino que permite, a cada aluno, caminhar melhor segundo as próprias aptidões, a materialização e a experimentação, que corrigem, pouco a pouco, a intelectualização exagerada sob a qual sucumbíamos — todas elas conquistas de que nunca seria demais exaltar o alcance no processo de modernização pedagógica.

Mas não haveria também graves perigos em nos alinharmos assim, sem reservas, com a educação dos anormais, e não seria tempo de reagirmos para a realização de uma pedagogia mais natural e mais humana?

Teremos ocasião de voltar a falar a este respeito. Exporei, agora, apenas três desses perigos essenciais:

A pedagogia dos anormais nos ensina a subir prudentemente, degrau por degrau, o caminho da compreensão, da aquisição e da ação. Esquece que há indivíduos aptos a subir a escada de quatro em quatro degraus ou que, de um salto, atingem o cimo, e para quem é supremamente enervante e um pouco debilitante marcar passo no mesmo lugar.

A pedagogia dos anormais valorizou o ensino e a experimentação, e também o material didático e os jogos. Assistimos, nesse domínio, a uma verdadeira regressão que, sob a capa do progresso, limita os vãos e as audácias.

3? Decroly valorizou a necessidade da observação minuciosa, peça por peça, ponto por ponto. Isso dá muito bons resultados com os anormais, mas despreza totalmente essa outra observação que atua segundo outros processos sintéticos, pelos sentidos e com possibilidades às vezes ainda misteriosas, essa observação que se faz num lampejo, que vê, num piscar de olhos, o que horas de observação dirigida não levariam a descobrir.

Tem-se dito demais: "Em forma!... com os retardados!" Deveríamos dizer: "Em forma!... com a vida e o trabalho!..."

A observação por iluminação

Nicole tem três anos.

Eu digo a Denise:

— Vá dizer à sua mãe para pôr uma roupa um pouco melhor em Nicole...

— Vou passear!...

Compreendeu, num lampejo, o pensamento profundo...

Depois digo: — E agora você tem que se lavar.

— Não quero ir para a cama...

Para além da palavra, compreendeu a idéia diretriz.

A mãe desaperta os sapatos que a estão machucando. Nicole está escrevendo... parecia que ela estava exclusivamente absorvida por aquele apaixonante exercício. Sem dizer nada, vai correndo buscar os chinelos.

O pedagogo fica desconcertado diante desses casos de visão súbita e de compreensão por iluminação. Ele tenderia a dizer para Nicole: "Por que você acha que, se mandam você se vestir, é para passear? Por que raciocínio você ligou o ato de se lavar ao receio de ir para a cama? O que fez você compreender que a sua mãe queria os chinelos?"

Tomás apresentou-se para o exame da quarta classe. Tomás era, na escola, em casa ou no campo, o ás do cálculo. Enquanto o professor ditava um problema, Tomás achava a solução instantaneamente, não se sabe como.

No dia do exame, Tomás resolveu assim, num lampejo, o problema que lhe apresentaram, mas o examinador, pedagogo escrupuloso, deteve-se na prova. Viu o ponto de partida e o de chegada, sem qualquer raciocínio intermediário. Nem sequer lhe ocorreu que alguém pudesse resolver os problemas por

iluminação, sem detalhar o processo que leva seguramente ao resultado. Compadecido, o examinador chamou Tomás e disse que ele teria de rever os cálculos. Tomás recomeçou, tentando deter-se em cada fase... e se enganou... Foi reprovado.

* * *

É possível que o hábito escolástico da observação metódica seja vestígio de uma época — há cinquenta anos — em que o viajante a pé, o camponês que ia aos campos montado no burro, o pastor atento às raras variações da vida à sua volta podiam deter-se demoradamente sobre o acontecimento único que se oferecia a eles. Estavam na era das máquinas simples que giravam num único movimento.

Hoje, o motorista sente girar o motor, olha à direita e à esquerda e para trás, reage à buzina próxima e ainda conversa com quem está ao lado dele.

A criança, brincando na rua, vê passar as filas de carros e de caminhões, ouve explodir uma mina, apitar uma sirene, roncar o avião. Tem de aprender a reagir ao complexo e múltiplo, e dominá-lo. Estamos no tempo dos mecanismos complicados que produzem atos já à imagem da vida.

O 3 não vem necessariamente depois do 2

Nem sempre 2 mais 2 são 4. O 3 não vem necessariamente depois do 2. A criança pode chegar muito bem ao topo da escada sem subir metodicamente todos os degraus; e eu, sem contar as cabeças, sou capaz de dizer se falta uma ovelha no meu rebanho.

Você levanta os braços ao céu: essas afirmações, todas empíricas, contradizem e perturbam toda a sua pedagogia matemática, aparentemente científica. O que acontecerá quando provarmos, com fatos, que se pode aprender a ler sem nunca se terem estudado os elementos componentes das palavras e das frases; que alguns problemas complexos podem ser resolvidos por outras vias diferentes daquelas, excessivamente graduais, previstas nos seus livros; que as crianças são capazes de pintar um quadro comovedor sem terem seguido os cursos que, até então, tinham o monopólio da preparação para a arte; e de nos surpreender com o seu sentido poético, antes mesmo de conhecerem uma única regra de gramática, de ortografia ou de métrica. Se isso é verdade — e é —, é porque existem, para o conhecimento e a cultura, alguns caminhos que não são ensinados e seguidos pela escola. À entrada desses caminhos, os falsos sábios afixaram uma enorme placa vermelha:

Proibido para pedagogos.

Nós tiramos a placa e exploramos vantajosamente os caminhos possíveis para os cumes almejados.

Quando éramos pequenos, sonhávamos à noite com uma grande escada mágica, cujos degraus se iam colocando uns diante dos outros e subindo assim até o céu. E eis que os homens, imitando os pássaros, abandonaram os degraus metódicos para tomarem impulso para o azul.

Também nós tomamos impulso para a Vida; se a criança se interessa e se apaixona pela sua própria cultura, se "quer" criar, instruir-se, enriquecer-se, ela o conseguirá, talvez por ilógicos caminhos de contrabando, mas num tempo recorde, com uma segurança e uma plenitude que nos edificarão.

O principal é encontrar esse ardor, essa vida, esse furor de querer, que é bem próprio da natureza do nosso ser. Se o conseguirmos nas nossas classes, todos os problemas acessórios estarão resolvidos.

Poderemos então tirar a nossa escada metódica e iniciar o vôo.

2 mais 2 nem sempre são 4

No meu tempo, 2 mais 2 eram 4; decorávamos a lista das províncias; recitávamos a tabuada para a frente e para trás; confrontávamos as estratégias das guerras de Luís XIV e de Napoleão...

Nada de sentimento, diziam-nos. A ciência é impassível e impessoal. Estudem-na e serão homens.

Sim, homens que foram matar-se uns aos outros como animais, no Mame ou na linha Maginot, e que procuram novas Hiroshimas.

Acontece, porém, que 2 mais 2 já não são 4; as províncias já não têm a mesma função; a máquina calcula melhor e mais depressa do que o homem, para a frente, para trás e para o lado; as guerras modernas eclipsaram os heróis de punhos de renda: "Senhores ingleses, atirem primeiro!"

Hoje, o rádio alimenta-se não de problemas matemáticos, mas de canções, de coros e de música, e os homens e as mulheres vão ao cinema para rir e chorar, como para provar a si mesmos que, apesar da cadeia mecânica da escola, do escritório e da fábrica, se mantêm homens e mulheres não pelo que conhecem, mas porque vivem na carne, no espírito e no sangue.

Têm razão, sem dúvida: a ciência constrói robôs que, com 2 mais 2, calculam a uma velocidade vertiginosa e que são capazes de baixar as alavancas do comando e de levar a morte para além das ondas. Não realizou ainda, infelizmente!, o homem que pensa, não com fios e engrenagens, mas com o seu ser sensível e capaz de marcar, com o próprio cunho, o destino dos robôs.

É esse ser sensível que temos de educar, não somente para criar e animar robôs, mas também para dominá-los e os sujeitar, a fim de exaltar os elementos de consciência e de humanidade que são a grandeza e a razão de ser do Homem.

Destrua as calhas!

Sejamos francos: se deixássemos aos pedagogos o cuidado exclusivo de iniciar as crianças na manobra da bicicleta, não teríamos muitos ciclistas.

Seria necessário, com efeito, antes de montar a bicicleta, conhecê-la — elementar, não é mesmo? —, pormenorizar as peças que a compõem e fazer, com bons resultados, numerosos exercícios sobre os princípios mecânicos da transmissão e do equilíbrio.

Depois, mas só depois, a criança seria autorizada a montar na bicicleta. Oh! não se preocupe! Não a lançariam impensadamente por uma estrada difícil, onde correria o risco de ferir os transeuntes. Os pedagogos teriam providenciado boas bici-

cletas de estudo, montadas em calhas, girando em vão e nas quais aprenderia sem riscos a manter-se no selim e pedalar.

E, é claro, só quando o aluno soubesse andar de bicicleta é que o deixariam aventurar-se livremente na máquina.

Felizmente, as crianças aniquilam de antemão os projetos prudentes demais e metódicos demais dos pedagogos. Descobrem, num celeiro, uma velha maquineta sem pneus nem freios e, às escondidas, aprendem em poucos instantes a andar de bicicleta, como aliás aprendem todas as coisas: sem qualquer conhecimento de regras e de princípios, agarram-se à máquina, orientam-na para a descida e... vão aterrar contra um talude. Recomeçam obstinadamente e, em tempo recorde, sabem andar de bicicleta. A prática fará o resto.

Quando, em seguida, para andar melhor, tiverem de consertar um pneu, ajustar um raio ou colocar a corrente, desejarão conhecer, através dos colegas, dos livros ou do professor, o que em vão você lhes havia tentado inculcar.

Na origem de toda conquista está não o conhecimento, que só vem normalmente em função das necessidades da vida, mas a experiência, o exercício e o trabalho.

Neste início de ano, destrua as calhas; apronte as bicicletas!

A noção de velocidade

Os professores ainda são, nas suas classes do século XIX, como os camponeses de cinquenta anos atrás, que viam passar, nas calmas ruas da aldeia, os primeiros automóveis barulhentos, levantando nuvens de pó:

— Como é possível andar tão depressa!... Será que não podiam andar como todo o mundo! E que barulho!... Olha, quase esmagaram meus patos!

Sem dúvida, o professor não gosta da velocidade porque não está equipado para suportá-la. Tem raiva tanto do aluno que sempre tem dificuldade, como do aluno excepcional que terminou um exercício antes de os outros começarem e que, pelas suas exigências, rompe o ritmo calmo da aula.

Lançamo-nos por uma estrada onde fremem os automóveis, seguidos de perto pelas bicicletas; cavalos fogosos galopam seguidos pela plácida carroça de burro guiada por uma camponesa. No fim da fila, o homem arrasta um porco grunhi-dor. O mendigo pára de caminhar, com pouca pressa de avançar, pois à sua frente não encontrará nada melhor do que atrás.

A Escola desejaria acertar o passo de toda essa gente, atrasar os automóveis e bicicletas, sacudir o mendigo e regular o ritmo deles pela carroça. Senão, como seria possível ela acompanhar e harmonizar indivíduos tão caprichosamente diferentes?

Como? Colocando-se ousadamente diante da realidade: há crianças rápidas e barulhentas, ciclistas atrevidos, cavalos fogosos, burros pacíficos e mendigos indiferentes. Por que não os deixamos seguir ao ritmo da sua natureza, para que eles próprios acelerem?

Bastará reconsiderar o sistema de trabalho e a noção de velocidade, para estimular e servir a vida.

6. Os que andam sobre as mãos

Os que andam sobre as mãos

Quando você era pequeno, certamente se divertia andando apoiado nas mãos, não para se exibir, mas para ver o mundo sob outro ângulo, com outra iluminação, sob outras perspectivas.

Se você andasse assim por muito tempo e se, além disso, fosse moda caminhar apoiado sobre as mãos, você se habituaria a ver as árvores mergulharem no céu, as casas se abrirem por cima e os animais moverem-se também num mundo irreal, onde ninguém mais apoiaria os pés no chão.

Como o hábito se torna uma segunda natureza, e tanto mais firme quanto mais demorado e difícil foi de adquirir, você poderia então perguntar, aliás muito sinceramente e muito lealmente, como podem homens são de espírito e de corpo manter-se eretos apoiados nos pés, e às vezes você se veria tentado a mover um processo contra eles, que justificaria as suas normas de homem que caminha apoiado nas mãos.

Existem escolas onde, há séculos, todos se esforçam por andar apoiados nas mãos. A aprendizagem é longa e laboriosa. Os que a recusam não têm tempo para ela ou são reconhecidos como incapazes, são excluídos para sempre do mundo que anda apoiado nas mãos.

Os outros, quanto mais longe levarem esse treino desumano, mais terão honras e privilégios. Tornando-se mestres, defenderão com intransigência a confraria das pessoas que andam apoiadas nas mãos. Nunca mais voltarão para o mundo dos homens que caminham de cabeça ereta e pés apoiados no chão.

O mais grave é acharem que são eles que caminham normalmente. Se lhes dissermos, e provarmos, que avançamos mais depressa e seguramente ao respeitarmos as regras normais da natureza humana, responderão:

— Mas não é assim que se anda na escola! Primeiro, apóiem-se nas mãos!

Abrimos aqui o processo das pessoas que andam como todo o mundo, contra a confraria das que têm o privilégio de andar sobre as mãos.

Devo permanecer apoiado nas mãos ou nos pés?

Andaram tanto tempo apoiados nas mãos, congestionaram a cabeça tão perigosamente, acham essa postura e essa maneira de se deslocar tão normais, que chegam a lamentar os pobres seres humanos que teimam — contra toda ciência, segundo dizem — em andar apoiados nos pés.

E eles afirmam, sem brincadeira:

— Esse método natural talvez seja bom para certos indivíduos; talvez, com o tempo, dê resultados apreciáveis, mas para empregá-lo com êxito é preciso ter qualidades especiais, o que não é atributo da massa dos educadores. Não aconselhamos aos jovens nem aos medianamente dotados que o adotem sem uma preparação. Que pratiquem primeiro, sem pretensões, a nossa maneira de andar apoiados nas mãos, experimentada por séculos de escolástica.

Claro: os que andam de pernas para cima perguntam — e o mais grave é fazerem-no com seriedade — por que prodígios nos mantemos ainda apoiados nos pés.

É porque eles não observam as mães que, desde sempre, conseguem bons resultados segundo esse método natural! Que observem também, para além dos ursos das classes que, efetivamente, aprendem em tempo recorde a andar sobre as mãos, o exército imenso dos desgostosos que o tentaram sem êxito, que por alguns momentos põem as pernas para cima, mas sentem logo uma vertigem que lhes compromete o equilíbrio, e só mantêm essa posição anormal depois de apoiados abundantemente por princípios, muletas e manuais. Nem assim vão longe: às vezes, chegam apenas ao diploma de instrução primária, que alcançam mancando.

Os nossos pseudocientistas que andam apoiados nas mãos espantam-se depois que as crianças, que eles julgavam haver treinado nessa marcha antinatural, voltem a andar apoiadas nos pés logo que regressam à vida.

Felizmente!

Só que, por essa falsa manobra, comprometeram o equilíbrio natural dessas crianças que, em todo caso, não se aperfeiçoaram; essas crianças farão durante toda a vida a pergunta que seria engraçada se não fosse trágica:

— Devo andar com as mãos ou com os pés?

Inquietos e vacilantes

Ensinarão-lhes tão bem a andar com as mãos, persuadirão-nos tão totalmente de que essa façanha é resultado de uma ciência precisa e majestosa, que eles chegam a empregar ao contrário os novos instrumentos que o mundo à sua volta lhes oferece ou impõe.

Se recebessem uma bicicleta nova, logo a colocariam de rodas para cima, pois é assim, nessa passiva estabilidade, que se atinge mais depressa o repousante equilíbrio que não perturba a vida. Depois objetariam que as rodas da bicicleta giram em vão, que produzem apenas vento e que os inventores certamente se enganaram na montagem, pois nada do mecanismo avança.

Se você puser material de imprensa à disposição deles, irão examiná-lo e reexaminá-lo, com sua óptica deformante de homens que vivem de cabeça para baixo. Calcularão cientificamente o uso que lhe dariam no seu clube dos pernas-para-o-ar, a fim de imprimir paradoxalmente teorias de palavras vãs ou, por vezes, regulamentos autoritários, destinados a reforçar as barras das jaulas de "juventude cativa".

Também dirão que o sistema mal concebido não funciona bem e não poderia preparar as crianças para viver no mundo ao contrário imaginado pelos pedagogos.

O mais delicado da nossa tarefa de inovadores não é treinar as crianças para deslançarem com tenacidade no sentido da vida, mas habituar os educadores a se manterem apoiados nos pés, segundo as leis do bom senso e da natureza. Não se admire se, habituados ao frágil equilíbrio do caminhar apoiando-se nas mãos, acabarem por se ver diante de verdadeiros problemas, inquietos e vacilantes, ofuscados pela luz e pelo espaço, indecisos como essas crianças que, depois de rodopiar por muito tempo, estendem obstinadamente a sombra fugidia de um mundo novo.

De pé e de quatro

Eu dizia que eles andam apoiados nas mãos.

Quando tiverem ensinado toda a juventude a andar com as mãos, irão ensinar-lhe de novo a manter-se apoiada nos pés, mas então me-to-di-ca-men-te e ci-en-ti-fi-ca-men-te. É aquilo que chamam de partir da estaca zero, mas — felizmente — uma coisa é verdade, com outros princípios.

Hoje, porém, é sério, oficial e inesperado. Inesperado, porque não pensávamos que o domínio da Educação Física fosse tão radicalmente conquistado pela tribo das pessoas que andam apoiadas nas mãos.

Informam-nos, com efeito, que a Direção Geral da Juventude e Esportes publicou o *Programa provisório de educação física dos estabelecimentos de ensino secundário e de ensino técnico*, no qual se aconselha o professor "a dedicar sessões especiais ao sentido e à aquisição da atitude ereta".

Em outras palavras, considera-se um dado, nesses graus de ensino, que os alunos tenham adotado definitivamente o caminhar com as mãos, ou, pelo menos, que todos os professores, operando de pernas para o ar, têm a certeza de que o mundo à sua volta está de cabeça para baixo, que as raízes das árvores mergulham no céu e que a fumaça das chaminés corre como uma nascente para as profundezas.

Como não se tem certeza absoluta de que as crianças, habituadas assim a andar apoiadas nas mãos, possam voltar a encontrar, sem riscos, a hipotética posição em pé, ensinam-se a elas os "deslocamentos quadrupédicos".

Essas pretensões — ou essas precauções — fazem você sorrir, pois você acha que não impedirão criança alguma de andar normalmente, apoiada nos pés, como aprendeu por meios que, sem serem científicos, não deixam de ser aqueles pelos quais, desde que existem homens, e que andam, as crianças e os jovens aprendem a andar direito.

Mas se as pessoas da tribo dos homens que andam com as mãos o convencerem da inutilidade de tudo o que você aprendeu pelos meios naturais e de que, depois de o terem treinado para andar apoiado nas mãos, é necessário ensinar-lhe o bê-á-bá da posição ereta ou quadrúpede na leitura, na escrita, nas artes ou nas ciências, você ficará inquieto. Efetivamente, nem sempre você encontrará o indispensável equilíbrio da posição ereta. Sorte sua se, pelo menos, você puder alcançar a quadrupedia!

Jogadores de pedrinhas

"Um prefeito do palácio, Carlos Martel, repeliu, em 732, uma grande invasão árabe em Poitiers..."

"À família de Clóvis (Merovíngios) sucedeu, no século VIII, a de Carlos Martel (Carolíngios). O primeiro rei da nova dinastia foi Pepino, o Breve..."

Através do muro, eu imaginava a criança aplicada andando apoiada nas mãos, hesitante, escorandose, caindo, tomando impulso por instantes como se, finalmente, tivesse transposto o obstáculo para tornar a cair redondamente no silêncio que segue ou precede as catástrofes.

Todos nós, nas aulas, praticamos esse mesmo exercício. Não nos ensinou nada, nem sequer a nos mantermos apoiados nas mãos. Todos nós, mais ou menos obstinadamente, fizemos malabarismo com Vercingetórix e Clóvis, Clotilde e Plantageneta, as guerras da Itália e as guerras da Revolução, Arcole e Campofórmio — pedrinhas que lançamos ao ar e apanhamos logo nas costas ou na palma da mão, já sem função de pedras, mas apenas elementos intermutáveis de um jogo vão que não nos poderia ensinar nada sobre o destino do homem.

Sei muito bem: todos os que se gabam de ser peritos na arte de andar com as mãos e que daí retiram uns resquícios de vaidosa majestade dirão que, apesar de tudo, é necessário a criança conhecer os grandes fatos da história do seu país. Não deve ser, no entanto, uma história que se vê ao contrário, com a qual se

jogam pedrinhas e de que só nos resta, felizmente, uma vaga recordação numa meada emaranhada que renunciamos a desembaraçar.

Quando virão as vítimas desse inútil palavreado testemunhar, no tribunal da pedagogia, que há mal-entendido, que isso não é História da França e que não escreveram suas páginas recentes com os seus sofrimentos e o seu sangue, para amanhã os filhos continuarem o jogo trágico das pedrinhas 1914, 1918, 1939, a Champagne, Verdun e Vercors?

... Por trás do muro, a mesma voz balbuciante continuava:

"Em 1214, a França foi ameaçada ao mesmo tempo pelo rei da Inglaterra e pelo imperador da Alemanha, este vencido em Bouvines pelo rei Filipe-Augusto. O rei da Inglaterra, por sua vez, foi repellido pelo filho do rei da França."

Deixai aqui toda a esperança

Se eles andam apoiados nas mãos e pensam que a sua função é ensinar aos homens um andar tão pouco natural, não é por verem nisso uma utilidade direta. Não ignoram que os homens assim formados por eles não deixarão de se pôr em pé para cuidar dos animais ou fazer compras; para eles, no entanto, trata-se de um rito particular "aos do Olimpo", como o que impõe aos juízes que vistam a toga desusada para ocupar a presidência e deliberar.

É um pouco como essas seitas de crentes que percorrem com pés descalços, ou mesmo de joelhos, os trajetos consagrados. Claro, avançariam mais depressa e com mais segurança se andassem simplesmente calçados, mas assim não se mortificariam.

Andam apoiados nas mãos, exigem que façamos como eles simplesmente para nos submeter a uma prova. Outros ganham o céu por arrastar-se sobre os joelhos, nós nos arriscamos a ganhar um pergaminho por andarmos com as mãos.

Não negamos o possível valor desse exercício como provação. Não há dúvida de que usar um cilício, jejuar longamente, seguir os peregrinos até Santiago de Compostela, andar de joelhos ou avançar, como prescrevem os nossos pedagogos, de pernas para cima, tudo isso marca uma personalidade, endurece a vontade, contanto que o indivíduo não morra, não caia pelo caminho ou não embruteça para sempre.

Nós, da base, começamos a nos inquietar. Inclino-nos ainda diante da toga dos juízes, pois é a expressão da força. Às vezes nos impressionamos com o espetáculo alucinante das confrarias andando em cortejo, apoiadas nas mãos, mas como desejaríamos que não nos obrigassem a afixar, na entrada das escolas, como poderia estar gravado na porta dos conventos e das prisões, a inscrição que Dante lia nos portões do Inferno:

"Deixai aqui toda a esperança."

Será a escola templo ou canteiro de obras?

Poderia ser resumida assim a grande querela pedagógica dos Antigos e dos Modernos.

Até hoje, a Escola foi e continua sendo o Templo onde a criança, depois de ter realizado alguns gestos rituais, entra na sala de aula na ponta dos pés para viver uma vida totalmente diferente da sua verdadeira vida, no respeito religioso pela palavra do professor e na submissão às "Escrituras".

Essa Escola-Templo não se preocupa em preparar a criança para a vida. Para ela seria rebaixar-se. O

seu reino não é deste mundo! "Não vos inquieteis — disse Cristo — por vossa vida, pelo que haveis de comer, e por vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais que o alimento e o corpo mais que a roupa?... Olhai as aves do céu... Olhai os lírios dos campos... Não semeiam nem ceifam..."

Decerto a Escola laica não vai procurar, nos Evangelhos, a justificação dos seus métodos pedagógicos nem a concepção da sua função social, mas encerra ainda, no fundo de si mesma, os estigmas das suas origens, se não religiosas, pelo menos escolásticas e doutorais. Continua persuadida de que o conhecimento abstrato, a cultura intelectual, o culto das idéias e das palavras são o fim verdadeiro e definitivo de toda educação. Não vai longe o tempo em que toda a atividade individual era julgada indigna da majestade da Escola, e, a despeito de algumas necessidades econômicas e sociais tendentes a promover as conquistas do trabalho, a "cultura" moderna é ainda menor diante da supremacia do Templo. As próprias famílias nunca aceitam, a não ser como a pior das hipóteses, a orientação técnica de crianças para quem haviam sonhado o prestígio das Ciências Humanas.

Não dizemos que tudo seja mau na Escola-Templo, que marcou gerações de intelectuais e de sábios. Algumas naturezas especulativas acomodam-se mesmo muito bem numa atmosfera austera e imponente, que exalta justamente sua perigosa tendência a se abstrair da vida, hipertrofiando-lhes o intelectualismo e o sonho. Essa hipertrofia podia servir uma cultura de classe baseada no divórcio entre a cultura e o trabalho, mas não animar nem preparar a moderna educação do povo.

Você dirá que, para servir a vida, a Escola-canteiro de obras não irá trair o esplendor da escalada humana para os verdadeiros cumes do pensamento e do espírito?

Vamos discuti-lo.

Será a escola canteiro de obras?

Você acha, eu sei, que a expressão canteiro de obras, como a palavra trabalho, de que louvo a nobreza, está excessivamente carregada de penas, de sofrimentos e de sacrifícios injustos.

No entanto, repare como os seus alunos, quando não estão sob a sua dependência, organizam canteiros de obra: para desviar o curso de um riacho, encher um charco ou apanhar peixes; para fazer uma praça forte de um monte de areia, construir uma aldeia de índios... Que entusiasmo, que empenho, que atividade! Não economizam trabalho nem suor! Chegam sempre até o limite das próprias forças, pois é da natureza humana ultrapassar-se... Até se esquecem de comer!...

Esse esforço não se realiza forçosamente num ambiente de risos e de canto — que são apenas uma das manifestações, e não a mais corrente, do verdadeiro trabalho. Há sofrimento e ranger de dentes... Há a vida!

A criança sonha, à noite, com o seu canteiro, esperando impaciente o novo dia, para recomeçar.

Você não acha que, se a Escola se tomasse também um canteiro de obras entusiasmando tanto como o monte de areia ou a cabana dos índios, se os seus alunos sonhassem com ela, à noite, se eles se entregassem assim, totalmente, músculos tensos e dentes cerrados, ao trabalho... alguma coisa teria mudado na atmosfera das salas de aula e no rendimento dos seus esforços?

Impossível! diziam os velhos pedagogos... De brincar é que elas gostam, mas não de trabalhar.

Não gostam do trabalho nem do canteiro — e os adultos reagem da mesma maneira — se o esforço que têm de fazer não está ligado à sua vida profunda, a todo o seu comportamento não só econômico e social, mas também psíquico.

Mas organize a Cooperativa escolar, essa sociedade de crianças que nasce espontaneamente logo

que se trata de construir a cabana dos índios; dê aos seus alunos ferramentas de trabalho, uma imprensa, linóleo para gravar, lápis de cor para desenhar, fichas ilustradas para consultar e classificar, livros para ler, um jardim e uma coelheira, sem esquecer o teatro e os fantoches — e a Escola será esse canteiro em que a palavra trabalho aparecerá em todo o seu esplendor, ao mesmo tempo manual, intelectual e social, no seio do qual a criança nunca se cansa de procurar, de realizar, de experimentar, de conhecer e de subir, concentrada, séria, refletida, humana!

Então, é o educador que se fará à sua imagem.

Será a escola caserna ou canteiro de obras?

Certo dia, fiz uma pergunta: "Será a escola templo ou canteiro de obras?"

Oxalá não continue sendo caserna!

A caserna: com os seus vastos edifícios uniformes dando todos para o mesmo pátio, lugar comum das tarefas e das revistas, com as suas escadas e corredores, com a sua promiscuidade e servidões. A caserna: com a sua atmosfera particular que faz com que caserna não seja vida, que as pessoas não se comportem lá como na vida, que lá respeitem essa outra lei do meio inteiramente baseada na preocupação de enganar a autoridade, de fugir e minimizar as tarefas, de matar o tempo contando os dias como o estudante conta as horas "antes da saída"!

A caserna! É lá que aprendemos — se a Escola ainda não nos ensinou — a ficar com uma batata na mão durante um tempo recorde, vigiando com o rabo do olho o cabo de serviço.

É lá que aprendemos a manejar pá e carrinho de mão em marcha lenta, a nos sentar nos braços do carrinho numa posição que nos permita recomeçar logo que o sargento olhe para nós; a manter a pá meio cheia, mas sem a levantar, gesto suspenso e pronto a animar-se se a autoridade ameaçar. Neste caso, o segredo não é transportar o monte de pedras, mas, pelo contrário, não o transportar, fingindo trabalhar; é prolongar a tarefa, com o mínimo de eficiência, pois a própria tarefa carece de sentido — é obrigação e não trabalho. O sargento diz: "Carreguem este monte de pedras para o outro lado do pátio!" Diz isso porque tem de ocupar os soldados, mesmo que não haja nada de útil para fazer. Se, por uma impossível inobservância da lei do meio, os soldados se lembrassem de andar mais depressa para acabar rapidamente, o sargento saberia muito bem desencorajá-los para sempre:

— Vocês já acabaram! Já transportaram todo o monte de pedras!... Bom! Bom! Pois bem, antes da sopa, vão tornar a levar esse monte de pedras para o lugar onde estava!...

Isso é que se chama trabalho de caserna, numa atmosfera de caserna e de obrigação, com um rendimento às vezes negativo, ou de 1%, ou, então, por erro, de 10%.

Se até hoje a Escola teve tão pouco rendimento, quando o resultado não é até negativo, não será por se haver mantido caserna e não poder elevar-se à dignidade de canteiro de obras?

Faremos o nosso útil *mea culpa*.

Estufa quente ou ar livre?

Será a Escola uma estufa onde se "forçam" os indivíduos, fazendo-os produzir antes da idade e da estação, vangloriando-nos dos resultados antinaturais que obtivemos? Ou então vamos cultivar a criança ao ar livre, ao sabor do tempo e das estações, ajudando somente a plantinha nova a vencer os elementos para atingir a plenitude de vida?

Trago ao dilema alguns argumentos de bom senso, tantas vezes esquecidos e descuidados, justamente por serem apenas de bom senso.

Entre nós, existem de fato os dois modos de cultura. Produzem-se, em estufas, cravos e rosas na época do Natal, tomates em março e melões em abril. É inegável que essas flores e esses frutos possuem valor excepcional, não pela qualidade, mas pela produção fora da estação própria. Do mesmo modo você poderá produzir, nas estufas escolares, pequenos prodígios cuja única originalidade será fazerem e dizerem, aos oito anos, o que normalmente só poderiam fazer e dizer aos dez ou doze.

Esses produtos de estufa nunca têm, no entanto, o profundo valor das coisas naturais. O tomate de estufa parece bom porque há muito você não o comia; mas, se você pudesse compará-lo integralmente com o bom fruto bem nutrido com a seiva e o sol do mês de junho, que decepção! O melão precoce o encanta, tanto mais quanto mais caro você paga por ele, mas se pudesse comparar o perfume dele com o do melão amadurecido lentamente ao ar livre, do qual parece ter destilado a delicadeza, você ficaria edificado.

Também a escola só construirá sólida e profundamente, com todo o sabor desejável, se souber fazer crescer, na própria terra e ao ar livre, os seres frágeis, certamente, mas feitos também para enfrentar uma vida que é, sobretudo, luta e conquistas.

Os produtores de plantas "forçadas" dirão da fragilidade orgânica das flores e dos frutos obtidos, e que murcham ou se estragam ao abandonar a estufa e enfrentar o ar livre, a luz e o sol. As rosas e os cravos ou os primeiros tomates só podem ser transportados com grandes precauções. Até o avião lhes é oferecido, pois é preciso chegar rapidamente, antes que desapareça essa vida artificial com que os incharam.

Você deve desconfiar da estufa escolar e rezear que os conhecimentos prematuros de que você se orgulha desapareçam e se estraguem da mesma forma, com a aragem viva demais e forte demais da vida.

Quando o camponês vê as suas árvores brotarem e florescerem cedo demais, não faz como você, que ficaria radiante com essa precocidade nas suas aulas. Ele se preocupa, deseja e abençoa a volta rápida do frio que atrasa a floração.

Cultive frutos da estação, ao ar, ao frio, à chuva e ao vento. Você terá abundância, sabor e fecundidade.

Jardineiros e criadores

Eu estava vendo o meu vizinho preparar as sementes. Ele começou a explicar, complacientemente, como se falasse consigo mesmo:

A semente é delicada, e é preciso uma camada quente e delgada, nem rica nem pobre demais... E uma terra fofa, para o broto subir à vontade para o ar e o sol.

Um bom começo é importante na cultura... Uma vergôntea mirrada tem dificuldade para retomar forças. Veja esta haste verde e este pé vigoroso!... Isto resiste, mais tarde, às doenças, aos insetos e à seca... E produz!

Mas atenção: esse mesmo homem achará exageradas as despesas que você tenciona fazer para assegurar aos seus filhos essas mesmas condições indispensáveis à prosperidade.

São magricelas enquanto são novos, mas com o tempo isso passa e eles vão virar homens, apesar de tudo.

Estou me lembrando daquele camponês que vi uma manhã levar um potro para o pátio de uma fazenda próxima.

O que ele tem? Está doente?

— Não, mas vou matar o porco. Nesta idade, se o potro ouvisse os gritos do animal e cheirasse o sangue, isso talvez o marcasse para sempre, compreende? Já não poderia ouvir um porco gritar sem sentir um medo doentio, insuportável... e incurável.

Entretanto, na cozinha onde se faziam os preparativos para a matança, uma criança, mais nova ainda que o potro, arregalava os olhos assustados. Vai ouvir, daqui a pouco, os estertores do animal sendo degolado; vai ver a caseira voltar, com os braços vermelhos de sangue até o cotovelo, balançando a tina salpicada.

Esse espetáculo e esses gritos se inscreverão para sempre, não só na memória, mas sobretudo — infelizmente! — no temperamento e no comportamento.

Mas a criança não é um potro, não é mesmo?

Poderíamos escrever um livro sobre a universalidade das profundas leis da vida, quer se trate de plantas, de animais ou de homens. Falaria das semelhanças das preocupações do jardineiro, do criador e do educador. E o bom jardineiro, que obtém resultados tão bons com as suas vergõntes, e o criador tão compreensivo com os seus animais, seriam então os primeiros a exigir, para a sua própria semente, essa atenção minuciosa, esse clima, essa calorosa doçura, esse ar e esse sol sem os quais não se criam vergõntes nodosas que cresçam fortes para frutificar segundo a própria natureza e o próprio destino.

É forjando que nos tornamos ferreiros

Este velho provérbio dos artífices dizia bem, ainda recentemente, da necessidade primordial de o aprendiz mergulhar a fundo na profissão, a criança e o adolescente se entranharem na vida, para se formarem pela experiência e pela prática soberanas, nos fatos, gestos e comportamentos que orientarão e fixarão seu destino.

Só a Escola se insurgiu, em todos os tempos, contra esses sábios conselhos. Diz-nos: "É bem certo que, forjando, tornamo-nos ferreiros, mas o caminho é longo, lento e empírico. Peguem os livros e expliquem, demonstrem com lógica, falem, gastem saliva. Farão economia da experiência e irão mais depressa e mais longe na prática segura da profissão."

Trata-se do ponto vital da pedagogia, na perigosa bifurcação onde esta se afasta da vida e se transforma em escolástica. É nessa bifurcação que devemos, também nós, escolher e nos orientar.

Longe de nós o pensamento de que os livros, o raciocínio lógico e a palavra esclarecida sejam supérfluos ou inúteis.

São condição do progresso, mas deverão entrar em ação apenas quando a experiência houver lançado seus alicerces e enterrado suas raízes na vida individual e social. O nosso papel e a nossa função, nesse grau primário que condiciona as construções posteriores, serão justamente agir, verificar, comparar, experimentar, ajustar. Experimentar e ajustar não só materiais brutos ou peças mais ou menos trabalhadas, mas elementos de criação e de vida.

Esta filosofia não é só nossa, pessoal. É de todas as pessoas sensatas cujo testemunho poderíamos invocar. Talvez só a técnica bifurque, justificada *a posteriori* por todos os que, direta ou indiretamente, tiram vantagem disso.

Todavia, para forjar, o ferreiro precisa não da saliva e da lógica abstrata, mas de uma bigorna, martelos, tenazes e fogo. E tem de saber manejá-los, o que é tão delicado como manejar princípios e hipóteses.

Se, naquela bifurcação, quisermos substituir a Escola da verbosidade pela Escola do trabalho, se quisermos aprender a forjar forjando, temos de procurar, criar e fabricar os instrumentos de trabalho à medida das nossas necessidades e das nossas possibilidades; temos de aprender ou reaprender a nos servir deles, nas múltiplas incidências das vidas que nos confiam. Não devemos esquecer o grande calor e a iluminação do fogo a ser mantido e ativado, porque torna maleável todo metal e dá aos objetos a forma eminente modelada pelo homem.

Nem o pensamento, nem o sentimento, nem a exigência social, nem a lógica, nem a arte estarão ausentes desse canteiro generoso onde, forjando, serão preparados os ferreiros conscientes do futuro.

Transformar tecnicamente a Escola da saliva e da explicação em inteligente e flexível canteiro de obras, eis a tarefa urgente dos educadores.

Contar grão-de-bico

Era uma vez — não se trata de uma história imaginária — um internato de crianças que possuía, em torno do seu prédio, uma ampla e rica área de terra. Lá, os trabalhadores agrícolas, ligados ao internato, teriam sabido fazer crescer toda uma variedade de produtos próprios das diversas estações. Poderiam plantar alfaces e tomates, couves e rabanetes, cenouras e aipos, feijões e berinjelas, pêssegos e uvas e até um pequeno canteiro de salsa onde a cozinheira previdente iria buscar o condimento dos seus molhos.

No caso, não é só o valor intrínseco desses produtos que conta mas, como dizem as donas de casa, o uso e a comodidade.

Mas o "agrônomo" oficial estava alerta. Aquela produção anárquica, condicionada apenas pelas necessidades da comunidade, não era nada do seu gosto, mesmo que os convivas e a cozinheira se declarassem satisfeitos.

O agrônomo é um "cientista". Quer precisão e, portanto, medida. Tem de ter, ao lado da coluna *Despesas*, uma *Receita* com todas as verbas, para a majestade dos totais impressionar os controladores e os burocratas. Mandou plantar beterrabas, nabos e grão-de-bico. Ninguém os queria, nem sequer o agrônomo, mas a "escrita", com os seus resultados de pesagens e de cálculos, estava salva. A carreira do funcionário estava assegurada. O internato teria grão-de-bico.

A nossa Escola encontra-se muitas vezes, infelizmente, no regime do agrônomo, da falsa ciência e das estatísticas enganadoras, de que ele é o espantoso protótipo. Não se pergunta se o que irá produzir pode alimentar uma clientela de necessidades sutis e especiais. Receia, mais que tudo, a complexidade da vida, os diferentes gostos e apetites dos convivas, essa espécie de produção artesanal delicada e íntima como os sentimentos, as sensações, as cores e os perfumes que são a sua eterna riqueza.

Todo o mundo ao grão-de-bico! Os manuais escolares repartirão e pesarão a semente; os problemas sobre as formas culturais e os adubos necessários estabelecerão os preços exatos do custo. Já não haverá surpresas: medir-se-ão e contar-se-ão grãos-de-bico.

A falsa ciência pedagógica ri-se das sutilezas. Tem necessidade do prático, do sólido, do simples. Os exames sancionarão o rendimento com uma precisão e uma eficiência que atividades funcionais rebeldes aos testes engenhosos não permitem.

Se as crianças e os professores definham a contar e a comer grão-de-bico, se lhes falta o frescor das

verduras, os sucos nutritivos e as vitaminas de cujas virtudes pelo menos a ciência suspeita, é questão de clínica e de médicos, e não de educadores agrônomos.

Você sente o ridículo dessa mania de agrônomo cultivador de grão-de-bico, mas aceita, ou tolera, que uma escola, ultrapassada pela vida, cultive exclusivamente os produtos mortos —ortografia, redação e problemas —, essas beterrabas, esses nabos e esse grão-de-bico, medidos pelos programas e pesados pelos exames.

Desconfie da saliva!

Desconfie da saliva. Com muita freqüência ela não é mais do que um meio da impotência e da ilusão.

Dizem-lhe: *Explique!* Você cansa os pulmões examinando a questão com belas palavras e, quando a demonstração lhe parece luminosa, você verifica, desanimado, que o instrumento "encravou" e que a criança nem descobriu nem seguiu o fio de Ariadne que a sua lógica, mais ou menos segura, lhe propusera.

Raciocine, você insiste, sem perceber que todo o raciocínio são e válido se apóia em dados e em elementos que só a experiência e a vida podem preparar e estabelecer.

Repita, exercite a memória, recorde! Garantiram-lhe que a memória é o principal instrumento do conhecimento, e a repetição a chave da pedagogia. Você aprenderá à sua custa que a memória das palavras é só uma sobrecarga para o espírito e um embaraço para o comportamento da vida. Sem experiência, ela não é nada. É a parede que erguemos pedra por pedra, sem nos importarmos com os alicerces, e que será sempre incerta e vacilante.

O pedreiro dirá que seria simples demais pensar que se pode fazer uma construção assim, sem lhe assegurar os alicerces, que a casa sempre leva muito tempo para sair da terra, e que são necessários muitos movimentos de picareta, de enxada, e de pá, muita dinamite e muito concreto!

Um canteiro de obras não é somente um arquiteto que, com plantas na mão, explica, comenta e comanda; é a grande colaboração dos operários e das máquinas que traduzem, na realidade, os projetos do coordenador. É esse o canteiro de obras que você deve organizar.

Afirmam os prudentes: no entanto, há o verbo, que não é apenas a saliva inútil e falaciosa.

Sim, há o *Verbo*.

Há o *Verbo* que se faz carne e que se faz vida, que é quente como o sangue lançado pelo coração, benéfico como o sopro que reanima e acalma, o verbo que é dom e comunicação. Se puder consegui-lo, você será um educador exemplar, porque esse verbo é sempre *ação*.

Tome cuidado, porém, com o verbo que corre como uma saliva esgotada, com repetições e com lições que vedam desumanamente as vias do sentimento e da compreensão profunda, com o verbo enganador que simula a Verdade e a Vida.

Lembre-se de que saliva e trabalho são antinômicos. Aquele que trabalha economiza palavras e aquele que fala muito sempre economiza trabalho.

Poupe a sua saliva e organize o trabalho.

Elimine a cátedra e arregace as mangas!

Dar aulas do alto da cátedra, marcar deveres, corrigir, vigiar, interrogar — sem respirar sequer —,

classificar e recompensar com uma boa nota ou com um "santinho", essa é a função que se tem reservado desde sempre ao professor primário e cuja tradição nos tem marcado com uma tara desumana, perigosamente inscrita nos reflexos quase naturais de quem pretende ensinar crianças.

É, decerto, uma maneira de conhecer a disciplina e a educação. Dizemos somente que corresponde à imagem, hoje ultrapassada, de uma sociedade autocrática, em que o mestre ordena a indivíduos que obedecem. Ainda é praticada no exército ou na polícia, no entanto com aperfeiçoamento e atenuações que a Escola faria bem em imitar.

Acrescentamos que nenhum adulto, incluindo os professores, aceitaria para si mesmo o regime de suspeita, de comando e de troca que ainda é, de modo geral, o da grande maioria das nossas escolas.

Eu sei que se deve aprovar o que há de bom e não apenas demolir. Na Escola devem-se conservar ordem, disciplina, autoridade e dignidade, mas a ordem que resulta de uma melhor organização do trabalho, a disciplina que se torna solução natural de uma cooperação ativa no seio da nossa sociedade escolar, a autoridade moral primeiro, técnica e humana depois, que não se consegue com ameaças ou castigos, mas por um domínio que leva ao respeito; a dignidade da nossa função comum de professores e de alunos, a dignidade do educador que não se pode conceber sem o respeito total pela dignidade das crianças que ele quer preparar para a função de homens.

Para essa transformação, tanto mais difícil por implicar primeiro a transformação do comportamento dos educadores no seio de uma nova concepção do meio escolar, damos hoje alguns conselhos primordiais, base do nosso esforço de modernização:

— Elimine a cátedra, símbolo desse autoritarismo condenado. Munida de quatro pés, dará uma sólida mesa de trabalho. Desça ao nível das crianças, para você jogar o jogo delas, ver como elas, reagir com o mesmo ritmo. Ao mesmo tempo, você reconsiderará certos problemas cujo segredo nós lhe diremos.

Arregace as mangas para trabalhar com as crianças. Deixe de dar ordens e castigar, atire-se ao trabalho com os alunos. Não tenha medo de sujar as mãos, de se machucar com uma martelada, de hesitar nos casos em que a criança mais viva domina a situação, de tatear, de se enganar, de recomeçar. Assim é a vida, e é o esforço que fazemos lealmente, para dominar seus incidentes, que constitui o principal elemento da nossa educação.

Você encontrará a confiança que o chefe não poupa aos trabalhadores eméritos, o entusiasmo das criações, a alegria dos êxitos, o sentimento exultante de participar numa vida nova que será, para você, a eterna juventude dos educadores.

O "escolastismo"

A ciência médica vangloriava-se, há pouco tempo, dos cuidados metódicos que reservava, nas clínicas e nos hospitais, aos recém-nascidos e às crianças de tenra idade: horário rigoroso, alimentação medida e dosada, assepsia minuciosa dos quartos nus onde, longe da mãe, a "criação" parecia atingir a sua perfeição máxima.

No entanto, essas crianças não se desenvolviam de maneira normal. Parecia faltar algo nas disposições médicas. Esse algo era a presença da mãe, o ruído de vozes do meio ambiente, os primeiros raios de sol, a magia dos animais e das flores.

A ciência deu um nome significativo a essa carência: *hospitalismo*.

A ciência pedagógica pretende regular, com a mesma minúcia cronometrada, o alimento intelectual

das crianças, que ela isola num meio especial que é a *Escola*: silêncio, frieza neutra das lições e dos deveres, supressão sistemática de todos os contatos com o meio de vida natural ou familiar, asseio, ordem, mecanicismo.

A carência é inegável: alimento mal digerido, aversão pela alimentação intelectual, podendo chegar à anorexia, recalçamento do indivíduo, desadaptação em face da vida, hostilidade para com a falsa cultura da Escola.

Essa carência é o *escolastismo*.

O *hospitalismo* foi uma blasfêmia científica antes de ser uma realidade para a qual se procuram, cuidadosamente, remédios eficazes.

O "escolastismo" será a blasfêmia pedagógica que aclimataremos nos meios educacionais, em que já introduzimos tantos outros neologismos.

Por algum tempo perturbará a ordem e o método errado da Escola, como a luta contra o *hospitalismo* perturbou a fria lógica das clínicas.

A evidência, porém, há de se impor.

Estabeleceremos experimentalmente o diagnóstico dessa carência que de agora em diante chamaremos de *escolastismo*. Iremos caracterizá-la cientificamente, para que pais e educadores se habituem a descobrir, nas crianças, a nova doença para a qual, todos juntos, procuraremos os remédios.

Tire o chapéu para o passado, tire o casaco para o futuro!

Não tome sistematicamente o sentido contrário daquilo que é. Para durar, toda fórmula de trabalho e de vida, mesmo que medíocre, é obrigada a acomodar-se mais ou menos com os elementos individuais e sociais que a condicionam. E o gênio obscuro dos investigadores anônimos pode marcá-la de uma eminência que dá o seu valor humano à tradição.

No entanto, ainda estaríamos na pré-história se não se tivessem levantado por toda parte e não fossem ainda inúmeros os insatisfeitos e os iluminados que, estendendo as mãos para o inacessível, vão tentando ultrapassar o que é, perscrutando a noite que os oprime. São suas audácias que marcam as lentas fases do progresso, mesmo e sobretudo se eles forem as vítimas injustas.

Não pense que, na Escola, você deve imitar passivamente os mais velhos, empregar os seus métodos mesmo que bem conceituados na sua época, usar os manuais com que se declaravam satisfeitos e orgulhosos. Haviam levantado diques à margem do rio, pois a torrente agitada varria a terra e desarraigava as árvores; hoje, como as barragens já desempenharam a sua função, encheram-se de areia. A água, mesmo engrossada, mantém-se ao largo. E você continuará a manter e a cuidar da barragem — apesar de inútil —, por ter sido aí que, há cinqüenta anos, os seus predecessores a estabeleceram?

Você se apoiará, certamente, naquele conhecimento que a vida tornou definitivo, mas, como fizeram os pioneiros de há cinqüenta anos, encontrará e enfrentará a torrente, e é nessa mesma torrente que você submergirá as derivações e estabelecerá, com um máximo de engenho e de eficiência, as novas barragens.

Você terá desempenhado o seu papel quando essas barragens se tornarem, como as precedentes, uma conquista sempre difícil sobre a ignorância e a adversidade.

Passar, sem refletir nem escolher, pelos caminhos que outros traçaram, e sem perguntar se esses caminhos conduzem verdadeiramente aos objetivos de que você sente necessidade, é imitar a ovelha que segue a trilha por onde, desde sempre, enveredam os rebanhos, sabe-se lá para que destinos!

Abandonar a trilha, sem outra razão que não seja não fazer como os outros, é perder deliberadamente o benefício da experiência dos homens que, antes de nós, trabalharam e viveram.

Devemos permanecer sempre de atalaia, experimentar todos os nossos passos, partir da tradição, apoiar-nos nela nos momentos difíceis, mas ultrapassar e abandonar os caminhos traçados, lançar pontes, cavar túneis, escalar encostas, alcançar cimos, para irmos sempre em busca de mais clareza e mais sol.

Um escritor e pedagogo inglês resumiu essa preocupação sensata numa fórmula que inscrevemos como título da p. 115:

Tire o chapéu para o passado,

Tire o casaco para o futuro!

Cachorro vira-lata e cães de raça

Se você tem um cachorro vira-lata, do qual você nada espera além de que lhe seja fiel, lamba suas mãos e obedeça às ordens, não terá de se preocupar com a educação dele, que se fará ao sabor das circunstâncias e do seu humor. Que importa a qualidade dos seus ascendentes, ou as suas tendências de raça? O que você fizer por ele será sempre suficiente, contanto que, ao tornar-se adulto, ele saiba roer os ossos e lamber os pratos.

Tratando-se, porém, de um cão de raça, suscetível de prestar serviços eminentes — guardar as ovelhas melhor do que três ajudantes juntos, saber levantar as lebres e trazê-las para a mira da sua espingarda, ou ter um apreciável valor comercial (motivação mais direta) —, aí, então...

Então, você querará conhecer o *pedigree* dele, desde várias gerações.

Saberá o que são capazes de conseguir os cães dessa raça.

Sobretudo, você irá informar-se a respeito das condições ótimas da sua alimentação, dos cuidados indispensáveis e da sua educação.

Então os conflitos não se resolverão por um pontapé negligente que poderia comprometer para sempre o processo de educação. Qualquer pessoa pode treinar um cachorro vira-lata, mas não se improvisa um criador de cães de raça. É necessário ter experiência e conhecimentos, decerto, mas são necessários sobretudo amor pelo animal a ser educado e preocupação permanente de estar ao seu serviço, pois o êxito de um belo cão de raça são a consagração e a recompensa do criador inteligente e devotado.

A nossa educação será criação de cachorros vira-latas ou eminente formação de cães de raça?

Será verdade que deveríamos preparar as crianças para serem os fraldiqueiros bons para tudo e bons para nada, que temos de dobrar de antemão e ensinar, porque a vida do trabalhador exige sacrifício e servidão?

Ou então seremos os educadores selecionados para homens selecionados, com um destino a cumprir e que podemos preparar para ser homens, com técnicas de minuciosa atenção, de busca e de amigável compreensão, de tão bons resultados com os cães de raça.

Lamentavelmente vale a pena colocar a questão.

Há nascimentos que são eclosões

Oxalá os falsos pedagogos não se apoderem, um dia, da Rádio e Televisão Francesa!

Porque não mais veríamos renovar-se o escândalo de uma vedete que talvez não tenha um pequeno bacharelado e que conhece os insetos e os pássaros como se tivesse vivido sempre na sua intimidade, e que protesta com uma veemência escandalizada contra as respostas preparadas por sábios autênticos, de que um exame ulterior dirá o erro.

E aquele jovem soldador que de repente se revela, com 17 anos, um cientista de grande classe, cujo espírito parece já ter examinado todas as coisas e que julga e raciocina com uma lucidez impressionante? Terá somente o seu diploma de primário? Que importa? De um salto, elevou-se até os cimos majestosos. Mais algumas revelações semelhantes, e poderemos reeditar, com mais vantagens, os nossos *Ditos* mais contestados, pois talvez se compreenda então que a inteligência não progride forçosamente por escalões metódicos, providos de programas preservadores e de exames probatórios; que dois e dois nem sempre são quatro; que o conhecimento não é uma construção erguida tijolo por tijolo, mas o jogo ainda misterioso de conexões sutis que se estabelecem, de faíscas que saltam; que o segredo principal de todo esse mistério é, em primeiro lugar, a VIDA.

Há nascimentos que são revelações e eclosões. De uma lagarta comum surge, certa manhã, uma borboleta de cores sem par. Por que a eclosão de uma criança não daria pinturas inigualáveis quanto ao seu lirismo e à sua simplicidade; por que o gorjeio dos seus alunos não se transformaria em poema ou canto incomparável? Por que o adolescente não poderia desabrochar em domínios desconhecidos, desde que vibrem e se entremochem as veleidades insondáveis?

Os pedagogos não se teriam enganado escandalosamente ao impor ao crescimento espiritual certos ritmos que não são mais do que uma marcha hesitante para quem calça irresistivelmente botas de sete léguas?

Não seria a partir dessas realidades que deveríamos reconsiderar, hoje, todo o nosso sistema educacional?

Calçado novo e sapatos usados

Seja prudente com a novidade. Nunca a procure por ela mesma, mas pela melhoria que poderá proporcionar ao seu trabalho e à sua vida. Essa melhoria depende tanto de você como da própria novidade.

A roupa nova que você comprou só lhe ficará realmente bem quando você a tiver feito sua, ajustada ao seu corpo, adaptada aos seus gestos e à sua maneira de ser.

Esses sapatos novos bons e bonitos que você acabou de comprar, você só os desfrutará verdadeiramente quando os tiver "desgastado" e quando, depois de um período mais ou menos longo e penoso, dependendo da qualidade do calçado e da sensibilidade dos seus pés, você tiver realmente se apropriado deles, a ponto de que ninguém além de você poderia usá-los com a mesma satisfação. Durante muito tempo, ao voltar para casa depois de uma caminhada, ainda será nos seus velhos sapatos que você descansará os pés doloridos.

Você deve adotar com a mesma prudência as técnicas modernas, procurando as que — fruto de trabalhadores experimentados — lhe pareçam mais aptas para enfrentar os cimos a que você terá de subir: não se admire se, a princípio, não forem absolutamente utilizáveis. Desgaste-as, faça-as suas; não tenha nenhum escrúpulo em voltar, de tempos em tempos, aos métodos anteriores que já estejam mais ajustados à sua classe e ao seu temperamento de educador. Então você voltará com mais ousadia e mais

entusiasmo para a vida nova que o espera.

Não é a novidade que deve atrair e guiar, mas a VIDA. Não espere que os sapatos se gastem a ponto de você ter de voltar para casa com a sola batendo, para comprar e amaciar sapatos novos; ou então a ponto de, no inverno, a neve e o frio os encharcarem e atravessarem um couro gasto.

Há certos indivíduos que temos a impressão de sempre ter visto raspando o chão com sapatos gastos, cujo couro endurecido formou pregas pré-históricas. E outros que parecem igualmente incomodados com sapatos eternamente novos, que eles não conseguem domar e que lhes impõem um andar rígido e automático.

Não seja nem o tradicionalista endurecido, nem o inovador caçador de aventuras. Procure, conosco, técnicas práticas e flexíveis; desgaste-as conosco, na experiência coletiva; faça-as suas até marcá-las com a sua maneira de andar e com o seu temperamento.

Conosco, então, você poderá seguir com entusiasmo e certeza, na calorosa caminhada para o futuro!

As minhas idéias atropelam-se na entrada

As nossas idéias são como as galinhas, dizia-me um jovem operário.

Em alguns, são raras, pobres e lentas, capazes somente de se agarrar à tábuca oscilante que leva à porteira. Enfurnam-se por ela, uma a uma, sem fazer histórias.

Em outros, chegam ordenadas e decididas, cacarejando harmoniosamente ou esgaravatando a terra úmida. De tempos em tempos, uma delas levanta o bico, vira a cabeça como se quisesse sentir o vento, e sobe, segura de si, espera um pouco para avaliar a própria decisão e penetra no seu palácio como uma princesa.

Em mim, diz o rapaz, tudo se atropela na entrada. Tenho idéias demais, como num pátio muito povoado, com uma entrada só. Então é ver quem entra primeiro, e não sem dificuldades e penas voando.

Se a minha cultura fosse mais sólida, as minhas idéias se desencadeariam conforme a sua natureza e a sua importância, como galinhas que dispusessem da riqueza dos jardins e dos campos e não tivessem nenhuma razão para precipitar-se amontoadas. Aproveitam os grãos que lhes são oferecidos e os raios de sol que se desvanecem, regressando enriquecidas e circunspectas.

Porém, se um cão ladrar ameaçadoramente ou o gavião lançar o seu grito de guerra, vê-se logo o exército das galinhas fugir, desvairadas, enfiar-se no primeiro buraco, machucar-se nas cercas e lutar para penetrar no abrigo.

Assim acontece com os meus pensamentos desordenados.

Ajudem-nos. Não restrinjam arbitrariamente a corrente das nossas idéias, mas não nos povoem demais o galinheiro. Deixem às galinhas a possibilidade de se alimentar e aclimatar, para que não sejam, como nós, um rebanho cego, mas se coloquem cada uma no seu lugar, próximas da entrada, vivas e ativas; poderemos chamá-las só com um gesto, para as trazermos metodicamente para a orla da inteligência.

E assim as nossas idéias deixarão de se empurrar na porteira.

Aqueles que ainda fazem experiências

Na vida, existem duas espécies de indivíduos: os que ainda fazem experiências e os que não as fazem

mais.

Estes já não as fazem porque se sentaram à beira do charco de água parada, onde o musgo apagou até a limpidez e o poder que os charcos têm, às vezes, de mudar de cor, conforme os caprichos do céu que refletem. Aplicaram-se a definir as regras da água morta e julgaram desordenada, incongruente e pretensiosa a impetuosidade da torrente que perturba a água do charco, ou o vento que varre num instante, para as margens, os musgos estagnantes, voltando a dar uma breve agitação de profundidade azulada à toalha verdolenga.

Já não fazem experiências porque as pernas cansadas perderam até a lembrança da montanha que, há não muito tempo, escalavam com audácia triunfante, porque iam sempre além das ordens e das prescrições dos que se dedicam a regular a ascensão em vez de vivê-la. Instalaram-se confortavelmente na planície, toda marcada de estradas e de barreiras, pretendendo julgar, segundo a sua própria medida, a ousadia das montanhas cujas agulhas parecem desafiar o azul.

Já não fazem experiências. Pretendem então deter a marcha dos que têm possibilidade de ultrapassá-los e superá-los. Tentam deter os inquietos e os insatisfeitos que reboam com a torrente ou que partem, por vias inexploradas, ao assalto dos picos inacessíveis. Codificam, nos seus alfarrábios, as leis do charco morto ou da planície marcada e condenam, de antemão, em nome de uma ciência de que se fazem grão-mestres, todas as experiências que visam sondar o que ainda resta de desconhecido, descobrir vias fora das estradas tradicionais e tentar todos os dias o impossível, pois é esse incessante arremesso do homem contra o impossível e o desconhecido, a razão viva da ciência.

Existem duas espécies de homens: os que fazem experiências e os que não as fazem. Infelizmente, temos de acrescentar uma terceira: a dos malfeitores que não receiam saltar a torrente ou escalar os picos com os intrépidos, mas com a única preocupação de se apropriarem, para as explorarem em seu proveito, das descobertas desinteressadas dos eternos dissipadores de sombras, dos caçadores de verdades, dos criadores de justiça e de beleza.

Com o nosso ideal, eles fazem Hiroshima. Até o dia em que lhes barrarmos o caminho para reconquistarmos a verdadeira ciência, dinâmica e humana, que fazemos todos juntos, com os nossos músculos, coração, vontade e sangue.

Uma mentalidade de construtores

Conservei-me construtor.

À ordem, civilizada demais, das terras em culturas alinhadas e definitivas, prefiro os trabalhos que transformam e animam os cantos incultos, as plantações que crescem, audaciosas e invasoras como um bando de crianças na floresta. Às construções confortáveis e metódicas, prefiro o abrigo preparado por mim, com telhado da raízes e que moldo segundo os meus gostos e necessidades, como os velhos casacos de que não nos podemos separar, porque se integram nos nossos gestos e na nossa vida.

Sou construtor.

Como todo o mundo: como a criança que constrói uma barragem ou uma cabana, o pedreiro que assobia nos andaimes, o oleiro que cria formas, o mecânico que dá vida às suas máquinas. Um domínio onde deixou de se construir é um domínio moribundo. O homem que deixou de construir é um homem que a vida venceu e que só deseja a noite, contemplando o passado morto.

Prepare gerações de construtores que cavem o solo, subam aos andaimes, lancem de novo para o céu as flechas ousadas do próprio gênio, perscrutem o universo sempre ávidos do seu mistério. Leve para as suas aulas ferramenta de construtores, de engenheiros, de pesquisadores, mesmo se for para a sua

escola permanecer um eterno canteiro de obras, pois nada é mais exaltante do que isso.

Bem sei que os construtores estão sempre construindo, e haverá quem os acuse de desordem e de impotência, pois muitas vezes você não terá a satisfação de fincar o ramo simbólico no topo da construção. As paredes por rebocar, as janelas inacabadas, as divisórias dos andares talvez nem começadas. Mas outros depois de você — e os próprios interessados — continuarão a construção, desde que você tenha conservado neles a mentalidade de construtores invencíveis.

Nada é tão exaltante como um canteiro de obras, sobretudo se nele se constroem homens.

Os construtores nos compreenderão e nos ajudarão.

7. Uma profissão que é fórmula de vida

Uma profissão que é fórmula de vida

Não preciso de teste especial para conhecer o valor e o rendimento de um pastor. Se faz o trabalho com prazer e se interessa profundamente pela profissão, posso ter a certeza de que os animais serão bem tratados. A técnica virá depois, se ainda faltar, e, enquanto isso, a solicitude permanente do pastor saberá atenuar as insuficiências profissionais.

Quando vejo o camponês inspecionar amorosamente o seu domínio, inclinando-se para as vergôntees como o pastor para os seus cordeiros, não preciso fazer um longo inquérito sobre suas virtudes de agricultor. Desde que a miséria, os fracassos ou a exploração não o desanimem de um trabalho que é a sua vida, logo ele se tornará perito numa arte em que a técnica morta não poderia bastar.

Se me disserem que existe um método pedagógico que dá às crianças esse amor pela profissão e o gosto por um trabalho que é a expressão do ser; se acrescentarem que esse método proporciona, ao educador, esse mesmo sentimento de participação e de plenitude que ilumina a profissão do camponês e humaniza a tarefa ingrata do pastor; se eu vir os educadores que praticam esse método retomar vida e entusiasmo, não pre-

cisarei de mais informações: esse é o método bom. Bastará estabelecer e generalizar o seu uso, preservando-o dos principais perigos que as forças de estagnação e de reação fazem correr a todos os empreendimentos inteligentes. E, sobretudo, seria necessário lembrar aos pais e aos professores que um educador que já não tem gosto pelo trabalho é um escravo do ganha-pão e que um escravo não poderia preparar homens livres e ousados; que você não pode preparar os alunos para construir, amanhã, o mundo dos seus sonhos, se você já não acredita nesta vida; que você não poderá mostrar-lhes o caminho se permanecer sentado, cansado e desanimado, na encruzilhada dos caminhos.

"Reencontrei a dignidade de uma profissão que é, para mim, fórmula de vida", dirá o educador moderno.

Imite-o!...

Semeamos o grão das colheitas abundantes

Alguém poderá dizer-lhe: De que adianta você se empenhar em preparar seus alunos para um mundo que não será o deles? Será útil, ou mesmo prudente, dar-lhes hoje, nas nossas aulas, iniciativas e liberdades que lhes serão proibidas nas escolas que freqüentarem amanhã? E não valerá mais habituá-los, desde já, a obedecer e a dobrar-se às exigências de uma sociedade sempre madrastra para o trabalhador "desadaptado"?

Certamente, se você quisesse e devesse fazer das crianças que lhe são confiadas monges ou religiosos, poderia treiná-las para pensar e viver como há vários séculos, segundo regras que só conservam seu valor nos conventos e nas igrejas.

Se a sua função fosse preparar servidores dóceis para uma raça eleita, ou, para a exploração social, os escravos das máquinas e dos robôs, então você precisaria arrefecer e extinguir, na origem, essa centelha

obstinada em sobreviver nos olhos das crianças, dos pesquisadores e dos poetas.

Se exigissem que você formasse soldados ou burocratas, você teria de imprimir muito cedo o hábito dos gestos inúteis, do trabalho de fachada e do alinhamento, que é como a marca mecânica sobre os corpos e sobre as almas.

Porém, a Democracia — como testemunham tantos textos — espera de você os trabalhadores ativos de iniciativas generosas; os cidadãos ciosos das suas liberdades, mas capazes de se disciplinar para servir cooperativamente as causas justas; os homens que saberão sair das fileiras e partir na vanguarda, enfrentando temerariamente as dificuldades; os pioneiros que por vezes importunam os monges e os religiosos, os exploradores e os robôs, os soldados e os burocratas, mas que avançam, progridem, constroem e criam.

O camponês não detém o seu gesto lendário sob o pretexto de que a árvore que planta e a semente que lança à terra poderiam, amanhã, sofrer com as intempéries. Dá-lhes, sem reserva, toda a sua ciência e tradicional solicitude. A vida fará o resto.

Se a mãe pensa às vezes, angustiada, nos dias sombrios que possam vir, é só para munir melhor, no presente, o ser que quer audacioso e forte.

Qualquer que seja o receio de vermos os destinos hostis dobrarem as jovens vergôntes que tivermos animado, é sempre com o mesmo fervor confiante que semeamos obstinadamente o grão das colheitas abundantes.

A sabedoria dos homens e a justiça das instituições farão o resto.

A embriaguez dos triunfos

Às vezes você se queixa, como o pastor aprendiz, de que há caminhos demais serpenteando, aparentemente, em direção ao mesmo vale, sendo que nenhum deles tem a certeza repousante das estradas que a ciência e a experiência traçaram, orlaram e assinalaram; e você procura o guia que o oriente por vias em que você se limite a colher os frutos que outros fizeram desenvolver.

Não é pelo caminho de pedras e de poeira que pastam as minhas ovelhas, mas entre o dédalo dos trilhos por onde avançam sem cansaço, roendo o capim ou desfolhando as vergôntes, para chegar, antes do sol, à clareira onde esperarão o crepúsculo.

Um rebanho nas pastagens, quando nenhum cão o perturba, nunca está alinhado nem sistemático. Avança lentamente, como a nuvem que passa, sacudido por vezes por um frêmito, como uma folhagem agitada pela brisa, pesado como uma seiva que alimenta e germina. Cabe a nós tentar saber segundo que leis, a que ritmo e para responder a que misteriosos apelos a seiva progride, a folhagem se agita, as ovelhas avançam pelos trilhos para objetivos que sabemos benéficos ao rebanho.

Certamente, você pode encaminhar as crianças pela estrada branca, onde não há outro problema a não ser o de seguir passivamente a fita desenrolada até o infinito. Não é assim que você as alimentará e enriquecerá. Conserve nelas essa alegria simples que sentimos ao seguir fora dos caminhos já muito pisados, ao nos ferir nos espinhos e agarrar aos rochedos de onde se descobrem os profundos horizontes de luz; cultive nelas a necessidade de conquista e de vitória; reserve para elas a embriaguez dos triunfos, sem no entanto correr o risco de se perder ou extraviar; mantenha-as em grupos harmoniosos, no seio dos quais possam sentir-se amparadas umas pelas outras e compartilhar a grande força que nos vem das nossas mãos unidas; mobilize-as ao mesmo tempo para fazer avançar cada vez mais os caminhos claros e livres que permitam a audácia renovada das gerações que estão por vir.

Pão e rosas

As crianças precisam de pão e de rosas.

O pão do corpo, que mantém o indivíduo em boa saúde fisiológica.

O pão do espírito, que você chama de instrução, conhecimentos, conquistas técnicas, esse mínimo sem o qual corremos o risco de não conseguir a desejável saúde intelectual.

E das rosas também — não por luxo, mas por necessidade vital.

Observo o meu cão. Claro, precisa comer e beber para não ter fome e não ficar desesperado, com a língua de fora. Mas tem mais necessidade ainda de uma carícia do dono, de uma palavra de simpatia ou, às vezes, só de uma palavra; do afeto que lhe dá o sentimento do lugar — o qual desejaria muito grande — que ocupa no mundo em que vive; de correr por entre as moitas ou só uivar demoradamente nas noites de luar, talvez para ouvir ressoar a própria voz, como se ela abalasse magnificamente o universo.

As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa. Precisam sentir que encontraram, em você e na sua escola, a ressonância de falar com alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e de belo que é a expressão de tudo o que trazem nelas de generoso e de superior.

Essa nova intimidade estabelecida pelo trabalho entre o adulto e a criança, esse novo grafismo aparentemente sem objeto, valorizado pela matéria ou pela cor, esse texto eternizado pela imprensa, esse poema que é o cântico da alma, esse cântico que é como um apelo do ser para o afeto que nos ultrapassa — é de tudo isso que vive a criança, normalmente alimentada de pão e conhecimentos, é tudo isso que a engrandece e a idealiza, que lhe abre o coração e o espírito.

A planta tem necessidade de sol e de céu azul, o animal não degenerado pela domesticação não sabe viver sem o ar puro da liberdade. A criança precisa de pão e de rosas.

Ir às profundezas

O aprendiz de jardineiro orgulhava-se dos seus meloeiros, que se desenvolviam vigorosos e abundantes, em covas alinhadas e regulares, que ele alimentava abundantemente com água e estrume.

Muito bem, mas em que se transformarão os meloeiros, quando tiverem utilizado o adubo generoso, ou quando aparecer a seca? Você os verá então definhar e se estiolar antes de darem fruto, pois, habituados a viver preguiçosamente com o que você lhes dava, não podem, por si mesmos, enfrentar as complexidades da vida.

Portanto, coloque estrume e água num rego entre as linhas, a alguma distância das plantas. Para viver, o jovem meloeiro será obrigado a lançar as raízes tasteastes à procura de alimento; terá de desenvolver as radículas, enterrá-las, fortificá-las até atingirem a zona forte e generosa. E, se você não lhes der ajuda, essas mesmas raízes irão procurar, na profundidade do solo, a vida que há de desenvolver e amadurecer os frutos.

Quantos pais, quantos pedagogos agem como o aprendiz de jardineiro! Acumulam, ao alcance da criança, o alimento já pronto a ser digerido — manuais abundantes e ricos, explicações e lições concentradas em sínteses indigestas, deveres cuidadosamente racionalizados para evitar, às jovens vergôntes, todos os esforços inúteis.

E o aluno, com efeito, parece gordo e forte; mas, se as fórmulas escolásticas o abandonarem, se a vida lhe colocar os seus verdadeiros problemas que a escola não previra, se o trabalho exigir conhecimentos que um laborioso tatear não lhe preparou, a vergôntea irá mirrar e se estiolar, produzindo apenas os frutos secos que cairão lamentavelmente ao primeiro calor.

Deixe a criança tatear, alongar os tentáculos, experimentar e cavar, inquirir e comparar, folhear livros e fichas, mergulhar a curiosidade nas profundezas caprichosas do conhecimento, numa busca, às vezes árdua, do alimento que lhe é substancial.

Isso nem sempre se fará sem choro e ranger de dentes. Quando os andaimes caírem, a casa já estará sólida e poderosa. Quando o calor do lar o abandonar, o pequeno homem poderá enfrentar a vida com domínio e decisão.

O trabalhador homem

O pastor é pastor, desde que saiba ultrapassar ou seguir os seus animais e assegurar os gestos que permitam ao rebanho pastar em paz e segurança.

Mas, além disso, se puder refletir para além dos gestos automáticos, se adquirir experiência e sabedoria nesse longo e solitário comércio consigo mesmo, ou se, exteriorizando mais as suas preocupações, perscrutar e estudar o céu, as nuvens, a vida das plantas e os costumes dos animais até tornar-se perito, ou se, colocando a alegria de criar na ponta da faca, gravar na madeira ou trabalhar a cortiça, então dará um passo mais ou menos conseqüente para a cultura. Irá tornar-se *Pastor Homem*.

Nosso merceeiro conta, pesa e entrega devidamente os artigos que lhe pedimos. Não sabíamos que era ilusionista.

Quem lhe ensinou os segredos do prestidigitador e as virtudes dos pós de pirlimpimpim? À noite, ao terminar sua jornada, exercita-se numa arte que, para ele, ultrapassa a profissão, numa atividade aparentemente gratuita, no sentido de não lhe dar benefício pecuniário, no entanto já uma cultura que, para além da sua função social de merceeiro, o faz alcançar o valor eminente do *Merceeiro Homem*.

O nosso vizinho tem um trabalho imenso para podar os pessegueiros e tratar das estufas de cravos. Aplica-se certamente em ser um jardineiro perito; porém, nos dias chuvosos, por trás das janelas meio ocultas pela parreira nua, desenha e pinta e, no domingo, sai com o cavalete em busca de cores e de vida.

É isso a sua cultura — essa preocupação de criação e de desenvolvimento que faz dele o *Jardineiro Homem*.

Que as crianças aprendam os gestos, os sinais e os mecanismos exigidos pela sua função de estudantes e, mais tarde, pela de empregados, camponeses ou operários é uma necessidade como a que obriga ao pastor cuidar do rebanho e ao jardineiro produzir frutos e flores dignos da sua inteligência e do seu sentido social. Mas que não se limitem a ser estudantes. Que ultrapassem já essa profissão para chegar aos pensamentos, aos gestos e aos atos que talvez não sejam de utilidade imediata e talvez nunca possam converter-se em dinheiro, mas que nem por isso deixam de ser um aspecto exaltante de uma exigência de cultura — cunho nobre da educação a serviço do *Homem*.

As preocupações do sargento

O sargento, com ar de troça, observava a multidão de operários entrar na fábrica: uns a pé, outros de bicicleta ou em bandos compactos que desciam do trem, com roupas tão diferentes, desde o macacão até a capa e o casaco, sem ordem nem disciplina, interpelando-se e assobiando. A sirene tocava, sem dominar

aquela desordem: no interior da fábrica, as sombras pareciam passear livremente, sem finalidade aparente, no meio das máquinas, numa confusa diversidade que nega a autoridade...

Desordem e confusão... perda de tempo...

No quartel, pensava o sargento, entra-se na caserna em colunas de quatro, em passo cadenciado e ao som dos clarins, todos com o mesmo uniforme. Tanto no pátio como nos galpões, tudo está previsto: sabe-se, a qualquer hora do dia, qual a tarefa dos pelotões e das seções.

Assim pensava, sem dúvida, aquele professor — que certamente não quer ser sargento —, ao sair indignado de uma escola moderna em pleno trabalho... "Como? As crianças não fazem fila para entrar, não cumprimentam com a mesma cerimônia, não lêem o mesmo livro: uma compõe um texto, outra grava um linóleo, um grupo pinta, outro prepara uma experiência! E alguns curiosos vinham entrevistar-me!...

Então, quando é que fazem os exercícios? Quando aprendem as lições?... É como eu digo: desordem... desordem!

Quero voltar para a minha aula tão bem disciplinada, onde se entra como num santuário, onde cada um tem o seu lugar, inclusive o professor no seu púlpito, onde os exercícios são feitos em ordem e em silêncio, onde podemos controlar, avaliar e classificar, recompensar os bons e infligir castigos aos recalcitrantes..."

Você não acha extraordinário que num país como a França, onde se estima tão pouco o exército — sem dúvida porque nos fizeram apanhar uma irremediável indigestão —, a escola se obstine a este ponto em parecer uma caserna, e o professor — por vezes antimilitarista — um sargento?...

Por mim, prefiro a fábrica à caserna e a escola-oficina à escola-caserna. Invejo o chefe de empresa e o chefe de oficina-escola, mas lamento o sargento.

A volta das orelhas de burro

Dizia-nos o velho pastor: no nosso tempo, a disciplina era terrível, tanto na escola como na igreja. Era necessária, sem dúvida. Como é que o professor e o padre haviam de "fazer-se temer" por aquela massa barulhenta de crianças de todas as idades que se apertavam desde a manhã em locais sempre insuficientes e não tendo sequer os livros indispensáveis?

Era como no regimento: primeiro, posição de sentido, depois marchar, obedecendo às vozes de comando e batendo o salto. Se a disciplina abrandava um pouco, se algum maroto saía das fileiras, era então como no meu rebanho: quando um carneiro se afasta e parte em aventura, a massa segue-o como a água que escapa pelas brechas que já não conseguimos tapar. Para além de uma certa massa de indivíduos, quer seja na escola ou no exército, a "disciplina" torna-se uma necessidade.

Se tenho um rebanho pequeno, do qual conheço todos os animais cujos balidos e chocalhos distingo de longe, sendo que também eles me conhecem o assobio e a voz, não preciso de cão. Pastor e ovelhas estão ligados como por fios invisíveis que me permitem, de manhã à noite, sem um grito, sem uma chicotada, percorrer as campinas.

Os meus animais "medram" e eu me sinto feliz como todo bom pastor.

Mas se o patrão julga ter interesse em duplicar o número de cabeças, encarregando-me delas na mesma pastagem, se eu já não tiver tempo nem gosto de distinguir o carácter dos meus animais, e ficar assim sem laços profundos, à mercê dos indisciplinados e dos condutores seguidos de bom grado pelos mais novos insuficientemente alimentados, então reclamo um bom cão, ou mesmo dois, e lanço-os entre as patas dos desobedientes.

E, na verdade, o meu rebanho não faz estragos, e no momento fixado reconduzo os animais ao curral.

Simplesmente, a profissão deixa de ter para mim o interesse humano que era a minha vida. Ganho o pão, certamente, mas já sem a satisfação repousante que sentimos quando estamos fazendo um trabalho útil, nobre e enriquecedor. Já não sou o pastor cantado pelos poetas, mas sim o prosaico e taciturno guardador de animais.

Se, do mesmo modo, você deixar os seus patrões amontoarem, nas suas aulas, uma massa de crianças de que você já não terá o domínio moral e que, por outro lado, não encontram aí o alimento de que sentem necessidade, será forçoso também voltar à escola dos soldados, reforçar a disciplina e marchar à voz de comando.

De queda em queda, nesse caminho de desumanidade, você voltará às orelhas de burro, marca aviltante de uma pedagogia que renuncia à própria função, pois renuncia a formar homens.

Evite a prova de força

A educação escolar foi sempre uma prova de força.

Diz-se que os policiais vêem sempre um delinqüente em potencial em cada pessoa de que se aproximam. Os pedagogos vêem primeiro, na criança, o inimigo que poderá dominá-los, se eles não o dominarem.

E, na verdade, como todos nós fomos formados nessa prova de força, nós a supomos natural e inevitável. Aliás, ela é oficial, e os regulamentos que excluem os castigos físicos autorizam uma variedade infinita de práticas disciplinares, das quais o menos que se pode dizer é que não nos aumentam o prestígio e não nos orgulhamos delas.

Não pretendemos que a disciplina não seja uma necessidade, sobretudo nas classes lotadas e cada vez mais numerosas, infelizmente! Só colocamos a questão: a prova de força em educação será válida ou mesmo aceitável? Ou será então deplorável e, portanto, deve ser substituída o mais cedo possível?...

E por que disciplina?

Pode ter a certeza de que, se você adotar a prova de força com as crianças, já terá perdido de antemão. Salvará a fachada e conseguirá silêncio e obediência, ainda com a condição de se manter sempre vigilante para evitar gestos de troça ou uma rasteira. Você não conseguirá fazer nenhum trabalho construtivo e profundo porque, na melhor das hipóteses, permitiu hábitos de passividade e de servidão, sempre acompanhados de hipocrisia e de rancor. A criança, felizmente, escapa a eles, por todos os recursos da sua vida transbordante e pela habilidade em transpor os obstáculos que encontra no caminho.

Não estou exagerando. Basta que todos se lembrem, como eu, leal e sinceramente, da Escola que tiveram de suportar. E éramos os ursos da classe!

Não, a prova de força só poderia ser a pior hipótese. É de lamentar o educador condenado a enfrentá-la nos quarenta anos da sua carreira.

Vislumbramos, felizmente, uma solução: *a disciplina cooperativa do trabalho*.

Você já notou como as crianças, em casa ou na escola, são ajuizadas e fáceis de suportar quando estão totalmente ocupadas numa atividade que as apaixona? O problema da disciplina já não se coloca — basta organizar o trabalho que entusiasma.

Observe as crianças quando estão compondo ou imprimindo o jornal de classe, decorando a sala de aula, fazendo cerâmica, definindo o plano de trabalho, fazendo recortes ou montagens elétricas. Então você poderá sentir como e quanto a noção de disciplina muda de sentido. Talvez ainda haja desordem excessiva, barulho demais, pequenas batalhas por causas técnicas: o aparelho não funciona, aplicou-se tinta em excesso, falta uma ou outra peça. Mais freqüentemente ainda, mal treinados no nosso novo papel de ajudante técnico, não temos fichas de trabalho e de modos de emprego. Assistimos à desordem acidental da oficina ainda não suficientemente organizada; mas os êxitos, de que nos orgulhamos, provam-nos que, em nossas classes, a prova de força foi ultrapassada. Passamos à disciplina democrática — aquela que prepara a criança para forjar a sociedade democrática que será como ela a fizer.

Há várias moradas

Alguém lhe disse: Atenção, só entre nessa morada pela porta da explicação verbal e do pensamento que traduz a linguagem, veículo do progresso.

Acontece, efetivamente, que ao seu primeiro apelo a casa ressoa, os corredores iluminam-se, abrem-se janelas para mundos ignorados. Você se sente orgulhoso pelo milagre realizado, mesmo que as centelhas vacilem ou se esfumem assim que se afasta a claridade que por momentos despertara as solitudes em expectativa.

Quantas vezes, porém, você se sente desiludido? Uma luz borboleteia no corredor; você se tornou persuasivo e insinuante para não deixar escapar essa promessa. Você aumenta artificialmente a iluminação, fala alto, grita, ameaça e ralha; ou então, em desespero de causa, experimenta jogos, luz, imagens, música e sons. O engenho que você manifesta é a sua pedagogia.

Mas também acontece de você não conseguir estabelecer nenhum contato. Os seus companheiros ou os seus alunos são cegos ou surdos, mentalmente, intelectualmente ou psiquicamente. Ou então você está tratando com seres — animais ou pessoas — que parecem estranhos às preocupações. O corredor é inacessível.

Então você procura outras portas que levem a outras zonas de vida, despertem outras vibrações, iluminem outros caminhos por onde você se possa lançar com êxito.

Você nunca se sentiu impressionado pelo silêncio calculado dos instrutores de cegos, pela sobriedade verbal dos treinadores de cães, de cabras ou de leões? Entraram por uma outra porta no domínio da educação, seguiram por outros corredores — e obtiveram bons resultados onde só encontraram o muro da incompreensão e a noite da recusa.

Já Jesus disse: "Há várias moradas na casa de meu pai."

Autocracia ou liberdade

Por ter desde sempre o hábito dos gestos lentos e comedidos através dos matos e dos atalhos, entre as minhas ovelhas tranqüilas, é que tenho essa tradicional filosofia do pastor que parece viver e pensar ao ritmo dos meses e dos astros.

O homem que, no vale, pragueja o dia inteiro contra o cavalo que rejeita a carga, contra o boi que teima em pastar nos campos proibidos, contra a terra dura demais ou o inseto devastador torna-se rabugento, resmungão, desconfiado e pessimista.

O jovem de hoje, que anda de motocicleta, ou ao volante do carro, treina-se em gestos rápidos, decisões espontâneas mais ou menos refletidas, reações brutais e maquinais.

O burocrata tem medo da vida que perturba suas previsões teóricas, o professor dita ordens e adverte, encolerizando-se contra a preguiça e a indisciplina dos alunos.

Ao manejar os manuais escolares, ministrar douradas lições, corrigir erros, castigar ou recompensar, o professor adquire, rápida e infalivelmente, um espírito de autocrata que julga criar a vida e conduzir o mundo com a sua varinha sábia.

Faça o professor descer da sua cátedra-pedestal, abra as janelas, descruze os braços, faça brilhar o sol, abra as bocas, escreva, desenhe, imprima, grave e esculpa, atire-se ao trabalho, ao ritmo novo das máquinas que animam o ronronar morto da escolástica...

Então você suscitará o espírito novo da escola moderna. Ultrapassará a atmosfera e o comportamento do mestre-escola autoritário, para elevar-se à nova filosofia do educador emérito, sementeiro de liberdade e que forja os construtores da sociedade fraterna de amanhã.

Somos aprendizes

Somos aprendizes, às vezes com a pretensão de mestres e ocultando de bom grado, a nós mesmos, as nossas imperfeições e as nossas impotências.

E então! Não estudamos demoradamente nas escolas e não estamos providos, como os mecânicos e os pedreiros, do nosso certificado de aptidão profissional? Longos anos de prática não nos teriam dado, portanto, essa certeza no diagnóstico e essa segurança na decisão, apanágio dos velhos trabalhadores peritos na sua profissão?

Temos de acreditar que a máquina humana é muito mais complexa e delicada do que os mais engenhosos mecanismos dos especialistas, pois os próprios professores de psicologia e de pedagogia são aprendizes que não descobriram ainda os verdadeiros segredos de uma ciência que os ultrapassa. Também eles, quando se encontram diante dos verdadeiros problemas da vida, diante de crianças difíceis de manejar, diante dos atrasados e anormais, numa classe heterogênea a ser conduzida e orientada, tateiam como nós, num êxito igualmente relativo.

Admiramos os cérebros poderosos que fazem malabarismos com as matemáticas e procuram construir robôs esclarecidos por um embrião de inteligência. Esperamos ainda o homem que saiba perscrutar o homem e nos guie, com mestria, através dos caminhos que a nossa pobre ciência psicológica mal começa a deslindar.

Somos todos aprendizes. Estamos todos na fase das pesquisas e ainda não descobrimos as brechas por onde subir triunfalmente aos domínios até agora proibidos. Nada se disse ainda de definitivo, a não ser o humilde reconhecimento da nossa comum ignorância.

Às vezes temos medo de que a terra torne-se pequena demais para o apetite dos pesquisadores, obcecados pelo apelo da aventura e do desconhecido.

Mas resta-nos o homem para conhecer e conquistar. Nessa conquista, como para todas as conquistas, os práticos, os homens de profissão, são chamados a trazer a primeira pedra — talvez aquela que, por reação em cadeia, irá despertar uma imensa necessidade de exploração do homem e da criança que será o homem de amanhã.

A profissão nos marca

A profissão nos marca, dizia, por entre dentes, o velho pastor, afastando os ramos com o cajado.

Veja, lá embaixo, na saída da aldeia, aquela figura passando na linha acinzentada do caminho: é o sapateiro. E aquele outro, ocupado diante da cocheira, é o estalajadeiro.

Um pastor não anda como um sapateiro e não pensa como um estalajadeiro. É como a ovelha que marca a trilha, de tanto passar e passar. Os gestos de todos os dias, a quantidade de ar que respiramos, a luz ou o frio de que nos impregnamos, o esforço das costas, da cabeça ou dos braços, são outras tantas linhas inscritas na originalidade do nosso comportamento. O homem que pode cantar ao sol nascente até fazer fremir os ecos não tem de modo algum o olhar enfastiado do operário que, na sua bancada, conta, de cabeça baixa, as pancadas do martelo.

E você, como todos os professores, fica marcado, mais do que os outros, pelas exigências formais da sua profissão, como se cada dever corrigido, cada traço vermelho, cada lição repetida, cada reguada na mesa, cada punição generosamente distribuída cvassem em você um sulco indelével.

Abandone a cátedra e pegue a ferramenta, alinhe matrizes e prepare uma tiragem, extasie-se diante de um êxito; seja ao mesmo tempo operário, jardineiro, técnico, chefe e poeta; reaprenda a rir, a viver e a se emocionar. Você será um outro homem.

É pelo brilho dos olhos que se avaliam a porção de liberdade e a profundidade da cultura do bom operário que pudesse vangloriar-se de ser educador.

8. E a luz se fez

No ano de 1959

— O que não faríamos pelos nossos filhos!

Se todos os pais de família se decidissem a fazer pela prole o que o lavrador faz pelos seus animais, o agricultor pelas suas árvores, o industrial pelas suas máquinas, o criador pelos seus animais de raça, quantas nuvens se dissipariam!

Quando o lavrador aumenta o seu gado, acrescenta naturalmente uma ala ao curral; e que ala! Inundada de ar e de luz, com água corrente e energia, condições higiênicas garantidas pelo controle regular do Estado que, aliás, subvenciona os indispensáveis trabalhos de modernização.

Por que é que os pais não têm a mesma solicitude pelas escolas dos filhos e não exigem vigilância eficaz, a fim de os estudantes de 1959 desfrutarem, finalmente, de instalações sadias e confortáveis, previstas para as vacas e os cavalos?

Quando o arboricultor quer plantar o seu pomar, cava fundo o terreno, estruma e, sobretudo, ocupa amplo espaço sobre os prados e campos. Não acumulará cem árvores onde apenas cinqüenta poderiam viver. Lavrará o campo vizinho e tornará a plantação racional e produtiva.

Quanto a vocês, pais, aceitam que se amontoem cem crianças em locais previstos para cinqüenta e que sejam privadas de trabalhos elementares que lhes permitiriam desenvolver-se e viver em condições de eficiência e de humanidade. E vocês bem sabem que os cavalos e os cães de raça, para afirmar as próprias qualidades, exigem condições de habitação, de alimentação, de asseio e de exercícios, sem as quais nenhum chegaria ao seu máximo de agilidade e de elegância.

As crianças, que serão os inventores e os construtores de amanhã, não são dignas de uma atenção igual?

Talvez vocês respondam que os vastos locais, os espaços generosos em volta das cidades, são açambarcados pelas fábricas e pelos armazéns onde se instalam, em condições de luxo e de comodidade, os aperfeiçoamentos técnicos que de fato admiramos.

Para fazer viver e modelar o homem que amanhã conduzirá e dominará essa técnica ousada, sobram apenas os pátios nus, a sombra fria das fábricas e as escolas da Idade Média, repelidas, como parentes pobres, para longe dos centros favorecidos.

— O que não faríamos pelos nossos filhos!

Então, que se levantem vozes reivindicando, a favor da grande obra de educação, as regras de higiene e de salubridade previstas para fábricas, armazéns, animais de rendimento e pomares férteis! Que se organizem comissões de inquérito de pais, de educadores, de parlamentares, a fim de estudarem objetivamente as necessidades das escolas do povo, para, no ano de 1959, a criança ter as atenções que se reservam ao lucro, ao animal de luxo, à árvore produtiva.

Os fundos?

Bastará fazer recuar as forças de guerra em proveito da vida.

O carreteiro atrasado

Parado na beira da estrada e ocupado em reparar um tirante enquanto o cavalo, cansado, comia aveia, o carreteiro atrasado amaldiçoava os transportes modernos:

— Podem falar das suas novidades! Andam mais depressa do que nós, não há dúvida, mas o que é que eles vêem pelo caminho, a não ser o desenrolar vertiginoso das paisagens que nós gozamos intensamente? E em que estado chegam ao fim, quando chegam, e fortalecidos de que riquezas?

Se fizéssemos um balanço fiel...

Que seria falso, pois vocês já não têm medidas comuns, porque a fila de árvores desfilando por trás da janela do trem em nada se parece com a beira florida do caminho que você acompanha ao passo sonoro da parelha da carreta...

— É justamente essa ilusão de velocidade que eu receio, não somente pela embriaguez com que parece alimentar os espíritos, mas também pela deformação sistemática que provoca.

Você acha que estou atrasado! Fui feito carreteiro; tenho, bem seguros nas mãos, rédeas e chicote; conheço a estrada e, aliás, basta-me seguir o meu fiel cavalo. Não tenho medo de capotar, nem de trombar perigosamente com qualquer outro veículo, nem de ultrapassar os sinais e me perder em qualquer travessa perigosa.

Aliás, é sem dúvida porque represento a tradição e a segurança que levo ainda, no meu carro, alguns viajantes atrasados que me abandonam na primeira parada para montar numa bicicleta ou tomar o trem. Não é por isso que vou abandonar o meu cavalo nem este carro que está rodando há cinquenta anos e pode muito bem ver o fim do século!

É verdade! Os jovens talvez tenham razão. O passado não lhes pesa e eles enfrentam a novidade e as dificuldades com uma temeridade que nos desconcerta. Receiam, menos do que nós, as viradas e as cambalhotas.

Já fizeram a própria escolha. Caminham para a vida.

Uma pedagogia que já não ousa dizer seu nome

O automóvel ganhou definitivamente a partida.

O carreteiro já não se orgulha da sua carreta, desbotada e oscilante, que o carpinteiro, feito mecânico, já não quer consertar, e cujos arreios, com os metais usados e sem brilho, o seleiro não poderia restaurar. As próprias campainhas deixaram de tilintar no pescoço das mulas.

O carreteiro sente, no entanto, um certo pudor em falar mal da sua carreta. Viveu com ela até agora e não considera, no momento, a possibilidade de trocá-la por um sistema novo de melhor rendimento. Se o interrogarmos, dirá que o seu cavalo é verdadeiramente um animal esplêndido, que a carreta ainda roda com facilidade e comodidade e prestou muitos serviços preciosos! O automóvel anda depressa demais... É perigoso... e temos de contar com as avarias tão freqüentes!

Diz tudo isso sem grande convicção, como homem que sabe fazer cara alegre para a desgraça. Se amanhã tiver oportunidade de adquirir um automóvel moderno... abandonará, quase sem pesar, a velha e fiel carreta de cavalos.

Assim acontece com a pedagogia.

As nossas técnicas ganharam a partida de métodos tradicionais que já não ousam dizer seu nome, porque nada lhes resta mostrar de que possam orgulhar-se: nem as máximas morais nem os princípios de instrução cívica que, antigamente, iniciavam solenemente o dia e que já perderam toda a majestade filosófica e humana; nem esses resumos de catecismo, cuja fase a própria Igreja já ultrapassou; nem as aulas verbosas demais, classificadas por alunos irreverentes como bla bla blá e encheção de lingüiça; nem o moinho de café ou o prato decorado, cuja pobreza se sente instintivamente; nem mesmo a disciplina autoritária que, ainda há pouco tempo, era uma das virtudes primeiras da Escola.

Se pelo menos os métodos modernos nos perturbassem menos os hábitos, se andassem mais devagar, se estivéssemos mais bem preparados para conduzi-los sem risco de avarias desconcertantes!

A ferramenta da sua escola está desbotada e as pinturas novas mal se agüentam nos varais usados, as rodas rangem, meio deslocadas, as campainhas rachadas perderam a ressonância argentina.

A Escola moderna está esperando por você! *As técnicas modernas ganharam a partida*

A superioridade, hoje autêntica, das técnicas da Escola moderna não poderia ser evidenciada sem se estabelecer a comparação com os velhos métodos que, progressivamente, vão dando vez à experiência probatória de instrumentos e de processos de trabalhos mais eficientes.

Isto não significa de modo algum que menosprezamos aqueles nossos colegas que, por diversas razões de que não são os únicos responsáveis, ainda não puderam ou não souberam enveredar pelos novos caminhos.

Podemos achar desusado o arado ou a carroça e a eles preferir o trator, sem que qualquer sentimento de censura ou de desaprovação agrave as comparações que se impõem; no entanto, é fazendo rodar, lado a lado, a carroça e o trator, que se avaliam verdadeiramente os progressos técnicos e humanos a serem explorados e reforçados.

A História nunca é uma frente unida que avança num bloco, época por época. No domínio da escola, como no da técnica agrícola ou da habitação, todas as fases apresentam-se como testemunhas de um passado que se agarra à vida que avança. As velhas cozinhas, arranjadas como eram na Idade Média, acompanham as casas de colunas do século XVII e as casas modernas recém-rebocadas. Nas nossas escolas, os bancos 1890 ainda são sólidos, junto das mesas individuais feitas de tubo metálico: os quadros murais cartonados do começo do século contrastam com as heliogravuras de E Nathan, e os manuais escolares, mais ou menos atrasados, conservam um lugar de honra, raramente merecido.

Os métodos são resultado dessa situação de fato, como a atmosfera escolar, de que o educador é, conscientemente ou não, a primeira vítima.

É para servir à escola e aos educadores que esclareceremos a questão, deixando seguir lado a lado o trator e a carroça. Pedimos aos nossos camaradas que nos auxiliem lealmente e sem preconceitos, nesta pesquisa que farão em primeiro lugar nas suas próprias classes, para estudarmos depois, em comum, como o presente e o futuro podem desembaraçar-se de um passado de que serão resultado reconfortante.

A verdadeira ciência psicológica

Hoje, é moda medir tudo, para equacionar até os principais elementos da nossa vida; mas, ao fazê-lo, esquecemo-nos de que ainda não desbravamos a estrada onde é menos prematuro colocar os sinais de marcação; de que não são as mesmas as unidades que delimitam um caminho, pesam um líquido, calculam uma superfície ou tentam avaliar as reações sutis e complexas do ser vivo.

Cem passos, diz a ciência aritmética, são o dobro de cinquenta passos. Sei, porém, que há passos

longos com calvários e, às vezes, decisivos de eternidade, e outros, alados e dinâmicos, que passam aceleradamente. Cem não é forçosamente o dobro de cinqüenta.

Esta visita durou só cinco minutos; e você diz: quanto tempo!...

Você recebe amigos e... Já vão embora?

Trinta minutos, para o nosso ser, nem sempre são seis vezes cinco minutos.

O psicólogo mede os tempos de reação às questões e aos problemas colocados pelo teste. No entanto, existem certos espíritos que apanham as coisas num ápice e mostram uma pressa febril em responder e se libertar; outros que têm de seguir técnica e metodicamente os longos caminhos do conhecimento e cuja vida parece toda interior, às vezes tão profunda, que se corre o risco de desconhecê-la e descuidar dela.

É injusto e perigoso — e errado — medi-los, a uns e a outros, com o mesmo metro inexorável, como essas crianças que, nas nossas classes, misturam as unidades e calculam em volume a altura da árvore considerada.

Você dirá que o que estou afirmando não é científico. No entanto, não serão as nossas observações reais demoradamente controladas, suscetíveis portanto de servir de base, melhor do que as suas estatísticas errôneas, à verdadeira ciência psicológica? O bom senso talvez seja simplesmente uma presciência que tem os seus cálculos e as suas normas, eminentemente diversos e delicados e para os quais não se estabeleceram ainda leis e protótipos universalmente válidos.

Estas férias passaram ventando!... Como são longas as primeiras horas de escritório!... Há quem pretenda que oito horas são, em todo lugar, oito horas. No relógio, talvez; mas, para a minha realidade psicológica, a medida é ostensivamente falsa. Os acontecimentos e a vida são medidos e julgados segundo leis que nos empenharemos em precisar, enquanto aguardamos que a verdadeira ciência algum dia evidencie o essencial valor de exatidão e de perenidade delas.

O frêmito da paz

O rebanho de ovelhas e de cabras seguia pela estrada branca. Os animais estavam confiantes e serenos, porque à frente ia o pastor conhecido, numa das mãos o chicote profissional e, na outra, o primeiro ramo de pessegueiro róseo que a primavera acabara de fazer desabrochar.

... Daqui a pouco, uma porta de matadouro se abrirá. O pastor desaparecerá bruscamente ou, pelo menos, o seu ramo de pessegueiro róseo. Só restará o chicote que obrigará os últimos hesitantes a se decidirem.

Eis, porém, que uma cabra desconfiada — e sutil — começa a agitar-se, inquieta. Levanta a cabeça e funga, depois parece que vai parar. Essa hesitação comunica-se, como um rastilho de pólvora, a todo o bando que, fremente, adivinha o perigo. O pastor abandona então o ramo de pessegueiro róseo e, às chicotadas, procura juntar os animais perdidos na inconsciência dócil do seu destino de abastecedores de matadouro. Tarde demais: a cabra sutil tomou um caminho transversal e o rebanho segue-a para longe do odor de sangue, em direção dos tentadores prados verdejantes da segurança e da paz.

Somos o enorme rebanho que maus pastores — com o chicote da falsa justiça numa das mãos e, na outra, o ramo de oliveira cujo símbolo perverteram — conduzem para a próxima hecatombe. Não basta seguir passivamente o ramo de oliveira, nem se abrigar por trás de cômodas etiquetas. É necessário que, em meio a essa massa imensa em marcha para os seus destinos, se erga o maior número possível de homens e mulheres, sutis e corajosos, que conhecem — infelizmente! — o odor e o preço do sangue e o

valor dos símbolos.

A sua inquietação ativa fará passar, sobre a massa, um frêmito decisivo. Os homens, as mulheres e os jovens — que querem viver — enveredarão também por caminhos transversais, derrubando barreiras, invadindo pastagens, e os falsos pastores correrão em vão — com o chicote numa das mãos e, na outra, o enraivecido ramo de oliveira — para levarem de novo o rebanho para o caminho do matadouro.

Que os homens sutis e corajosos ergam a cabeça e sejam os primeiros a seguir pelas veredas libertadoras, e que, entre esses primeiros, encontre-se o grande exército pacífico dos educadores do povo. Então, o irresistível frêmito da paz se ampliará.

Se eles mandam!

Se eles mandam na Câmara ou no Sindicato — dizia o fleumático pastor mastigando as palavras —, é porque nós os deixamos mandar.

Sabemos discutir muito bem, no café ou na curva dos caminhos, quando nada nos apressa, o sol está claro e o rio murmura aos nossos pés. E assim, entre nós, reconstruímos o mundo. Mesmo Deus tem a sua parte de críticos e, por pouco, nós lhe faríamos concorrência. Mas quando se trata, numa reunião, de dizer as verdades aos que criticamos e de tomar diante deles a posição viril que tomamos entre nós, então já não há homens. Há somente ovelhas e criados.

E, na saída, nós nos lamentamos!

É verdade que eles foram habituados a falar e a mandar, e, quanto a nós, nossa função é calar e obedecer. No entanto, temos o mesmo na cabeça, e na língua não é eloquência que nos falta. Sentimo-nos simplesmente dominados por uma cadeia de que não nos conseguimos libertar.

O mais grave é que essa cadeia somos nós que a preparamos, e a forjamos para os nossos filhos.

Quando resistem a nós obstinadamente, por acharem que têm razão contra as nossas razões e a nossa autoridade; quando defendem até a raiva e as lágrimas — e em respeito, é verdade, pelas hierarquias formais — o que são o bem e a verdade deles, batizamos essa coragem de presunção e essas reivindicações de irrespeitosa inconveniência.

Talvez se você, educador, os ajudasse a afirmar a sua personalidade como desejaria ensinar-lhes ortografia e cálculo; se você os treinasse para salvaguardar a própria dignidade, com a mesma ciência pedagógica que emprega para os fazer obedecer; se você tivesse tanto cuidado em formar o homem como em educar o estudante, então talvez tivéssemos amanhã gerações capazes de saber defender-se dos faladores e dos políticos que hoje nos dirigem.

Porém, os que mandam lhe dirão, para desanimá-lo, que, ao esquecer as hierarquias justas e formais você está fazendo uma reivindicação presunçosa, e que você perdeu, pela ciência deles, o respeito devido aos ídolos e aos deuses.

E a luz se fez!...

Os soldados voltavam da "grande" guerra. Encontraram a aldeia tal como a deixaram, cem anos atrasada em relação aos lugares que percorreram.

E à noite, no serão, enquanto o candeeiro fumacento tremeluzia, os mais ousados observavam:

E dizer que temos uma grande nascente, bem no meio da aldeia, que faz girar o moinho do André, e que com essa água seria tão fácil produzir eletricidade!

Os sonhadores de planos, os fazedores de projetos, os palradores repetiam:

E isso seria tão fácil!

Poderíamos iluminar-nos com tão pouca despesa!

A nossa aldeia ficaria tão transformada!

Os céticos, porém, sabendo o resultado daquelas veleidades, concluíram:

Sempre vivemos com a nossa madeira resinosa e o nosso candeeiro fumacento... Dizer e fazer são duas coisas diferentes!...

Um dia, Mathieu pôs mãos à obra: fundou um sindicato, mandou estudar um projeto, arranjou fundos. Não é preciso dizer que as autoridades, a administração e a prefeitura puseram-se contra ele.

E os "inovadores" tão corajosos e os sonhadores de planos divertiram-se a perturbar, com o seu ceticismo, a empresa temerária daquele que pretendia transpor para a realidade os sonhos dos palradores.

Mas, certa noite, a eletricidade iluminou a aldeia!... A luz se fez!... Em volta dos candeeiros espalhados ao longo das ruas, a juventude dançou festejando o milagre finalmente realizado.

A luz tornara-se, então, uma coisa pública, evidente e definitiva, e os "inovadores", os sonhadores de planos e os palradores elogiaram seus benefícios. Hábeis na arte de explorar o trabalho dos outros, formaram um comitê, informaram os jornais e, na inauguração oficial, convidaram aqueles mesmos que se haviam oposto ao projeto audacioso, o prefeito à frente.

No entanto, esqueceram-se de Mathieu, que pegou a enxada e foi para o campo, cuidar da futura colheita. Aliás, já tivera sua recompensa, pois fizera jorrar a luz!

A noite virá sempre cedo demais

O educador está inquieto.

Valerá a pena fazer brilhar um pouco de sol nas nossas classes, dar aos alunos clarões promissores de Escola moderna, se em seguida tiverem de retornar lamentavelmente ao nevoeiro e à noite da escolástica? Não corremos o risco de fazer com que percam inutilmente o equilíbrio moral, talvez no momento em que se expunham a um *modus vivendi* válido para o meio escolar que lhes é imposto? Uma experiência da Escola moderna será, em todas as circunstâncias, uma boa ação?

É como se colocássemos a questão de saber se é generoso e desejável deixar entrar o raio de sol no quarto do doente, sob o pretexto monstruoso de que só aparece acidentalmente, e se não deveríamos habituar as pessoas das regiões brumosas ao claro-escuro e à penumbra, onde terão de trabalhar em qualquer circunstância. Se não seria prudente sujeitar as crianças, bem cedo, às privações e à dieta, prevenindo os dias difíceis que terão de enfrentar — se temos o direito moral de ensinar a liberdade a quem talvez esteja condenado a obedecer servilmente por toda a vida.

Não avalie assim a sua economia pedagógica, por um raciocínio contrário ao bom senso. Siga a natureza. O sol brilha, mesmo que só por um instante — aproveite-o. A noite virá sempre cedo demais.

O educador não é um forjador de cadeias, mas um semeador de alimento e de claridade.

Colocamos a nossa pedra

Que me importam o pensamento e o espírito de todos os pastores que passaram, antes de mim, pela montanha, se nenhum deles deixou a sua marca nem no atalho que sobe, nem nos hábitos das ovelhas que seguem pelos trilhos?

A fumaça também sobe, em volutas azuladas, por entre os telhados das casas e as árvores da colina. No céu, as nuvens parecem inscrever hieróglifos que alimentam os sonhos das crianças desocupadas.

Abaixei-me, ao passar. Dobrei um ramo, que já não estorva a passagem. Dispus uma pedra como uma indicação e um sinal, com o facão cavei um rego para recolher a água da nascente e onde beberão as crianças e as ovelhas.

Você dirá que são poucas coisas, em relação ao que se poderia fazer para simplificar e humanizar a vida do pastor; porém, se cada pastor fizesse, todos os dias, esse pouco de obra prática a serviço da comunidade, a nossa profissão seria, então, enriquecida e facilitada.

Que me importam os teóricos que construíram, em volutas de fumaça, sistemas que o vento varre da mesma maneira como desagrega nuvens quiméricas? Outros, antes deles, falaram com inteligência e autoridade, mas não marcaram, com o pé obstinado, o rastro no atalho, não colocaram a pedra diretamente nem cavaram o rego.

São definitivamente os impressores de livros, os inventores das canetas, os fabricantes de máquinas de escrever e de imprimir, os animadores do cinema e do rádio, que sinalizam, passo a passo, o lento progresso da pedagogia.

Durante muito tempo, alguns falaram sem trabalhar, outros trabalharam sem ter o direito de falar, como trabalhadores que nunca se encontrarão no túnel por onde enveredaram.

Colocamos a nossa pedra. Sabemos que irá ajudar e guiar os que vierem depois de nós para continuar o caminho.

A vingança dos "realistas"

Dizia o velho pastor: entre nós, há também os "idealistas" e os "iluminados". Têm uma idéia na cabeça, como se perseguissem um sol que só eles enxergam e para onde se dirigem, sem prestar atenção às cercas que derrubam, aos prados que calcam, aos recalcitrantes que empurram ao passar.

Foram esses "iluminados" os construtores da cabana em que nos abrigamos, ao passo que, há milênios, os pastores dormiam em pleno campo, à volta do fogo que reavivavam quando o frio era intenso. Esse canal que rega toda a aldeia é obra de um idealista — e também a estrada e a instalação elétrica que deu às moradas adormecidas uma claridade que é como uma nova redenção.

Contra eles colocaram-se, naturalmente, os proprietários de prados e de cercas, os que traçaram ou mandaram traçar caminhos para uso pessoal, e em cuja entrada afixaram o letreiro tradicional: "Propriedade particular"!... O moleiro jurou vingar-se do sonhador que lhe desviou a água do moinho, e o merceeiro reclama, pois vendia mais petróleo antes de todas essas novidades.

Mas já os hábeis "realistas", mesmo maldizendo os sonhadores, apoderaram-se dos seus êxitos. Sabem que o mundo avança e que é necessária uma vanguarda que prepare os caminhos, e que a luz descoberta por ela não se extingue facilmente. Os pastores ocupam a cabana, onde o iluminado já nem encontraria um lugar simpático: o moleiro batizará com seu próprio nome o canal que tentara sabotar, e o político inaugurará a iluminação elétrica.

Na platéia, talvez alguém diga: "Vejam, nem se atreve a vir, aquele que, em vez de participar sensatamente na obra que realizamos, retomou o seu caminho em direção aos sóis vislumbrados."